

A última peça



Karina Heid



A ÚLTIMA PEÇA

KARINA HEID

Arte da Cura

CONTENTS

1. [Destino, sorte, acaso, carma](#)
2. [Um mundo nem tão pequeno assim](#)
3. [A primeira peça](#)
4. [A segunda peça](#)
5. [Quem é o vilão?](#)
6. [Catorze](#)
7. [Brincando de casinha](#)
8. [Simpatia pelo inimigo](#)
9. [Meu monstro](#)
10. [Estrela de todo barco errante](#)
11. [Por favor, não, João](#)
12. [Acho que estou gostando de você](#)
13. [E se fosse com você?](#)
14. [A peça é ela](#)
15. [Dias escuros](#)
16. [Caixinha de surpresas](#)
17. [Três Diários](#)
18. [Ele é mesmo gay?](#)
19. [Ciúmes](#)
20. [Vamos então](#)
21. [A primeira vez de um menino e uma menina](#)
22. [Você lê, eu te abraço](#)
23. [O que está acontecendo entre nós?](#)
24. [Oficialmente, o primeiro Beijo](#)
25. [Mil vezes mil](#)
26. [Passagens](#)
27. [Não vá](#)
28. [O Retorno](#)
- [Um ano depois](#)
29. [Bia e as palavras](#)
30. [Prólogo \(ou epílogo, se preferir\)](#)
31. [Destino?](#)

32. [A última peça](#)

33. [Epílogo](#)

[Pequena Nota sobre João Pedro e Bia](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

DESTINO, SORTE, ACASO, CARMA

“O destino quis que a gente se achasse,
na mesma estrofe e na mesma classe,
no mesmo verso e na mesma frase.” — Paulo
Leminski

É raro que numa manhã de segunda-feira alguém filosofe sobre as grandes questões universais. Geralmente estamos ocupados com coisas mais mundanas — por exemplo, se lembramos da senha do computador depois do fim de semana ou pagamos a conta do self-service da esquina —, mas o fato é que hoje, desde que acordei, só penso em destino. Não em senhas ou contas não pagas, mas na inevitável sucessão de eventos advindos de uma presumível ordem cósmica.

Dez andares abaixo, a rua formiga de gente. A multidão espreme-se nas calçadas numa marcha contínua de ir e vir, sem atentar ou acreditar que sobre elas estrelas decidam suas fortunas. Não sei se as estrelas tiveram alguma coisa a ver com a minha mudança de sorte. Talvez sorte seja nada mais, nada menos que a prova da mobilidade natural das coisas. Queda e ascensão. Perda e resiliência humana.

— Aê, garotinho!!! — o grito do meu irmão ecoa pela sala nova.
— Parece que foi ontem que rabiscava as paredes de casa, e agora virou... — ele estreita os olhos para a placa pregada na porta: *Pedro Lima, editor chefe*.

— Editor chefe!

Deixo a janela para receber o abraço de Bruno. Ele colide contra a secretária que tenta em voz baixa avisá-lo que não pode entrar sem ser anunciado.

— Está tudo bem, Neide — tranquilizo a senhora que se recupera da colisão. Bruno mal percebe que atropelou a senhorinha

franzina, sequer a notou atrás dele. A mulher fecha a cara e volta à mesa, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Tô orgulhoso de você! — Bruno diz estalando minhas costelas. Após o *crack* ele me solta, procurando ao redor uma cadeira para se sentar. — Rapaz, finalmente deu para aparecer.

Ele tomba sobre a cadeira, que cede sob seus cento e cinquenta quilos.

— Já estava achando que nunca aceitaria meu convite para um café — encosto na mesa à frente.

Ele checa o relógio e torce a boca: — Na verdade, só vim mesmo te dar os parabéns. Fiquei feliz quando ouvi sobre a promoção.

Cruzo os braços e sorrio para os pés.

— Essa foi rápida, hein? — ele continua. — Parece que foi ontem que você começou a se aventurar nesse negócio de livros.

Franzo as vistas. — Bem, *ontem* é meio inexato, faz cinco anos que só faço is...

Bruno desencosta da cadeira e me dá um empurrão. A mesa chacoalha. Além de dez centímetros maior que eu — ele tem 1,97 —, ele é o que costumam chamar de *tipo bem nutrido*. Se eu não estivesse escorado na mesa teria tombado.

— Você sempre foi bom com letras, mas foi esse seu dom para números que finalmente te levou a algum lugar — ele mexe com os dedos como se a matemática fosse um tipo de mágica.

— Quem diria, editoras gostam mais de números que palavras — digo de certa forma surpreso. Como não se surpreender quando alguém aponta que você, aos trinta, não havia chegado a lugar algum?

— Sabe o que você deveria fazer? Trabalhar para mim — ele sugere.

Em sua confecção de roupas para ostentação funk cuja contabilidade, para colocar de maneira polida, faz fronteira com o ilegal? *Irrecusável*.

— Achei meu lugar, Bruno.

— Tá aí uma verdade. Não via você tão bem há tempos.

Ficamos por um tempo assim, eu olhando para o chão tentando afastar a sensação indigesta na barriga, ele testando o sistema

hidráulico da cadeira. Só um irmão saberia quantos foram os meus maus momentos. Um *bom* irmão, me corrijo; esse não é o caso de Bruno.

Enfim, passou.

Ele bate as mãos nos braços da cadeira e eu acordo. Seu cordão dourado, uma corrente de amarrar navios de ouro maciço, reluz sob a claridade da sala: — Então é isso, João Pedro. Já vou.

Meu irmão sempre finaliza assim suas visitas: então é isso. Esta, por exemplo, bateu recordes: um abraço, uma justificativa, dois parabéns e um elogio.

— Preciso voltar para o escritório. Deixei o carro estacionado na vaga de cadeirante, e sabe como é. O povo anda muito chato. Mas melhor lá que na de idoso, né? Posso mancar, mas não fingir que sou caduco.

Meu sorriso congela no rosto. Este é Bruno.

— Então falou, meu querido. Boa sorte em... no... — ele gira o dedo no ar, procurando na memória o título na placa. — ...nisso!

Ele abre os braços. Beija minha testa e estala a minha outra costela. Sai da sala atropelando Neide outra vez, que por susto acaba lançando a papelada que carrega no ar. Bruno pula as folhas esparramadas no chão, desaparecendo atrás de uma das muitas baias que enfeiam o salão da editora Alpina.

Suspiro, sem saber o que dizer. Ando até a secretária e me abaixo ao seu lado. Cato as folhas ao redor e coloco-as gentilmente sobre a pilha que ela volta a equilibrar nos braços.

— Desculpe — murmuro.

Neide abraça a pilha e acerta os óculos que escorregam pelo nariz: — Esses aqui são para o senhor assinar — ela me entrega alguns contratos e atas, mal escondendo o aborrecimento. — E esse é o manuscrito que o Sr. Albano pediu para avaliar. Se precisar de qualquer coisa, estarei na minha mesa.

Ignoro a cara feia, os contratos e as atas e folheio o manuscrito, quando lembro que preciso de uma coisa. Uma coisa urgente, na verdade.

— Neide?

Ela se vira.

— Preciso de um teto.

Seus olhos arregalam. É um assunto pessoal, mas recebi um ultimato de Dagmar e tenho um teto até sexta. Depois de sexta não tenho mais.

— Para morar? — ela pergunta.

Franzo as sobrancelhas. Tento achar outra finalidade para um apartamento que não seja morar, mas evito constrangê-la ainda mais com piadas.

— É, para morar. Provisoriamente, até que meu apartamento fique pronto. Se souber de alguém que está procurando um lugar para dividir, peça para me procurar.

Murmuro um “sinto muito” pela bagunça causada por Bruno e ela faz um gesto com a mão, acho que desmerecendo minha preocupação. — Quer que feche a porta? — pergunta antes de sair.

Balanço a cabeça que sim. Vejo-a fechar a porta e suspirar enquanto anda até a mesa. Ela se senta e mexe no mouse do computador para acordá-lo. Que diferença faz bater ou não a porta? A porta, assim como a parede inteira, é de vidro. Minha sala é um aquário.

Olho ao redor para a equipe que vejo inteira e, por sua vez, também me vê. Não posso tirar uma meleca do nariz sem ser observado, não posso sequer coçar a droga do saco. Embora esteja aqui há quase um mês, ainda não me acostumei à visibilidade. Também não me acostumei a ser recepcionado com *bons-dias* falsos e reuniões com gente apavorada. Digamos que um jovem editor com talento para balanços orçamentários e uma ordem simples a cumprir — demitir dez por cento dos funcionários até o final do ano — seja tão bem-vindo quanto a lepra.

Coloco o manuscrito de lado, sentindo uma pontada dolorida no meio da testa. Lembro-me da alegria que senti ao receber a oferta da Alpina. O desafio, além de financeiramente irrecusável, era um elogio pessoal. Como recusar a proposta de salvar uma das editoras mais antigas do país? O que ninguém contou é que eu gastaria todo meu tempo na frente de números, e que ao final precisaria mandar um décimo dos funcionários para o olho da rua. Massageio a testa, irritado por não ter tempo de ler, por ter que me preocupar com atas e analisar números. Irritado também por não ter onde morar.

Saio da sala sem avisar aonde vou. Embico à direita, passo na frente do RH e atravesso a recepção em direção à cozinha. No pequeno nicho equipado com uma mesa, um micro-ondas e uma geladeira encontro um funcionário que foge de mim antes que eu possa pedir uma dipirona. Remexo solitário em gavetas, abro portas e compartimentos da geladeira. Nada. Estou quase desistindo quando vejo, esquecida na última gaveta, uma aspirina embalada em alumínio desbotado.

Ok, talvez eventos predestinados não existam, mas como questionar a existência da sorte? Volto otimista para a sala, vendo que a aspirina venceu há apenas dois meses. Concluo que gosto da aleatoriedade do acaso. Remexe um pouco com a ideia de causalidade, claro, e definitivamente põe abaixo uma certa crença na harmonia do cosmos, mas às vezes, simples assim, é tudo uma questão de feliz eventualidade. Quais eram as chances de encontrar uma aspirina na cozinha?

Atravesso a recepção quando, sem que espere ou deseje, capto algo na visão periférica. Algo que não deveria, pela teoria das probabilidades, estar ali.

Olho assombrado para o vulto no canto da visão. Não é possível.

Sentada no sofá da recepção está alguém que conheci muito tempo atrás. Alguém que deixei no passado e que jurei nunca mais olhar nos olhos.

O acaso e a sorte perdem lugar para outra instância, uma que não havia considerado.

Carma.

É Bia quem está ali.

UM MUNDO NEM TÃO PEQUENO ASSIM

“O destino conduz o que consente e arrasta o que resiste.” — Sêneca

No coração ecoa uma batida desesperada. Não é curioso que um órgão que more dentro de uma cavidade torácica responda de maneira tão rápida a um estímulo que não vê?

É ela.

Com um livro nas mãos, mergulhada em palavras.

O que corre pelas minhas veias é ruim. É repelente, e me faz querer vomitar à visão. Aquela é a garota que acabou com a minha vida.

As pernas seguem involuntariamente até a recepção. O homem que se debruça sobre o balcão e fala em tom secreto com a recepcionista não pode ser eu. Não pode, mas é.

— Oi — olho para o crachá, lendo o nome escrito em azul: Marinalva. — Marinalva, sabe me dizer o que aquela garota com o livro na mão está fazendo aqui?

Marinalva retribui a olhadela para o meu crachá e avermelha. Meu nome parece pouco importante ali, em cima do cargo.

— Q-quem?

Aponto para o meu próprio peito, como se a garota morasse bem *ali*. A moça entende que quero dizer *atrás* de mim. A garota que está na direção do meu dedo, não dentro do meu coração.

Ela se inclina para vê-la: — Acho que está aqui para a entrevista de emprego.

O frio viola as vísceras. *Não, não, não. Nada de emprego aqui.*

— Com quem? — pergunto com as mãos em punhos sobre o balcão.

— Acho que Suzy, do RH.

— Suzy — repito dando uma batida leve na madeira e disparando em direção aos Recursos Humanos. O peito se

comprime como se o ar tivesse sido sugado do corpo. Os corredores parecem intermináveis e ainda mais estreitos. Entro na sala da gerente no momento em que ela pega o telefone para chamar a candidata. Fecho a porta atrás de mim, dizendo firme:

— Coloque o fone no gancho, por favor.

A mulher de nariz adunco e bochechas flácidas desce o fone com olhos esbugalhados. Não nos conhecemos direito, por isso sei que seu amedrontamento é real. Ando disparando sentimentos assim por aqui.

— Você está selecionando gente hoje? — pergunto cruzando os braços. Não quero que ela veja que minhas mãos tremem, consequência da adrenalina espirrada no sangue.

As sobrancelhas de Suzy vão parar no meio da testa:

— Como?

— Há uma garota na recepção que, segundo me falaram, está aqui para uma entrevista de emprego.

Minha voz sai estranhamente calma, como se uma parte de mim (e gostaria de ser apresentada formalmente a esta parte) soubesse como reagir no caso de uma hecatombe.

— Para qual vaga ela aplicou? A de revisora?

Suzy se inclina sobre um currículo, aliviada por entender do que se trata minha invasão à sua sala: — Você diz a candidata Beatriz Medina?

Fecho os olhos ao som do nome, sentindo algo oleoso se enroscar no estômago. Balanço a cabeça que sim.

— Sim, ela está aqui para a vaga de revisora.

Olho para a porta. Isso não pode estar acontecendo. É injusto que esteja, é praticamente impossível. O meu caminho e o de Bia não deveriam mais se cruzar. O que nos separou foi forte o suficiente para ser definitivo, e definitivo, por definição, significa *para sempre*.

Volto a olhá-la: — Eu faço essa entrevista.

Assim que a frase sai da boca, arregalo os olhos. Eu acabei de dizer que quero entrevistá-la? O sujeito *eu* não pode estar na mesma sentença que *faço essa entrevista*; o sujeito *eu* não deveria sequer estar no mesmo edifício que o sujeito *ela*.

As sobrancelhas de Suzy viram um til sobre os olhos. Estendo a mão, e ela me entrega a contragosto o papel.

— Preciso de dez minutos para estudar o currículo — murmuro deixando a sala.

Paredes passam por mim, vozes me cumprimentam, o suor da mão mancha a tinta da página. Estou longe em distância e tempo. De volta a um lugar que nunca mais gostaria de visitar, mas revisito. Por algum jogo de dados do destino, a vida que deixei para trás retorna, e com ela sentimentos antigos. O corpo vibra por algo que apelido, por puro otimismo, de curiosidade. Uma vontade tanto involuntária como intencional de saber o que aconteceu a ela naquele hiato de sete anos.

Sete anos atrás eu vi Beatriz pela última vez.

Não foi bonito.

Não foi romântico.

Quero saber o que ela conquistou e perdeu nos últimos anos; quero mostrar quem eu virei, ver sua reação quando souber que a decisão sobre *sins* e *nãos* repousa em minhas mãos. É vil, eu sei.

É uma pena que a sensação de ser malvado dure exatos três segundos. Nesses três segundos lembro do que aconteceu conosco. Lembro também dos sete anos que passei ao seu lado, e os sete seguintes em que tentei esquecê-la.

Mas no quarto segundo sou inundado por um sentimento estranho de piedade que me faz tombar na cadeira da sala vazia. Suspiro longamente antes de trazer a folha às vistas. *O que aconteceu com você, Bia?*

Os olhos correm as palavras, esperando encontrar respostas na folha de papel.

Curriculum Vitae

Beatriz Medina de Souza, 29 anos.

Telefone. Endereço.

Ela ainda mora com os pais, na mesma rua, no mesmo prédio em um bairro tranquilo da cidade de Vitória, no Espírito Santo. Lembro da cidade onde cresci. Do mar eternamente azul e das ilhas que salpicam a costa. O que ela quer aqui em São Paulo?

Experiências anteriores: Jornal *Vox Populi*, 2009 a 2010. Jornalista, escritora da coluna “Povo que faz.”

Povo que faz, releio o nome com o estômago embrulhado. Há sete anos aquele nome trazia alegria, hoje ele me faz mal. Lembro da escrita de Beatriz — bonita, simples, madura. A garota de vinte e dois anos que ela era esbanjava talento. Esqueço a coluna, pego ar e volto à leitura.

Experiência seguinte: Editora Lindbergh, 2015 a 2017.

Olho duas vezes a data. 2015 a 2017. Subo as vistas até a data anterior, 2009 a 2010. Há um salto entre uma experiência e outra, como se Beatriz não tivesse feito nada durante cinco anos. Procuro embaixo onde esses anos estão.

Formada na Universidade Federal do Espírito Santo, Jornalismo.

Curso de revisor a distância.

Tento entender por que a garota com o desempenho fora do normal faria um curso a distância em uma entidade pouco renomada. Bato com a caneta sobre o papel, bem mais curioso que deveria.

A curiosidade faz concessões importantes.

A curiosidade também matou o gato, João.

Abro o computador e me embanano com a senha. Agora é isso: toda semana tenho que inventar uma senha nova. *Vamos lá, mestre da criatividade*: pedro 123.

Entro no sistema da Alpina e tento achar nossas folhas de pagamento. Acho o salário oferecido para o seu cargo sem conseguir segurar a careta. *Que vergonha de salário, Alpina*. Sequer precisaria conversar com Beatriz, bastaria mostrar a ela aquele valor

e ela sairia porta afora, ofendida. Pego o telefone e disco o número da recepção com o texto simples

na ponta da língua: não temos a vaga.

É simples e rápido. Está nas minhas mãos.

— Bom dia, Marinalva. Avise à candidata Beatriz Medina que a vaga já foi preenchida.

Não ficou bom. Limpo a garganta e engrosso a voz para parecer mais seguro: — Bom dia, Marinalva, avise à Bia que...

Balanço a cabeça. Não, *Bia* não pode. Treino mais duas vezes a frase convencido de que não é questão de ser cruel, é só sobrevivência. Não quero cruzar aquele campo minado emocional todos os dias ao chegar no trabalho. Paguei pelos meus erros anos atrás, não devo nada a ninguém. Principalmente, não devo mais nada a ela.

Enquanto penso, rabisco traços aleatórios no bloco de papel.

— Alô? — a recepcionista atende, e as palavras debandam como se corressem de mim.

Abro a boca duas vezes antes de conseguir dizer:

— Marinalva, aqui é Pedro Lima. A candidata ainda está aí?

Droga, a voz saiu falhada. Mas ainda não é o momento de perder o otimismo; há uma chance remota de ela ter me visto e saído correndo dali, marcando o local para voltar mais tarde e fazer uma macumba na esquina.

— Sim, está.

— Diga a ela que...

Fale, Pedro.

— Diga que...

Não a chame! Bia é uma bola de demolição pronta para arrebentar contra você. Mande-a de volta para o inferno de onde saiu!

O coração pula uma batida, abalado pelo último pensamento: o inferno de onde saiu.

O inferno de onde saiu ou aquele onde ajudei a colocá-la?

Baixo os olhos para o papel e vejo os rabiscos. Em dezenas de formas e tamanhos, um único nome: *Bia*.

— Sim, senhor Pedro? — Marinalva me acorda.

— Peça à garota para vir até a minha sala.

— A sala da Sra. Suzy, o Sr. quer dizer?

— Não — bato a palma na testa. — A minha.

Abaixo o fone e o coloco sobre o aparelho. Um músculo pinça na lateral do rosto.

Olhe, um iceberg. Altere o curso da nau para atingi-lo, por favor. Fecho a mão e abro em seguida os dedos vendo que tremem. Há sete anos não a vejo e agora acabei de chamá-la para uma entrevista na minha sala.

A pulsação na parede interna da cabeça se transforma em golpes de marreta, e duvido que uma aspirina fora da validade consiga dar um jeito. Vejo-a virar na baia adiante, cruzar o corredor e parar na frente de Neide. Que droga, olhe para ela. Sete anos se passaram e ela continua...

Não termine a frase.

A barriga comporta um bloco de gelo. Encolho na cadeira, me preparando para o pior: o olhar de ódio, o grito de raiva. Minha mão tampa parcialmente o rosto, mas é tarde demais para me esconder. Ela me viu.

Bia para na frente de Neide e aponta para mim.

Os sons do escritório desaparecem. Carros somem da avenida, moléculas congelam no ar. Seus olhos continuam do mesmo tom de azul do céu dos dias alegres. O cabelo está comprido outra vez, preto, com aquele ar não domesticado de quem acabou de acordar. Reparo na blusa xadrez amarrada na cintura, na mochila flácida caída de lado, no sapato de lenhador. *Quem é essa garota?*

Ela anda em minha direção e dá uma batida na porta. O frio que transformou minha barriga no Ártico acha caminho para o resto do corpo. Aguardo o reconhecimento. A energia da raiva concreta, a força que mora nos sentimentos que se transformam em opostos e ajudam a suportar as ausências. Toda a ânsia de vingança, a afronta, a vontade de magoá-la e tomar o que ela me tirou desaparecem.

Espero um grito, mas recebo dela um sorriso. Ela olha a placa pendurada na porta e em seguida para mim: — Pedro Lima?

Minha testa ganha algumas linhas a mais.

— Meu nome é Beatriz Medina, é um prazer conhecê-lo.

A PRIMEIRA PEÇA

“Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” — Clarice Lispector

Ora, ora, se não é um gatinho dentro de um aquário. Um gatinho jovem, na casa dos trinta. Trinta e um? Talvez nem isso. *Editor-chefe*, diz a placa na porta. A barba aparada envolve um rosto bonito, e sob ela vejo uma boca bem desenhada. Pele rosada como se estivesse quente ao redor; olhos doces, grandes e íntimos. Quase familiares.

— Pedro Lima? — dou um passo à frente. *Qual seria o significado daquela linha entre suas sobrancelhas?* — Meu nome é Beatriz Medina, é um prazer conhecê-lo.

— Beatriz?

Sua voz desperta em mim algo há muito adormecido.

— Sim, sou eu.

Ele não diz nada. Estalo os dedos e olho ao redor. A falta de contornos da sala é aflitiva. Aflitivo também é o rosto crispado que me encara como se estivesse sendo torturado.

— Por favor — ele finalmente aponta para a cadeira.

Ando até o assento e jogo a bolsa no chão, ouvindo o *pof* relaxado da lona batendo no piso. A versão onomatopeica de “não ligo para essa entrevista” — o que, para constar, não é verdade. Sento no local indicado e por um tempo sou observada como se fosse de uma outra espécie. Sorrio sem jeito, olhando a papelada empilhada em uma torre bagunçada, os cliques que salpicam o tampo de vidro, seu contorno contra a claridade. Conheço tipos como o dele: jovens, dinâmicos e bonitos. Não o tipo de beleza que para o trânsito, mas o tipo que demora algum tempo para assentar. Que quando assenta, rouba o chão.

O meu tipo.

Os dedos das mãos tamborilam suados contra a pele, acompanhando o ritmo estranho que embala o coração.

— Você... está bem? — ele pergunta.

Limpo a boca. Não me olhei no espelho depois que comi o pastel na rua. Do que era mesmo o pastel? Tomate? Achava que estava bem até um minuto atrás, agora não sei mais.

— Sim — aliso a saia. — Estou aqui por causa da vaga de revisora chefe.

A análise continua, como se ele reconhecesse minha inquietação ou apenas me reconhecesse. *A menos que seja de Vitória ou tenha assuntos a tratar no centro de recuperação de lesões cognitivas, não acho que saberia quem eu sou, Frajola.*

— Como... você está? — ele pergunta. Sua voz tem aquele conjunto de qualidades que faz a pele arrepiar, e o efeito que causa nos meus órgãos internos é um ultraje.

— Eu? Bem, obrigada — respondo aquietando a barriga com a mão.

— O que está fazendo aqui?

A pergunta está certa, é entonação que parece errada. — Vim para a vaga — falo.

É difícil acreditar, mas se houvesse uma competição para medir quem parece mais tenso, eu perderia. O maxilar do editor, pela linha que corre dura ao redor do rosto, travou. Do seu pescoço sobem veias azuis que mais parecem videiras.

— Trabalhei nos últimos anos em uma pequena editora capixaba e fui de estagiária a revisora chefe em poucos meses — continuo. — Cheguei a São Paulo há poucos dias e estou distribuindo currículos.

Abaixo para buscar na bolsa três livros que ajudei a revisar. Nada fenomenal, mas definitivamente bem revisado.

O editor balança minimamente a cabeça que não: — O que está fazendo na *Alpina*? — ele ajusta a pergunta.

Volto a ficar reta e esqueço os livros. Não acho mais que estou delirando a respeito da entrevista: suas perguntas não fazem sentido. Há uma intensidade proposital por trás delas que eu não entendo. Aliás, há uma intensidade em tudo ao meu redor: na claridade excessiva, no olhar que parece saquear a alma, na

postura de interrogante, na veia que corta sua testa, no timbre grave de voz.

— Estou aqui procurando trabalho — respondo com cuidado.

— Por que justamente São Paulo?

Dou de ombros: — Precisava ampliar meus horizontes, eu acho.

A resposta não provoca nada nele. Eu e ele nos encaramos, eu sem saber o que achar dele, ele imóvel. É sério, o homem não se mexe. Não move um músculo, e eu não sei como alisar as linhas da *minha* testa, agora. Ampliar horizontes não foi exatamente o que me trouxe para cá, mas por que raios ele quer saber o que me traz à cidade?

Endireito as costas, incomodada com o olhar fixo no meu. O problema de olhares assim é que eles passam uma ideia de ameaça. Não é possível que ele tenha percebido que acabei de contar uma mentira, é? Que não tenho horizontes para ampliar, que falei aquilo porque soaria bonito, mas que a verdade é bem mais ordinária. Eu precisava deixar a casa dos meus pais para voltar a viver como se o mundo fosse um pouquinho meu, e não uma entidade contra mim. Que era sair de lá ou morrer dentro de um corpo e uma mente apertados demais para o espírito.

Mas para a cabeça, o que é sentido como ameaça é ameaça. Seu olhar é como a claridade que vaza o vidro e inunda a sala: acende o que está escuro e atravessa tudo rápido e afiado demais. Não há lugar para esconder as mentiras.

— Ok. Você é bom — eu me rendo, erguendo as mãos. — Não queria só ampliar meus horizonte. Vim para São Paulo porque moro em Vitória com meus pais e precisava respirar. Ou eu fazia isso, ou morria sufocada.

Forço um sorriso. Não há qualquer charme em querer mudar de cidade porque aos vinte e tantos você ainda mora com os pais. Mas não cabe muito charme na minha vida, então opto pela verdade. O problema é que meu sorriso não acha eco no rosto da frente. Pedro gira o pescoço para um lado e para o outro, estalando ossos. Ele parece testar sua própria estrutura, enquanto faz o mesmo comigo.

Sabe lá por quê, meus olhos correm a jato para o contorno volumoso de seus braços e voltam. *Bonito*, eu o adjetivo. *Charmoso e convidativo*.

Ele recosta na cadeira e abaixa meu currículo. Talvez entenda como é morar com os pais, talvez ele mesmo tenha saído de casa por que precisava respirar. Se sim, ponto para mim. Mas se não, se ele ainda mora com os pais ou vê a vontade de ser livre como algo negativo, então ele não pode me entender. Levo o dedinho à boca, incomodada com um pedaço de pele que despona ao lado da unha.

— Vitória — ele murmura como se há anos não ouvisse aquele nome.

Largo a unha e ameaço um sorriso: — Conhece Vitória?

Ele balança a cabeça que não, em seguida enfia a cara de volta no papel. Vira a folha, procura mais informações no verso. A próxima pergunta vem cautelosa e sem contato visual: — Aqui diz que você foi colunista, é verdade?

— Sim, tive por um tempo uma coluna.

— E hoje é revisora?

— A carreira de jornalista ficou para trás.

— Por quê?

Dou de ombros. — Decidi virar outra coisa.

— É uma mudança radical.

Não é impressão, o jovem editor quer me pegar. Onde estão as perguntas qual o seu maior defeito/qualidade? Ou se fosse um animal, que animal gostaria de ser?

— Jornalismo requer dinamismo e imediatismo — digo um pouco menos entusiasmada do que entrei. — Descobri há alguns anos que sou melhor em mergulhar em textos e detalhes.

— E você acha que revisão não exige dinamismo e imediatismo?

Embora sua voz seja doce e sua expressão estranhamente perdida, meu entrevistador quer claramente me desestruturar. O que ele não sabe é que não tenho em mim aquele gene que cai sob um sopro, e que para me fazer cair é preciso um pouco mais. Endireito a coluna e respondo, tranquila:

— Não.

Ele recosta na cadeira com as sobrancelhas erguidas: — Não?

— Não. Não acho.

Ele cruza os braços, e odeio que perca outro segundo apreciando seus músculos. Coço a orelha, mirando um ponto

aleatório da sala. Espero um segundo até as bochechas perderem o rosado.

— Não acha que terá que lidar com prazos ao corrigir um manuscrito? Com a gráfica cobrando o produto? — ele pergunta com olhos afiados.

Afio os meus de volta para ele: — Sr. Editor, eu sou de longe a revisora mais ágil que conheço. Corrijo manuscritos em poucos dias, se tiver um prazo a cumprir. Mas embora seja ágil, sou também detalhista. Vejo minúcias que escapam à maioria, e raramente algo passa por mim sem que eu note.

Uma sombra de incredulidade cruza seu rosto: — Será, Beatriz?

Meus olhos crescem. Ele acabou de questionar minhas habilidades sem sequer me conhecer? Esta é, oficialmente, a entrevista mais esquisita da minha vida.

A boca abre antes que saiba o que dizer: — Sei que soa pedante, mas se alguém tem que acelerar no processo, esse alguém não sou eu. Acho bonito que o mundo esteja em um relacionamento sério com a agilidade e o dinamismo, mas ainda não encontrei quem goste de achar erros em livros.

Ele não responde, e eu sinto o rosto arder. Qual é o problema desse homem? Por que raios ele me olha como se tivesse perdido alguma coisa em mim e não conseguisse encontrar? É incômodo ser olhada assim, desse jeito a que não consigo dar um nome. Desde que entrei ali sinto um aperto estranho no peito, o que faz tanto sentido quanto a entrevista sem pé nem cabeça.

Ele passa os olhos pela tatuagem que aparece sob a gola da minha camisa, descendo até a outra que tenho no pulso. Ao ver a data tatuada ali, não me encara mais. Começa a mexer em papeis, finge se preocupar com a organização das canetas, acorda o computador que está com a tela preta, embolando-se ao digitar a senha. Parece levemente atarantado, sem saber como agir. *Um menino*, é o que ele me lembra.

Quando na terceira tentativa ele não acerta a senha, o computador impede seu acesso ao sistema. Ele tomba o rosto nas mãos, exalando sem paciência, e sabe Deus por quê, eu rio. Ele é adorável.

Estranho, sem dúvidas, mas sempre gostei de estranhos.

Quando ele levanta o rosto, sua voz não é mais que uma compressão de ar: — O que aconteceu na data tatuada em seu pulso?

Antes que responda ele gagueja “sinto muito” e volta a olhar para a tela travada: — Eu não deveria ter perguntado isso.

Geralmente não menciono meu acidente em entrevistas — na verdade, não falo dele para ninguém —, mas por algum motivo solto: — Eu sofri um acidente nessa data.

Suas pupilas me lembram grandes buracos negros.

— Foi... muito sério?

— Quase me tirou a vida.

Levo o dedo até a face, sob os olhos. Tocar as cicatrizes há anos me traz um tipo de conforto tátil. Elas são a prova de que feridas se fecham e que basta uma camada renovada de pele para esconder o passado. Sinto sob o dedo a elevação discreta. Ali está a menor das minhas cicatrizes, uma curva cerzida de pontos miúdos, hoje levemente mais claros que a pele.

O editor olha para onde meu dedo aponta. Sobe milímetros a vista, e imensos olhos castanhos encontram os meus. Meu coração retoma o batuque.

— Passei anos me recuperando das sequelas, e tudo que pude fazer nesse meio tempo foi estudar a distância. Foi nesta época que me desencantei com o “dinamismo e a agilidade” e me apaixonei pela minúcia.

— Por quê? — ele pergunta em um sopro.

— Por que me apaixonei pela minúcia? — repito a pergunta, fingindo pensar a respeito. Sei meus porquês, mas não vejo motivo em revelá-los.

Minúcia tem a ver com detalhes, é o avesso da grandeza. Apenas sobreviventes de tragédias entendem que a vida é uma casa de vidro instalada sobre uma falha. Quem não vivenciou a dor dificilmente entende o medo da entrega, do amplo, do grande e do alto.

Ao contrário dos sonhadores, não acreditamos mais em asas. Não sonhamos alto, não confiamos na lógica (apenas mais uma camuflagem do coração), nem destino ou sorte, já que o escrito nas estrelas é pura herança mitológica. Hoje prefiro minúcia a vastidões.

Prefiro o silêncio que ela pede e a solidão que ela demanda. Meu acidente me diminuiu, abriu meus olhos para os riscos e me apresentou a dureza do chão. Por causa dele eu entendi que viver é uma catástrofe anunciada, e não há nada que tenha me provado o contrário.

Mas claro que não vou dar uma de louca e falar tudo isso.

— Revisar me acalma — eu falo. — Eu precisava ser acalmada.

Algo muda em seus olhos. Eles enternecem, como se já não fossem suficientemente ternos.

Mas que droga, o entrevistador se apieda de mim. Sua pena é pior que o olhar examinador e as perguntas que beiram a inconveniência. Aceito o estranho, o exame e o impróprio, mas não aceito piedade.

Exalo alto. Acabei ali com minhas já minguadas chances de conseguir um emprego na tradicional Alpina. Em que planeta uma editora como essa contrataria uma ex-jornalista formada em revisão por um curso a distância, cuja vida foi estragada por um acidente anos atrás?

E em que planeta eu deixaria um entrevistador me desestabilizar dessa maneira?

Largo o braço da cadeira e me levanto. Sinto um aperto estranho em partir, sem entender bem o motivo — eu deveria ser a primeira a querer sumir dali —, mas essa entrevista demorou mais do que pensei e ainda tenho que cruzar a cidade para uma outra, às duas.

— Desculpe por ter tomado seu tempo, Sr. Pedro. Obrigada pela atenção.

A SEGUNDA PEÇA

“Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito.” — Machado de Assis

Enquanto para alguns o passado está sob uma camada de verniz, à distância de um arranhão da superfície, para outros ele jaz no fundo de um abismo. É estranho, mas incontestável: Beatriz não se lembra de mim.

Durante a entrevista eu não a encaro, eu a decomponho em partes. Separo sua boca do corpo, analiso o vinco do sorriso. Tento encaixar os olhos azuis naqueles que guardo na memória, e descubro com melancolia que eles cabem. Não é raiva o que sinto, como achei que sentiria. Não é arrependimento por não tê-la impedido de pegar o carro naquela noite, não é vergonha de admitir que estou perdido na sua frente como estive tantas outras vezes no passado. É a soma de tudo isso e mais.

Raiva, arrependimento, medo, dor, culpa e vergonha; uma constelação de afetos no meu céu, à espera do disparo inicial. O que vai saltar na frente? Que mágoa atirarei primeiro em sua direção?

Meu maxilar travou, e por minutos não consigo falar. Na falta de um entrevistador, ela fala. Conta sobre o acidente, pergunta se conheço Vitória. Minto balançando a cabeça que não. Eu acabei de negar que conheço a cidade onde cresci. A cidade que guarda em cada esquina memórias que me proíbo de lembrar.

Eu precisava ser acalmada, ela sussurra para um ponto qualquer e me dou conta de que o timbre de sua voz ainda remexe tudo em mim. Mexe daquele jeito que sabemos, depois de um número infinito de sessões de terapia, não deveria mais mexer. Carrego com a

saliva as palavras para baixo. Há uma pedra travando a glote que não deixa nada sair.

— Desculpe por ter tomado seu tempo, Sr. Pedro Lima. Obrigada pela atenção.

Ela se levanta e aperta a bolsa frouxa contra o corpo. Está mais magra do que me lembrava, e mais pálida. Ela é uma lembrança desbotada da Bia que um dia teve o tom dourado das garotas de cidades de praia.

A pedra entalada na garganta desce e a voz sai fraca: — Por favor, não vá.

Beatriz para no lugar. Inclina o rosto com o ouvido em alerta; não sabe se ouviu direito, e espera que eu repita o pedido.

Suspiro, igualando as bordas dos papéis soltos em uma pilha. Eu teria dado a vida para nunca mais tê-la encontrado, mas agora não quero que parta. Volto a encará-la. A mente é uma tela em branco, o cérebro inteiro parece estar em estase.

— Peço desculpas pelo meu comportamento. A vaga é sua.

Ela volta a se sentar. A bolsa escorrega de seu colo e se esparrama pelo chão.

Entendo sua surpresa. Aquela foi a pior entrevista de emprego do planeta. A candidata quase não tem experiência e eu não soltei uma única frase coerente durante a conversa.

Enquanto giro de um lado para o outro na cadeira tentando organizar as palavras, ela espreme a mão na outra, no aguardo. Acabei de oferecer-lhe a vaga. Se ela parece surpresa, não gostaria de ver a cara que meus ex-terapeutas fariam.

A capacidade de frear as palavras antes que saiam erradas chega com meio segundo de atraso: — Beatriz, você tem problemas de memória?

Seu rosto ganha um tom mais pálido que o branco. Que tipo de pergunta é aquela? Como eu poderia pular para a conclusão de que seu acidente afetou sua memória? Eu não poderia, essa é a verdade. Só se eu a conhecesse, ou tivesse sido esquecido por ela.

Ela abaixa as vistas. Acha um fio solto na saia e começa a puxá-lo: — Sim — ela pausa. — Tenho o que os médicos chamam de amnésia dissociativa. Tem outro nome, também. Amnésia *psicogênica* — ela arrasta a voz, encostando a ponta do dedo na

lateral da cabeça. —Nenhuma sequela cognitiva, apenas um apagão completo sobre um tempo específico da vida.

Não há qualquer emoção em sua voz; não há nada ali. É como se ela repetisse um discurso pronto, uma gravação para ser tocada toda vez que fosse importunada sobre o assunto. Ela sobe as vistas, e até seus olhos parecem apartamentos vagos: — ...um que não me faz qualquer falta — ela dá de ombros.

Afasto a gola da pele do pescoço. A sensação é de que a pele está apertada no corpo.

— Do que exatamente se esqueceu?

Prefiro morrer a não ouvir de sua boca que se esqueceu de mim; morrer a passar outros sete anos me perguntando o que aconteceu a ela.

— Tudo o que vivi entre os catorze e os vinte e um anos de idade.

E, de alguma forma, morro assim mesmo.

O silêncio no aquário zune no ouvido. Não sei por quanto tempo ela me olha, nem consigo classificar que tipo de olhar é aquele: ela sempre teve um olhar treinado. Pisco, a claridade me desnorteando, ou ela. Talvez ela esteja mentindo, ou ocultando o reconhecimento.

Talvez não.

Pouso o currículo na mesa, certo de que não interessa realmente se ela se lembra ou não. Se a resposta fosse sim, alteraria a frase seguinte?

— Bem-vinda à Alpina.

Ela sorri, e odeio que me lembre tão bem do seu sorriso. Ela estende a mão e eu a aperto. A dela está suada, mas nem perto do quanto está a minha.

Beatriz deixa a sala com Neide em direção ao RH, olhando uma única vez para trás. Continuo sentindo a glote cravada de espinhos, como se tivesse engolido carrapichos. Enquanto ela se distancia, volto aos pensamentos do início do dia. Sobre destinos e sortes, acasos e carmas.

Somos duzentos e quatro milhões de brasileiros dividindo oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Como pode ela ter parado aqui, hoje, é para mim um completo mistério.



Selamos minha contratação com um aperto de mãos. Murmuro um *obrigada* incrédulo; ele devolve um sorriso aguado. Deixo a sala de vidro e encontro a secretária.

— Conseguiu?

Faço que sim. — Acho que agora é com você, certo? — pergunto menos afoita que pensaria estar. Ainda estou desorientada pela sensação de que aconteceu algo estranho há pouco. Que as feições do gatinho no aquário me diziam coisas em uma língua que desaprendi.

— Sim, agora é comigo. Venha.

Deixo o corredor olhando uma única vez para trás. O editor está de pé, mãos nos bolsos, mirando a cidade andares abaixo.

Por um segundo ele se vira, e nossos olhos se encontram.

Eu abri meu coração para ele, falei sobre a minha maior vulnerabilidade. No que eu estava pensando? E como posso ter sido contratada? Deixo o andar com uma sensação de aperto, de arrepio gelado na beira do cabelo. Sentimentos sem forma ou nome rodopiam ao redor como trajetórias de um átomo. Mas no núcleo, lá no meio, só tenho uma certeza: eu o verei novamente.

Neide me leva à sala do RH. A gerente explica procedimentos internos, me estende papeis pra assinar, os telefones para a marcação de exames, as fichas para preencher. Quando termino de assinar a última folha, Neide se despede. Ela mal fez a curva quando me lembro de algo importante. Peço licença à gerente de RH e corro até a secretária. Talvez ela possa me ajudar.

— Neide?

A mulher para entre as baias e eu a alcanço.

— Estou provisoriamente em uma pensão na Vila Madalena, e preciso de um lugar para ficar. Se souber de alguém procurando companhia para dividir apartamento, poderia falar comigo?

Não espero que ela franza as sobrancelhas e em seguida, arregale os olhos. Algo em sua expressão parece promissor.

— Coincidência me perguntar isso. Sei de uma pessoa que está procurando um teto também.

A pele borbulha de excitação. Não pode ser, não é possível que o universo ainda guarde um vislumbre de sorte para mim. Quais são as chances de conseguir um emprego e um teto em um período tão curto de tempo?

— Ah, é? Quem?

— Pedro.

Não ligo imediatamente o nome à pessoa, ou não retrucaria de maneira tão displicente: —Que Pedro?

— O que te entrevistou, oras.

Pisco os olhos e pauso. Coço a orelha, em seguida cruzo os braços: — Pedro, o chefe?

— Ele não é seu chefe — ela me informa. — Não teoricamente. A revisão fica no andar de baixo, e Pedro fica aqui.

Ela mostra com as mãos nosso local na hierarquia: eu bato na altura de seu umbigo, Pedro na sua testa.

Procuro uma posição melhor sobre as pernas, tentando controlar a comichão excitada na barriga. Que ela não me entenda mal, não é o fato de Pedro ser o editor-chefe que me inquieta. O que me inquieta é que Pedro Lima é uma tentação, um grande naco de mau caminho. Como tenho menos juízo que vergonha na cara — e no momento preciso mais de dinheiro do que drama —, dividir apartamento com Frajola não parece uma boa ideia.

— Ele é homem — digo antes de desconsiderar de vez a sugestão.

— Oh, querida, eu não me preocuparia com isso — Neide diz sem rodeios. — Pedro é gay.

— Gay?!

— Você vê algum problema nisso?

Eu, problemas com homossexuais? Da última vez que chequei estávamos no século XXI. Meu estômago, no entanto, parece ver um problema nisso. A notícia cai estranhamente decepcionante.

Neide se aproxima, abaixando o tom: — Hoje mesmo eu o vi com seu namorado. Um cara bem desagradável, na minha opinião. — Ela olha para os lados. — Beijaram-se na frente de todos, o que acho ótimo. Tenho um filho gay também. Mas quanto a ele ser seu chefe, deixe que ele decida, oras. Pergunte. Se ele achar que não convém, dirá não.

Balanço a cabeça que sim, pensando a respeito.

Deixo o prédio para correr atrás da lista de pendências do RH. Faço exames, visito médicos e um tempo depois, com documentos na mão, estou de volta. Entrego tudo antes do almoço e desço os dez andares de elevador sorrindo para o teto. Quem diria que um dia que começou tão errado — com um ônibus perdido e minutos tentando acertar o andar da editora — acabaria assim?

Fecho os olhos, sentindo o corpo mais leve. Alinhamento de estrelas, paraíso astral, retorno de Saturno? O nome dessa nova fase não interessa. O que interessa é que o boato que circulava no universo sobre minha falta de sorte está passando. Talvez seja a hora de reconstruir a casinha de vidro sobre o chão falho.

Já estou na rua quando me lembro do quatinho na Vila Madalena. Das coisas emboladas na mala, do material de trabalho chegando com a minha mãe. Lembro de Pedro, o desperdício, e retorno ao décimo andar atrás do homem que pode me salvar. Alguém me informa na recepção que ele está almoçando na cozinha, e após alguma orientação, eu o encontro.

Paro em frente à porta de vidro. Ele está sozinho, remexendo distraído a comida no prato. A penumbra é cortada pela lâmpada do micro-ondas aberto, que clareia a penugem da barba e faz seu rosto parecer envolto em fios dourados. Sob luz intensa ou na penumbra, sua visão me rouba o ar.

Inflo o peito e bato na porta.

— Oi — digo entrando na cozinha minúscula. Meus dedos apertam com tanta força a maçaneta que tenho medo de fundi-la aos ossos. — Fiquei sabendo que você está procurando alguém para dividir um apartamento, é verdade?

Pedro me olha como se eu fosse um fantasma.

Largo a maçaneta e a porta se fecha. Enquanto pinço com uma unha o canto das outras, vejo sua garganta mexer como se uma corcunda deslizesse sob o tapete.

— Sou extremamente pontual com minhas contas — continuo. — Não seria para sempre, claro, só até eu achar um lugar definitivo. Parece que você também só precisa por alguns meses, não é?

Seus olhos continuam duas luas no rosto, e os talheres que segura estão parados no ar.

— Nunca morei com gay antes, mas imagino que seja como morar com um amigo.

Ele finalmente acorda.

— Gay?

— Homossexual, desculpe. Como disse, sua vida particular é sua e não me diz respeito. Só preciso de um teto, e acho que você precisa de um também. Então, você veria problema em morar com uma garota?

QUEM É O VILÃO?

“O destino embaralha as cartas, e nós jogamos.” —
Arthur Schopenhauer

Você aceitou o quê?! — Bruno para com os talheres no ar. Tenho certeza que chamei meu irmão para almoçar porque inconscientemente acredito merecer uma punição. Concordei em morar com minha ex-namorada amnésica e problemática, que afirma não saber quem eu sou — mas que se soubesse, me assassinaria durante o sono — e não sei dizer por quê.

— Você come cocô? — ele aponta os talheres para mim, um garfo e uma faca afiada.

— Abaixa a faca, Bruno.

Ele volta a comer, balançando a cabeça. — No que você estava pensando, João Pedro?

— Bem, eu não estava. Mas precisamos conversar sobre outra coisa. Além de não poder aparecer pelos próximos meses no escritório, precisa parar de me chamar de João Pedro. João Pedro não existe mais.

Bruno não me ouve, como sempre.

— Me diz por que cargas d’água você colocaria nas mãos de sua vida perfeita — bem-sucedido, finalmente solteiro, salário de executivo — uma banana de dinamite?

— Não sei o que deu em mim — digo não exatamente me justificando, mas tentando entender por que raios disse sim. — Ela acha que sou gay, e não se lembra quem eu sou.

— Você *acha* que ela não se lembra de você.

— Tudo que fiz foi balançar a cabeça, e agora ela acabou de me convidar pelo *Whatsapp* para conhecer um apartamento aqui perto. Quer que eu passe lá no final do dia.

— Cancele — ele diz com a boca cheia, dividindo o esporro com um pedaço de bife.

— Não dá, já confirmei.

Bruno me olha incrédulo. Estou surpreso que ele ainda não tenha começado a xingar, já que para ele palavrão é pontuação.

— Ela acha que você é boiola — ele diz com uma risada genuína. — Você anda meio bicha mesmo com essas roupinhas modernas — aponta a faca para mim.

Olho para minha blusa de botão branca e calça jeans. Olho de volta para ele, para a blusa de cetim estampada, adornada pelo enorme cordão dourado. Como pude um dia achar que eu e meu irmão éramos opostos não complementares? Nós somos sem qualquer dúvida opostos repelentes.

— Alguém da Alpina deve achar que eu sou gay —falo. — Ninguém me conhece ainda, e eu não solto nada sobre minha vida pessoal.

— Sua ex se chama Dagmar — ele diz borrifando farofa ao redor. — Dagmar é nome de homem.

— Dagmar é um nome unissex — eu a defendo. — Mas, sim, talvez seja isso.

— Cancela essa porra — Bruno bate a faca na mesa, e sangue respinga sobre a tela do meu celular. — Diz que achou um veado e foi morar com ele, diz que estava bêbado quando disse sim, sei lá.

Olho ao redor, embaraçado pelo uso do termo incorreto. Sim, posso fazer isso. Dizer que arrumei um parceiro, talvez não que estava intoxicado durante o expediente.

Levo uma garfada de tomate à boca: — O preço do apartamento que ela achou, no entanto, está muito bom.

Bruno para de comer, as bochechas vermelhas pelo esforço da mastigação. Quando sua frase vem eu me assusto. Ela não vem em forma de grito, mas de sincera curiosidade: — Por que está fazendo isso, João?

— Pedro — eu corrijo. Alguns anos depois da confusão (confusão que envolveu polícia, justiça, cadeia e muito dinheiro gasto com advogados), João saiu dos meus documentos.

— Por que está fazendo isso, *João Pedro*? — ele repete, sem paciência.

— Eu não sei! Não entendi por que a cabeça balançou que sim, não sei o que aconteceu!

Não conseguiria, nem se tentasse, explicar o que aconteceu comigo durante o tempo em que ela passou sentada na minha frente. Como explicar que meus neurônios entraram em curto e que eu mal consegui respirar, quanto mais raciocinar?

— Você sempre foi um mariquinha perto dela.

— Não é verdade.

— Uma florzinha, um mela cueca — ele continua partindo mais um pedaço de bife —...um veadozinho, um frouxo, um...

— Que alívio, é você mesmo aqui na frente — digo sem expressão. — Estava sentindo sua falta.

—Viu? Até coisa ruim você tem saudades. Como falei, você é praticamente uma mulher. Agora me explique, que merda passou pela sua cabeça quando disse sim? Você quer que ela te mate, é isso? Você se sente tão culpado pelo que aconteceu a ela que deseja se punir?

Apoio a cabeça nas mãos. Não sei ainda o que quero.

— Essa mulher vai cravar à noite uma faca de cozinha no seu peito — ele agoura.

— Pensei nisso — digo voltando a mostrar interesse pelo sanduíche tombado no prato. —Talvez seja isso mesmo.

— Talvez queira morrer? Não entendi.

— Talvez queira só ver como a pessoa que acabou comigo vive — respondo com a boca cheia.

— Juro que não entendo você. Por que raios iria querer entrar nessa furada?

— Você fala como se só existisse um vilão nessa história.

— Mas só existe um vilão na história! — ele explode.

— Ela teve suas razões.

Bruno volta a comer, pouco convencido disso. Eu mesmo não sei direito o que aconteceu aquela noite, anos atrás. O passado deixou mais perguntas que respostas.

— Ela me vê como o único culpado.

— A maluca te acusou de um monte de coisa, fodeu com a sua vida e te vê como culpado. Essa é boa.

Remexo a comida sem atenção: — Ela está diferente.

— Pior?

— Não. Não pior — engulo em seco ao lembrar dela. Quando estávamos juntos Bia parecia ter dez anos a mais do que seus vinte e poucos. Hoje ela parece ter voltado no tempo, ter dez anos a menos do que seus quase trinta. Como se algo tivesse estagnado em sua vida, sabe? Ou se recusado a crescer. — Ela parece outra pessoa.

— Sabe o que eu acho, João? — Bruno leva a faca aos dentes da frente, tirando um fiapo de carne entre eles. — Acho que você quer isso. Brincar de casinha com ela.

— Até parece — desmereço o comentário. Mas enquanto Bruno analisa o que tirou dos dentes, me pergunto: *será?*

Meu irmão balança a cabeça, voltando a comer: — Onde está toda a raiva que sentia por ela?

— Onde sempre estive, oras.

Dentro do peito, ao redor, em toda a parte. Ela deveria estar ali, um manto invisível e protetor que simplificava os sentimentos e não deixava a memória dos eventos desbotar, mas a impressão é que esse manto se esgarçou como um tecido velho.

— Odeio que ela tenha acabado com anos de minha vida, mas acabei muito mais com a vida dela. Sinto raiva, mas também sinto pena, entende?

— Se eu fosse você, ponderaria melhor no que está fazendo. Pense da seguinte maneira: você é um antigo usuário de heroína que aceitou guardar a droga dentro de casa. Isso vai dar merda — ele diz, e pela primeira vez no dia, talvez na vida, Bruno diz algo inteligente. — Aproveita e esgana a vadia durante o sono — ele ri.

— Deixe de bobagem, não quero esganar ninguém. Só quero ver seu sofrimento de perto, é isso.

Bruno gosta da frase.

— Você fala que eu sou mau, mas você é mau também — ele ri.

— Não, esse cargo na família sempre foi seu.

CATORZE

“No amor, somos todos meninos. ”
— *Miguel E. Cardozo*

Catorze anos antes

Era um dia comum, o dia em que conheci o João. Eu estava atravessando a rua voltando da escola quando vi que ele me seguia. Na época eu era diferente. Tinha brio e pouca noção de que a vida podia dar errado. Meu cabelo era uma cortina negra e pesada, e eu gostava de balançá-lo quando andava. Gostava que a ponta roçasse na curva das costas e da atenção que ele atraía. As pessoas pensam que não (ou talvez convençam-se que não), mas meninas estão sempre alerta à atenção que despertam. Sempre à espreita de potenciais amores ou súditos.

Saltei sobre o meio-fio segurando a alça da mochila, acelerando o passo. Sempre notava quem estava ao lado, ou no caso, atrás de mim. Vai saber quando teríamos que correr de um maníaco, ou desferir os golpes verbais que aprendíamos cedo nos recreios e banheiros da escola. A língua de uma menina de catorze pode ser doce, mas também pode cortar mais que navalha. O maníaco mirim atravessou a rua atrás de mim. Ele achou que me viu primeiro, o bobinho, sem saber que já estava no meu radar há dias. Não por interesse, nada disso. Ele me olhava por tempo demais para escapar do meu desprezo.

Cogitei gritar um “buu” e vê-lo correr, mas por motivos que na época ainda não entendia continuei andando. *O que não nos serve como prazer imediato pode servir como prazer mais tarde*, não é o que dizem? Mas em algum momento cansei do jogo e me virei.

— Você está me seguindo? — perguntei, séria.

O garoto quase tropeçou em mim. Ele era mais alto que os outros garotos da escola, todo joelhos, cotovelos e falanges. A impressão é que ele era feito de ângulos, embora o que tenha ficado marcado na memória, mesmo, tenham sido os olhos. Eles eram grandes para o rosto, de um castanho que sob a luz virava mel. Seu rosto já mostrava o quadrado das faces que no futuro poderiam — e isso na época era apenas uma hipótese — ficarem interessantes.

O menino balançou a cabeça que não. Não estava me seguindo, mas eu não acreditei. Continuei a andar, atenta aos passos atrás de mim. Eu parava, ele parava. Eu continuava, ele vinha atrás.

Em certo momento eu me virei, ele não.

— Sério, você está me seguindo.

— Não estou, não — ele chacoalhou a cabeça.

Seu peito magricela denunciava seu nervosismo. Subia e descia como uma sanfona, enquanto as mãos se agarravam à alça da mochila como se ele estivesse em queda livre, e a mochila fosse o paraquedas. Esse foi o tempo que precisei para enxergá-lo: três segundos. O que pareceu na época uma ideia ruim, já que João aos catorze não era muito *observável*.

— Sei quem você é — disse erguendo a sobrancelha.

— Sabe?

— Você anda com o André.

André era o meu vizinho do andar de cima, e essa frase foi uma acusação.

— É, eu conheço ele.

Fiz uma das muitas caretas de minha coleção. Dizer que conhecia o André era como assumir que ele pertencia a uma facção inimiga. Decidi que precisava detestá-lo. Que quem andava com o André era do time inimigo — embora nem eu soubesse por que implicava com o menino.

Os olhos de João continuavam baixos, no brasão da escola bordado na minha camiseta. Sei muito bem que não era o brasão que ele notava, e sim meu sutiã por baixo da blusa.

— Você é algum tipo de maníaco, não é? Um desses tarados que seguem as meninas na rua?

— Não! — ele se defendeu, mas quando me virei e continuei a andar, ele me provou o contrário.

Não sei quanto tempo João demoraria para perceber que meninas de catorze não conversam com meninos de catorze. É algo mundialmente conhecido, e me espantou na época que ele não soubesse. Sonhamos com caras mais velhos: dezesseis, dezessete. Catorze é muito pouco, dezoito já entra na categoria de esquisito.

Às vezes eu olhava discretamente para o lado, fingindo observar alguma coisa só para ver se ele continuava a me seguir. Ele continuava, fiel como um cachorro.

O que aconteceu em seguida foi injustificável até mesmo pelos hormônios: João pôs a mão no meu cabelo. Não sei se sentiu curiosidade, ou se foi sem querer — não me lembro mais. Mas me lembro da dor no couro cabeludo, e ao virar, vê-lo com a mão embolada entre minhas mechas.

— O que você está fazendo, seu idiota?

João tinha a mão inteira sumida no meu cabelo. Não acho que era sua intenção fazer seu dedo se enroscar nele, mas foi o que aconteceu. Tentei afastar seu braço, tentei recuperar meu cabelo. Na época João usava um anel de metal cheio de ossos protuberantes, e foi essa caveira que se embolou ali.

— Você é o quê, louco? — coloquei as palmas em seu peito magro e empurrei, mas assim que ele foi eu fui também. Colidi furiosa contra o osso do esterno, entendendo que seu anel não sairia fácil do seu dedo, nem meu cabelo desenroscaria fácil de seu anel.

Pobre João. Eu não era uma garota fácil aos catorze.

Estapeei-o naquele dia. Xinguei-o de *sem noção*. A cada rompante de raiva meu ele parecia mais desolado. Mais perdido, perto demais de mim, com seu rosto salpicado de espinhas e olhos do tamanho de Plutão.

Não sei por que raios fui acometida de piedade — era a primeira vez que sentia aquilo —, mas seu desespero mudo me tocou.

— Vem comigo — eu murmurei quando percebi que não adiantaria lutar contra ele.

Ele me seguiu com o braço erguido, fios saindo dos lados da caveira como bigodes. Toquei o interfone do prédio. João não fazia ideia do que tinha em mente, mas juro que parecia temer pela

própria vida. Eu mostrava o tipo de raiva de quem pode arrancar o anel com uma faca.

— Arnaldo, sou eu — disse ao interfone. Ouvimos *Bzzz*, e o portão abriu.

Subimos as escadarias do edifício e joguei a mochila colorida aos pés do porteiro. Arnaldo, que em pé tinha quase dois metros de altura, se levantou.

— O que você arrumou aí, Bia?

— Um carrapato.

Arnaldo nos levou rindo até o banheirinho onde guardava suas coisas. Pegou algo sobre a pia, olhou sem simpatia para João e pediu seu dedo.

João entregou o dedo trêmulo para Arnaldo. Encostei no azulejo do lado, atenta às reações do menino medroso. Com olhar pidão, João implorou:

— Se puder tirar sem quebrar, eu agradeço.

— O anel?

— Meu dedo.

Lembro que senti vontade de rir. Arnaldo esfregou o sabonete ao redor do anel do menino. Não demorou e o anel deslizou de seu dedo, juntamente com os fios escuros, e eu estava finalmente livre.

— Carrapato arrancado — o porteiro disse entregando para mim o anel. — O que quer que faça com ele?

— Com o anel? — perguntei.

— Não, com o carrapato.

— Acompanhe-o até o portão — falei enquanto o observava. Mesmo no auge de minha implicância, descobri que gostei de provocar o mini metaleiro.

Mas por quê? O que ele tinha de diferente dos outros?

Algo mudou naqueles minutos passados juntos, e suspeito que foram seus olhos. Havia alguma coisa neles que mexeu comigo. Eles continuavam escondidos atrás da franja comprida, mas àquela altura já tinham deixado sua marca. Eram olhos doces, de uma cor difícil de nomear.

— Desculpe — João pediu já do lado de fora do edifício.

Ergui sua caveira em vitória, e ele a olhou como se despedisse dela. Para sua surpresa, joguei o anel de volta para ele.

— Mantenha sua caveira a partir de hoje longe de mim — falei do alto da escadaria. — Não quero mais olhar para você.
O que era, claro, uma mentira, e eu já sabia.

BRINCANDO DE CASINHA

“Creio que quase sempre é preciso um golpe de loucura para se construir um destino.” —
Marguerite Yourcenar

Trabalho o resto do dia com uma fogueira no estômago. Quando peço a Neide um Sonrisal, vejo-a sumir prédio afora. Ela volta meia hora depois com um efervescente nas mãos.

— Não precisava ir à farmácia — digo pegando o pacotinho metálico.

Ela acarinha meu braço, maternal.

— Você me lembra meu filho — diz e volta a trabalhar.

No fim do dia a queimação abandona o estômago em direção a braços e pernas. Pouso a palma no rosto, sentindo a temperatura da pele. A cabeça gira dentro de um liquidificador, e me sinto verdadeiramente doente.

Diagnóstico? Beatriz.

Três vezes pego o celular e treino o discurso na ponta da língua:

Desculpa 1: Beatriz, sinto muito. Não posso morar com você por que não sou gay. Por essa você não esperava, hein?

Desculpa 2: Beatriz, meu apartamento ficou pronto. Quem diria que poderíamos confiar nas promessas da construção civil!

Desculpa 3: Beatriz, não posso morar com você por que meu namorado morre de ciúmes de mim. Sim, nós, gays, somos muito ciumentos.

Desculpa 4: Beatriz, acabei de saber que editores e revisores não podem se relacionar fora do trabalho, nem manter amizades. *Sorry.*

E, finalmente, a verdade: Beatriz, não posso morar com você porque sou João Pedro. *Sim, aquele João.*

Chacoalho as mãos e balanço a cabeça tentando relaxar. Pego o casaco e deixo o aquário disposto a escolher uma das desculpas e

acabar de vez com aquela sandice.

Atravesso ruas e alamedas, passo por lojas de flores e cafés charmosos, vendo a vida pulsar. Como foi que nunca notei aquela região? Viro na rua seguinte seguindo o endereço que o mapa na tela mostra. A confusão de carros desaparece, e casas surgem no lugar de comércio. Passarinhos cantam nas árvores sobre mim, e não me lembro de ter ouvido pássaros em São Paulo antes. Minutos depois estou na frente de uma pequena vila olhando para o relógio e rezando para que dê tempo de dar meia volta.

Saia já daqui, Pedro. A menina é uma excursão por Islamabad acenando com a bandeira americana, é convite para fazer turismo pelo Estado Islâmico. É suicídio, mas ainda assim não me movo um centímetro do lugar.

O conjunto de seis casas é adornado por jardins bem cuidados. A mensagem de Beatriz indica este endereço, apartamento 301. *Mas onde está o prédio?* O que vejo são casinhas pequenas, dispostas uma na frente da outra e cercada por salgueiros chorões. Uma senhora varre a calçada atrás do portão de ferro rebuscado. Ela para de varrer e olha para mim:

— Pois não?

— Estou procurando um apartamento — digo observando as casinhas coloridas em tons pasteis. O endereço parece certo, é a década que parece errada.

— Você está com a menina de olhos claros?

Tomo um susto. *Não estou com ela, e já faz tempo.*

— Pedro? — ouço atrás de mim.

Sabe quando a voz de uma pessoa desliza aveludada pelo ouvido, um pedaço de seda derretendo sob a pele? Pois é, não é bem isso que acontece quando ouço a voz de Beatriz. A sensação se aproxima ao de um chute no saco. Ou um soco bem dado na cara.

Beatriz desce os três degraus que ligam a varanda ao pátio comum. O chão está molhado da garoa, quase por inteiro coberto pelas folhas que caíram da árvore centenária.

A velha se apoia sobre o cabo da vassoura, olhando para nós: — Vocês são casados?

Praticamente grito — Não! —, mas Bia apenas sorri e aperta a minha mão.

Aguardo o golpe de karatê, mas ela se aproxima de meu rosto — cada vez mais, cada vez mais perto —, e estou quase caindo para trás quando ela estala um beijo na minha bochecha e me olha de maneira cúmplice: — Quase. Somos noivos.

Olho para ela, ela para a velha, a velha para mim.

Beatriz continua a lorota com voz de seda: — A senhora não precisa se preocupar, Dona Maroca. Somos muito caseiros e discretos, gostamos de ficar em casa lendo, não fazemos festas nem bagunça. Ah, e não temos filhos.

A senhora exala, satisfeita.

— Sim, pedi explicitamente que pretendentes fossem casados, mas não tivessem filhos. Para evitar transtornos, você sabe.

A mão de Beatriz me aperta outra vez: — Seremos solteiros por muito pouco tempo.

Com a mão espremida entre a dela, tento controlar a respiração, achar outro ponto ao redor para fixar as vistas ou apenas manter as pernas na vertical. Aquilo é o mais próximo que estamos desde a noite em que tudo acabou. O calor é tanto que acho que solto fumaça sob a roupa.

Assim que a mulher nos libera para ver o imóvel, Beatriz me carrega para dentro do nosso suposto ninho de amor — ou local de desova do meu cadáver — como se tivesse esperado a vida para fazer isso.

Ela abre a porta e eu penso: *é agora*. Ela vai tirar uma faca da bolsa e gritar entre dentes que jamais me deixaria escapar. Vejo meu sangue espalhado pelo chão, a polícia cercando o perímetro, a cara de consternação do policial.

Qual das cinco desculpas darei? Preciso achar uma rápido.

Uni-duni-tê.

— Pode dizer — ela larga meus dedos e olha ao redor. — Diz que já viu algo assim?

Esqueço por um minuto que ela é uma assassina em potencial e olho para a casa. Não demora um segundo para que eu esteja boquiaberto também. Aquilo não é uma casa, é um tesouro. Estamos em uma casa. Com paredes rústicas de tijolos vermelhos e

lareira no canto; chão de madeira de demolição, tábuas que correm escuras e imperfeitas até um jardim interno. Dou um passo em direção ao jardim, um pedaço de natureza na sala de estar. Seu chão é de pedrinhas brancas e arredondadas, rodeado de plantas em vasos. Tem até um pé de limão carregado no fundo.

E a casa ainda vem mobiliada. Bancos de madeira ao redor da mesa larga, sofás de vime cobertos por mantas coloridas, cozinha americana. De longe ouço a geladeira dos anos 50 soltando um “zzz” tranquilo, como se esperasse os novos moradores para voltar a acordar.

Beatriz quica ao meu lado com olhos excitados. Volta a agarrar minha mão e me puxa para o segundo andar, onde estão os dois quartos e os banheiros. Desta vez eu me deixo levar sem pensar em assassinato.

Ali existe uma suíte ampla, e na frente outro quarto, tão pequeno que mal cabe uma cama de solteiro. Em ambos, janelas imensas deixam o verde das árvores altas filtrarem a luz, que entra calma na casa.

Ela olha primeiro para o quarto grande, depois para o pequeno. Aguardo que ela se jogue sobre a cama de casal do grande, mas ela entra no quarto menor. Olha fascinada a mobília ancestral, parece visualizar algo ou alguém ali.

Talvez eu.

— Já entendi, esse será o meu quarto — digo olhando desanimado para o quartinho.

O que você acabou de dizer, seu idiota?! Não pode morar com ela!

— Não — Beatriz murmura com os olhos vidrados no quarto miúdo. — Fico com esse aqui.

Ela some quarto adentro e eu entro atrás dela, confuso.

— Você quer ficar aqui?

— Tenho medo de lugares amplos.

— Tem?

Ela ignora minha confusão.

— Gosto de sentir as paredes quando estou dormindo — ela diz acariciando o colchão com as mãos.

Olho hipnotizado para os dedos delicados e as unhas pintadas de um verde psicodélico. Dedos que ganharam, solitários, mais beijos meus que algumas pessoas durante a vida.

— Uau... — ela continua a admirar o quartinho. — Posso colocar meus livros ali, posso fazer minhas coisas caberem nesse armário.

Dou um passo para dentro do quarto: — Que armário?

O que achava ser uma caixa de luz é um armário. Lembro da coleção de sapatos que me fazia questionar se não namorava uma centopeia. Não digo nada, apenas mordo os lábios. *Quem é essa mulher?*

— Eu me vejo feliz aqui.

Mordo os lábios com tanta força que abro um rasgo na pele. Toco a ferida, sentindo o gosto de ferrugem.

Como se sentisse o cheiro de sangue, ela me olha. Vê meu dedo manchado e, como todo bom predador, se aproxima. Ergue a mão até minha boca, e dou um passo para trás.

— Deixe-me ver, Pedro.

Faço que não, e sua mão recua.

— Desculpe, só queria ver se você se machucou.

— Não foi nada — limpo o dedo na calça e sumo pela casa à procura de um banheiro. Acho um na suíte e tranco a porta, ofegante. Por um segundo achei que ela fosse me tocar.

Um calor ruim toma o corpo. Quero ir embora já dali, como se estivesse na casa com um tipo de monstro que ataca ao cair da noite. Sua presença me faz mal, e como presa que sou só me resta fugir. Não me importa que esteja agindo como um covarde, é uma questão de sobrevivência: vivo se sair daqui, morro se ficar.

Abro o torneira e limpo o rosto, molho a nuca. Enquanto a água jorra, olho o rosto pálido que me fita de volta. O que vejo no espelho me desagrada. Sou novamente o menino de catorze que conheceu a Bia no meio da rua. O que costumava se perder por causa dela em um enredado de caminhos sem achar o rumo de casa. O que não sabe o que dizer, só o que sentir. Sempre fui, perto dela, aquele menino.

Quando saio, Beatriz está me esperando apoiada no batente da porta.

— Está tudo bem?

Seus olhos estão mansos nos meus, tentando entender que bicho me mordeu.

— Tudo — minto.

Ela aguarda que eu diga algo. Sobre o machucado, a demora no banheiro ou sobre a casa. Como não falo nada, ela continua: — E aí, o que achou?

Fale, Pedro. Pelo amor de Deus, fale.

— Beatriz, andei pensando, e... — coço a sobrancelha com o polegar. *Merda. O que é aquilo que se mexeu em seu rosto?* Um rearranjo de músculos, uma mastigação discreta no canto dos lábios?

Uni-duni-tê.

— Então — continuo. — Não sei se a empresa acharia bom funcionários se relacionarem, bem, não se *relacionarem*, mas morar juntos, você sabe.

Ela me olha plácida, com aqueles olhos da cor do lápis-lazúli.

— Posso trazer gente para casa e acabar constrangendo você, hum... ou *ele* pode ficar com ciúmes.

Coço a base do cabelo na nuca, arranho a sobrancelha outra vez: — E já que estamos sendo sinceros, talvez eu nem precise do apartamento, já que o meu está quase pronto.

Foi tanto *uni* quanto *duni* quanto *tê*.

Ela continua em silêncio, olhos nos meus. *Lembre-se de mim, droga! Como iria querer morar comigo?*

Segundos se passam, e sua cara se franze em um riso contido: — Tem uma lareira lá embaixo.

Meus ombros tombam. Minhas desculpas não valeram de nada.

— Não dá para ter lareira em Vitória — ela olha sonhadora para o outro lado. Sua expectativa é quase infantil.

De que porra você é feita, Beatriz? De material refratário?

Ela continua a correr os olhos pela casa, e é inevitável não voltar ao início dos anos 2000, quando me apaixonei por ela. Foi um ano ruim para a pele, mas não tanto para as espinhas, superabundantes no rosto. Eu era o garoto com camisetas de bandas e anéis de caveiras; um tanto indefeso e bem pouco heroico, definitivamente um menino.

Do outro lado, ela. Cabelos tão escuros quanto a noite, nariz salpicado de sardas charmosas, olhos malvadamente azuis. A forma humana ideal, saída diretamente de um mito. Não me surpreenderia se ao seu redor encontrasse cavaleiros em armaduras, cavalos empinando no ar, uma espada cravada na pedra.

As estatísticas não estavam ao meu favor, mas ainda assim ela me quis. Demorou, claro. Guerreiras não cedem rápido ao parco encanto de meninos magricelas, mas olhe só: esta cedeu.

Volto à casa dos sonhos, à Beatriz do presente. Não tão guerreira quanto a do passado, mas igualmente bela.

—A casa é muito bonita — me pego dizendo novamente a frase errada.

Ela sorri.

— Eu sei, não é mesmo?

— Muito charmosa — abaixo os olhos.

— Vamos ficar com ela?

Sua pergunta é um sussurro, quase um pedido.

Por um segundo me perco em pensamentos como gente se perde em labirintos. Conheço tão bem o resultado da equação eu + ela.

Olho para o dia que cai. Penso em como algumas pessoas são fortes sozinhas. Inteiras em sua estrutura, sem tons de dúvidas aparentes — nada de cinza, de marrons. Cores opostas em um espectro, branco ou preto que encerram ou excluem todos os outros tons. E quando se unem, não potencializam, amansam. Acalmam como o café que se mistura ao leite.

Eu sempre fui um tom de azul. Não o cobalto forte dos inícios do dia, ou o intenso do mar. Um azul fraco como o do céu de fim de tarde.

Ela sempre foi vermelho. Um magenta feroz e sem nuances; a cor da vida.

Sempre me incomodou que juntos ganhamos outra tonalidade. Ela deixou de ter a cor do sangue e eu a palidez de estrelas distantes. Viramos um tipo de roxo estável.

Roxo-magia.

Eventualmente, roxo-tristeza.

Não faça isso, minha parte sensata implora pela última vez, mas já não consigo mais ouvi-la de onde estou.

— Vamos — respondo como quem não assume que prefere morrer a partir.

SIMPATIA PELO INIMIGO

“Tudo aquilo que não enfrentamos em vida acaba se tornando o nosso destino.” — Carl Jung

Existe um teste simples para saber se você é ou não um idiota: se você ficar feliz por ter feito uma idiotice, você é um idiota.

Essa alegria curiosa — curiosa, aqui, um conceito puramente psiquiátrico — é o que me confunde. Ela me faz rir quando Neide solta um comentário sobre a sala-aquário, e sorrir sozinho enquanto venho para o trabalho. *O que está acontecendo com você, Pedro?*

Juro que não sei. Sei que Beatriz ferrou minha vida, e talvez, porque sou idiota, acredito que possa fazê-la sentir remorso. Remorso por ter sujado injustamente meu nome e me dado uma ficha suja, por me obrigar a mudar de nome e cidade.

São tantas as coisas que deveriam impedir aquela alegria que mal sei por onde começar. Por exemplo, morar com ela infringe algumas normas éticas — umas quinze, pelo menos — e três ou quatro artigos do código penal. E por quê? Porque quero saber como ela está.

Durante dois anos minha mãe me colocou a par de suas melhoras, até que um dia ela me disse que Beatriz parecia bem e eu pedi que ela nunca mais me contasse nada. Ela nunca mais contou. Às vezes ouvia sobre ela nas horas mais estranhas. Um colega em comum que encontrava na rua, ou a cozinheira do restaurante universitário que perguntou um dia o que foi que fiz a ela. Ninguém ficou do meu lado, todos cortaram relações comigo. Sei, hoje, que também cortaram relações com ela.

Quando tudo aconteceu, em um intervalo de doze horas — a discussão na festa, o acidente, o vazamento das fotos na internet —, eu surtei. O cérebro se recuperou lentamente do estado pastoso que ganhou naqueles dias, e nos dias seguintes tentei

desesperadamente vê-la. Tentei invadir o hospital, subornar enfermeiras (tentativa particularmente constrangedora) e escrever cartas. Depois da medida cautelar, fui obrigado a manter distância.

Ela nunca ouviu a minha versão.

Talvez eu queira isso. Mostrar para ela que não sou um monstro, que não fiz o que fiz por mal, que tive minhas razões e sofro esporadicamente as consequências de meus atos.

Mas talvez eu queira o oposto. Talvez eu precise saber o impacto do acidente em sua vida e como é viver permanentemente com suas sequelas. Eu só preciso saber.



Nossa mudança para a casinha verde aconteceu em dias separados. Ela entrou na sexta, eu, no sábado. Detalhes foram combinados pelo telefone. Combinamos que eu arcaria com sessenta por cento das despesas por ter o quarto maior e cada um compraria sua comida. Não teríamos compromisso em ir juntos para o trabalho, nem de cozinhar para o outro.

No sábado, bato a porta traseira do carro olhando a casa. O coração é um canteiro de obras, marteladas e britadeiras para todo lado. Trago o pouco que tenho em caixas e deixo o resto com Dagmar. Um erro, quando descobrir quanto custa um jogo de toalhas.

— Alguém em casa? — pergunto abrindo a porta e equilibrando a caixa de papelão nos braços. A porta antiga e escura range. A entrada tem cheiro de incenso de sândalo. A lareira crepita mansa no canto, aquecendo horrendamente o ambiente. Por que raios ela acendeu a lareira se está quente do lado de fora?

Pouso a caixa no chão, e passos retumbam sobre mim.

— Estou aqui em cima! — ela grita.

Da cozinha chega um cheiro maravilhoso de marisco. De coentro, de tomate, de panela de barro no fogo. Ela está fazendo moqueca capixaba. Subo a pequena escada de madeira sentindo o peito comprimido. Lembranças do prato típico invadem a mente, e

forçam a saída da palavra *lar*. Procuro me concentrar nas palavras de Bruno: *não coma nada que ela oferecer*.

Atravesso o corredor e paro na frente do seu quarto. A cama de solteiro está coberta por uma colcha cor-de-rosa, e assim que vejo a união conhecida de retalhos — flores miúdas, quadriculados, listados delicados — o peito começa a queimar. Por que ter medo que ela me sirva veneno se a visão daquela colcha me intoxica?

— Ah, você está aí! — ela aparece interrompendo as lembranças de nossa primeira vez sobre a colcha velha. Ela tem um coque sobre a cabeça que pende de lado, prestes a desabar. A camiseta é tão larga que a cada movimento parece que vai escorregar pelos ombros e cair. No ombro ela agora tem tatuagens.

— Cheguei — digo sem saber o que fazer com as mãos.

— Que bom. Minhas coisas já estão todas aqui — ela aponta para o quase nada jogado sobre a cama. — Minha mãe acabou de trazer meus livros e o resto das coisas.

Dou um passo para trás: — Sua mãe está aqui?

Se o coração antes golpeava o peito, agora ameaça parar. Uma corredeira gelada se espalha das vértebras para os membros.

— Ela acabou de ir embora. Veio só me entregar alguns livros, meu computador de trabalho — ela aponta para o *laptop*. — E, claro, estava louca para conhecer meu novo colega de quarto. Esperou você até agora, quase perdeu o avião.

Encosto na parede, escondendo o suspiro de alívio. Eu quase dei de cara com minha ex-futura-sogra. A mulher que no nosso último encontro colocou o dedo na minha cara e disse que me queria morto.

Para disfarçar observo o que Bia trouxe de Vitória. Dois ou três cadernos abertos e uma pequena mala onde embolam-se roupas coloridas e amarrotadas. Na prateleira já estão organizados livros e gramáticas.

—Onde está o resto de suas coisas?

—Não tenho resto.

—Você só tem isso?

Ela não responde, mas, pelo sorriso, aquilo é tudo que possui.

Saio do seu quarto tentando não encostar nela. Entro no meu, encosto a porta e espero a respiração acalmar. Só então tiro a

carteira do bolso e jogo a chave sobre a cama. Eu não entendo a garota com quem decidi morar.

Pelo barulho ela retoma a desarrumação das malas em seu quarto. Procuro ao redor um esconderijo para o meu passaporte, preciso arrumar um lugar para guardá-lo. Na carteira de identidade e de motorista consta meu novo nome — Pedro Lima, Lima o sobrenome de solteiro de minha mãe —, mas no passaporte ainda está João Pedro Faria, meu nome verdadeiro. Coisas que precisei fazer para finalmente conseguir emprego.

Decido esconder o passaporte embaixo do colchão, me sentindo ridículo por fazer aquilo. Ajeito a colcha no lugar, abro a porta do quarto. Dou de cara com Beatriz no corredor. Cabelo solto, blusa tombada em um ombro. A visão do paraíso, e ao mesmo tempo, do inferno.

— Ouvi Neide dizer que é recém separado — ela recosta no batente da porta com as mãos para trás. O cabelo faz um cacho solto na altura dos seios, no formato de um gancho.

— É verdade.

— Estão pensando em reatar?

Minha resposta é um grasnido rápido, uma voz à beira do colapso: — Nunca mais!

Uma faísca de divertimento acende seus olhos.

Limpo a garganta e repito, com menos ênfase e mais cuidado: — Não. Nunca mais.

A mensagem sai atabalhoada, mas verdadeira. Não tenho interesse em reatar com ninguém. Nenhuma ex, nunca mais.

Ela estica o rosto para o meu quarto: — E o cara ficou com tudo?

Dagmar, linda e feminina, odiaria ser chamada de *o cara*.

— Tudo.

Ela me encara, e o ar no corredor encorpa. Não sei no que pensa, mas não posso estar no mesmo lugar onde estão seus pensamentos.

Aponto o polegar para o primeiro andar: — Preciso buscar minhas coisas — e desço as escadas como se a casa estivesse em chamas. Na volta, deslizo para dentro do quarto para que ela não me veja, mas antes que encoste a porta ela entra.

— Você é um cara legal, Pedro.

A sensação é de que ela é onipresente. Que está em todos os lugares, o tempo todo. No momento ela está bem atrás de mim.

— Por que diz isso? Porque deixei tudo com mi... meu ex? — dou as costas para ela e começo a tirar as camisas da mala.

— Sim, oras.

— Meu ex discordaria de você — faço uma careta que ela não pode ver.

Chacoalho a mala e o resto das coisas cai ao redor. Fecho-a, enfio-a debaixo da cama tentando convencer o coração a bater menos exasperado. Ao me virar Beatriz está a centímetros de mim. Seus olhos estão tão perto que vejo os tracejados escuros da sua íris.

O coração pulsa agora no corpo inteiro.

— Tem alguma foto dele? — ela pergunta olhando curiosa sobre meu ombro.

— Não guardo foto de ex.

Ando em direção à porta, indicando que quero que ela saia dali.

— Nem eu — ela sorri alegre como se tivesse descoberto que temos mais uma coisa em comum. — Venha, estou preparando algo capixaba.

Antes que consiga escapar seus dedos se entrelaçam aos meus. Um calor desagradável sobe como uma serpente pelo pescoço, mas ela não nota porque segue na frente, me puxando como se fossemos dois jovens livres e despreocupados. A cada minuto cresce a certeza de que esse é seu grande plano de vingança para acabar comigo: me tratar bem.

No primeiro andar ela me solta, coloca o avental que deixou no balcão e recomeça a trabalhar.

O cheiro de moqueca é infalível. Toma de assalto a cabeça, enche-a de memórias e desvia a atenção para urgências mais concretas. Salvo o medo de ser morto, tudo que penso é na comida. Salivo tanto que preciso engolir duas ou três vezes para não babar.

Ela maneja a panela e os ingredientes como se já tivesse feito aquilo mil vezes, e me espanto. Não sabia que Beatriz cozinhava, que tinha resolvido virar bicho-grilo, que agora vivia de revisão de livros e tinha tantas tatuagens que mais parecia uma revista em

quadrinhos. Ela prova o tempero e remexe a boca, sem chegar a uma conclusão a respeito do sabor.

Onde está a garota que ascendeu no trabalho de maneira meteórica, que conquistou uma coluna em um jornal de prestígio aos vinte e dois, que andava como se fosse um membro da realeza e tinha mais sapatos que Imelda Marcus? Nada na garota à frente lembra aquela.

— Foi ideia da minha mãe trazer a panela de barro — diz de costas para mim. — Disse que eu poderia cozinhar moqueca e me lembrar de casa — ela se vira e me pega olhando para ela. — Como se eu quisesse me lembrar.

Gaguejo de volta: — Não quer se lembrar?

— De casa? Por que iria querer me lembrar de casa? — ela ri, abaixando para pegar uma vasilha de plástico amarelada, lendo a palavra “sal” escrita sobre um pedaço de fita crepe. — Ela está morrendo de curiosidade para saber quem é você.

— Eu?

— Não queria ir embora antes de te ver. Por pouco vocês não trombaram no portão.

Um nó desce rasgando a goela. Adianto a cena: sua mãe se deparando comigo, colega de apartamento de sua filha. Não seria uma cena bonita de se ver.

— Falei para ela que se ela te deixasse sem jeito eu ficaria brava — ela diz esfregando o polegar no dedo indicador, salpicando o sal sobre o tomate. — Você não faz ideia de como ela sabe ser chata. Vim para São Paulo para respirar, sabe? Não queria que ela afugentasse o aventureiro que topou morar comigo.

Ela me olha cúmplice e lambe o dedo: — Se isso acontecesse eu não a perdoaria.

Sento no banco ao lado da bancada. *Você não a perdoaria, você agradeceria a ela*, penso estalando os dedos frios.

— O que ela falou sobre você morar com um homem? — pergunto afastando os objetos do centro da bancada para o canto. Uma fruteira vazia, um vaso empoeirado, um cinzeiro comido nas bordas pelo ferrugem.

— Conteí que você não gosta de mulheres, mas ela não sossegou nem assim. Se ela te conhecesse, arrumaria mil defeitos

em você.

— Talvez mais que mil — murmuro trazendo os pratos aos lugares. Ajeito os talheres ao lado com minúcia neurótica. Embora sua mãe tenha sido uma bruxa no final, dedo na cara e tudo, houve um tempo em que ela gostava de mim. Costumava dizer que eu amansava Beatriz.

— Ela sempre foi assim? — pergunto baixo. — Superprotetora? Beatriz para de mexer na panela, como se pensasse.

— Não. Quando sofri o acidente ela pirou. Precisou cuidar de mim por dois anos, teve que largar o emprego, quase me sufocou de amor — ela volta a cozinhar. — Não é fácil quase perder alguém.

Ela tem razão. Não é.

Beatriz separa os ramos lavados de coentro uns dos outros. — Gosta de coentro? — pergunta olhando sobre o ombro para mim. Faço que sim.

Ela arranca os cabos e joga o resto do tempero na panela. Limpando as mãos no avental, continua: — Depois disso ela achou que eu nunca mais fosse me reerguer. Imagine sua surpresa quando contei que arrumei casa, emprego e um amigo, tudo de uma só tacada? — ela abre para mim o maior sorriso do mundo e pisca, charmosa.

Volto a reorganizar os talheres já organizados.

O cheiro de peixe, tomate e coentro não causam mais efeito algum no estômago revirado. Beatriz joga mais azeite na moqueca e a traz sozinha para a mesa. Esqueço de oferecer ajuda, mal noto quando ela indica com o queixo que eu devo colocar o suporte no lugar para ela descer a panela. Minhas reações parecem lentas e pesadas.

Ela se senta e estende o guardanapo de papel sobre o colo: — Bom apetite!

— Bom apetite.

O caldo entre nós borbulha, lançando vapor sobre a mesa. Ela ergue o prato e se serve. Eu me sirvo em seguida, firmando a mão para parecer estável.

Durante a refeição ela intercala garfadas com olhadelas. Sei que espera simpatia de mim, mas eu estou com receio — na verdade, medo rasgado — de dizer qualquer coisa e disparar uma lembrança.

Nada tira da minha cabeça que ela está a um segundo de descobrir quem sou. Essa sensação de iminência nunca vai embora, é ela a causadora do eterno frio da barriga.

Lembrar que fui preso por causa dela me dá náuseas. Fui ignorado durante anos pelas melhores empresas por causa do nome sujo, carreguei por tempo demais uma culpa injusta por tudo que aconteceu. No entanto, a garota à frente não é aquela Beatriz, e procurar revanche por algo que ela não sabe que fez conflita com as minhas justificativas. Isso deveria acabar aqui.

— Desculpe — ela corta o silêncio. — Não deveria ter mencionado o fim do seu relacionamento. Foi isso que deixou você calado?

Solto o ar preso no peito, vendo o vapor dançar entre nós. Ela acha que estou calado por causa do fim de um namoro. De certa forma ela está certa.

— Não foi nada. Não se preocupe.

— Não vai acontecer de novo — ela promete empurrando distraída o coentro para o canto do prato. — Sei como essas coisas doem.

Você não sabe como dói.

Lembrar do fim, anos atrás, ainda dói. Estar novamente à sua frente dói. *Mas se tem uma coisa da qual você não tem culpa, Bia, é de estar sob o mesmo teto que eu, me causando dor.* Fui eu quem aceitei morar com você; eu levo a culpa por essa decisão. *De todo o resto, no entanto, a culpa é sua.*

Mudo o rumo da conversa: — A moqueca está deliciosa. Ela sorri como se tivesse aguardado o tempo inteiro pelo elogio. Volta a comer sem esconder o orgulho.

Durante o resto do almoço conversamos sobre amenidades, e desvio sempre que posso de assuntos que me fariam um mentiroso ainda maior. Ela mostra interesse por mim; pelo que digo, por toda e qualquer opinião que eu dou.

— Não teve medo de vir morar com um cara que não conhece? — pergunto por pura curiosidade. — Eu poderia ser um maluco, ou um depravado.

Ela ajeita a blusa no ombro, que desliza para baixo outra vez.

— Não. Gostei imediatamente de você.

— Por quê?

Ela dá de ombros. Não faz ideia.

Não entendo aquela simpatia imediata por mim. Acredito que ela não se lembre de um único fato dos sete anos que namoramos, mas para aquela simpatia gratuita não tenho resposta. O corpo não deveria nos advertir para algo assim, como faz com as aranhas, por exemplo? Não olhamos para aranhas e *gostamos* delas. Chame de sobrevivência, autopreservação, herança de um inconsciente coletivo, sei lá. Não está na nossa constituição gostar do que tem o poder de nos fazer mal.

— Alguma coisa em mim disse: goste dele — ela fala raspando uma fatia de pão no caldo restante, levando-o a boca.

Volto a comer, um grão de arroz de cada vez. Não passaria mais do que isso pela garganta.

— E você, não simpatizou comigo? — ela devolve a pergunta. — Você topou morar com uma estranha que é, ao contrário de você, tanto maluca quanto depravada.

Ao olhar para ela, ela ri. Um riso divertido, daqueles que balançam os ombros e fazem o olho brilhar. Dessa vez rio também.

— Sim, eu simpatizei com você.

Essa é a mais pura verdade. Eu realmente simpatizo com essa nova garota.

Ela volta a comer, satisfeita: — Acho que isso pode dar certo.

Por *isso*, ela diz, é nossa convivência. A convivência entre ela e o cara que ela denunciou sete anos atrás por ter traído sua confiança e que está, nesse exato momento, enganando-a mais uma vez. Segundo ela, daremos certo.

Infelizmente não tenho tanta certeza assim.

E pelo resto do dia, embora a posta de peixe estivesse limpa, sinto como se uma espinha estivesse atravessada no pescoço.

MEU MONSTRO

“Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos, sem querer.” — Sigmund Freud

Depois do almoço Pedro se tranca no quarto. Ouço-o colocar coisas no armário, tirar livros de dentro de caixas, socá-los na estante. Tento me desconectar dele e me concentrar na arrumação do meu canto. A palavra é exatamente essa, *desconectar*. Desde que o conheci sinto essa tração em sua direção, quase uma urgência em orbitar ao seu redor. É exaustivo resistir.

Quem diria, cheguei praticamente ontem a São Paulo e hoje tenho emprego e um teto. Sorrio sozinha enquanto ajeito as camisetas no espaço minúsculo do armário e me corrijo: um emprego, um teto e *um alguém*.

A verdade? Minha atração por ele não diminui só porque ele é gay; ela na verdade vira outra coisa. Uma coisa não menos interessante, mas que se ele souber antes da hora, pode não entender nem aceitar.

Durante a tarde pinto a unha, conecto o computador à rede usando a senha que Dona Maroca nos deu e leio as manchetes de alguns jornais. Aproveito para mandar um *e-mail* para o meu pai. Escrevo o básico, já que há anos não gosto de escrever nada. Conto sobre a entrevista de emprego, mas omito o diálogo estranho com o entrevistador. Conto sobre a sorte de achar um rapaz certinho para dividir uma casinha daquelas que só vemos em novelas das seis. Digo que já cozinhei moqueca e conversamos sobre nossas famílias. “Tive muita sorte até agora, pai. Um verdadeiro

alinhamento de estrelas.” Mando beijos e digo que estou em paz. Assino meu nome e coloco ao lado uma carinha feliz: :)

Ao teclar “enviar”, sinto culpa.

Rapaz certinho. Novela das seis. Alinhamento de estrelas. Cada palavra foi pensada e escrita para acalmar meu pai. Não chega a ser uma mentira, tudo aquilo aconteceu realmente, mas havia a intenção consciente de sossegá-lo. Espero que sossegue.

Fecho o computador e tento terminar um livro que havia começado. Enquanto pulo as últimas partes para acelerar a leitura e chegar logo ao final, começa a chover. Pingos grossos estalam na janela do quarto, trazendo penumbra prematura à tarde.

A chuva já traz trovoadas quando leio a última frase do livro. Encosto depois do *Fim* a testa na cama e suspiro. No final o mocinho não ficou com a mocinha. No último segundo deu tudo errado, e eles partiram em caminhos opostos. Deus, como odeio histórias como essa. Por que existem autores que fazem isso? Terminam histórias no meio, sem fechar círculos?

Jogo o livro longe, aborrecida. Não gosto de histórias não finalizadas.

Estico os braços e estalo as costas, atenta aos sons ao redor. Gotas, um trovão ao longe, um carro passando sobre poças. Entre eles, silêncio total. É melancólico ouvir sozinha o chiado da chuva e da água escorrendo pela calha. Penso em Pedro e no que ele está fazendo. As pálpebras pesam, os ruídos somem. Adormeço sentindo uma sensação estranha, a de que termino pela protagonista sua caminhada. Ao contrário dela, estou em algum lugar, e no fim da linha existe alguém. O círculo se fecha em um sono sem sonhos.

Levanto no dia seguinte por volta das 7h, estranhando o dia cinzento. Desço descalça, vestida com a mesma roupa de ontem. A chuva ainda cai.

Na cozinha está tudo arrumado. Cada prato, talher e copo no lugar. Pia seca. Sobre a mesa há uma pequena nota escrita em letra de forma:

Passarei o domingo fora.

Apenas isso. Uma única frase, e a sensação gelada corre pelos membros, descendo pela coluna em direção às pernas. Pouso a mão sobre a barriga vazia, em seguida procuro amparo na mesa.

Uma espiral começa a se formar na cabeça. Um redemoinho de sensações estranhas e ao mesmo tempo conhecidas. Ele começa pequeno: as vistas embaçam, o chão cede sob paredes que se comprimem. Embora a sala se aperte, é como se São Paulo ficasse maior.

Oh, não.

Sou durante as minhas crises de pânico um paradoxo atrás do outro, cada nova sensação negando a que veio antes. Solta no espaço, mas confusamente claustrofóbica. Abro a boca para capturar ar, sem conseguir achá-lo ao redor. Levo a mão à parede e desço encostada nela até o chão. A cabeça parece envolta em plástico, e puxar o ar se torna desesperador. *Ar, por favor, ar.* Prendo os joelhos com as mãos e afundo a cabeça entre eles, ouvindo a respiração chiada. É um ataque.

Há anos eles vêm e vão sem que eu possa fazer nada, tomando o chão e roubando o ar. O coração acelera tão veloz quanto o motor potente que gira dentro da cabeça. Fecho os olhos e agilizo a calma, entrando em modo socorrista. *Uma. Duas.* Conto as respirações. *Três. A calma tem que vir. Quatro. Cinco.* Não aconteceu nada, estou bem. *Ele só foi ali e já volta.*

Deito com o rosto no chão e espalmo as mãos no assoalho. Sentir a superfície é uma maneira de informar o corpo que não tem para onde cair, que há chão debaixo de mim. Repito as palavras da psicóloga tantas vezes que perco a conta: *vai passar.* Vai passar, vai passar, vai passar. Há algo de hipnotizante na repetição de uma frase.

Nos próximos minutos dissolvo até virar nada. Sumo por um tempo da Terra, viro pó. O suor cola o cabelo na pele, e a pele à madeira do chão. Uma lágrima corre quente pela bochecha. O ataque não me assusta, ele só me entristece. É triste saber que comecei uma vida nova trazendo velhas bagagens e não consegui deixar os inimigos para trás.

Eu deveria estar, a essas alturas, acostumada a eles. Eles são a lembrança de que sou quebrada e defeituosa, uma garota perdida que, ao mero vislumbre de abandono, abre as grades da masmorra e solta seu monstro.

— Calma, grandalhão — eu falo com ele, e eventualmente ele se acalma. A respiração volta ao normal, o coração sossega e eu retorno. Volto a ser Beatriz, ganho novamente contornos. Foi só um recado do cara com quem divido o apartamento, só isso.

Quando o mundo para de girar eu me levanto. Fico feliz por Pedro não ter testemunhado aquilo; é embaraçoso ser a garota convulsionando no chão.

Faço um chá de camomila e volto vencida para a cama. Olho para a parede branca e me deito rente a ela, sentindo a superfície fria colar inteira ao corpo. Há anos sinto a necessidade de firmar o corpo contra paredes. Achatar os seios, a barriga, o que conseguir da perna. Respiro contra ela sem pensar em nada, trazendo para a cabeça um vazio mais amplo que o mundo. Mantenho os ombros recostados e o nariz de lado, olhos fechados, ouvindo os demônios que me habitam desistirem de dançar ao redor. Entediados pela aridez da morada, eles partem em busca de alguém mais produtivo.

A barriga ronca horas depois, mas eu não desço. Estou onde aguento estar. Porque preciso de paredes não sei. Desisti de querer saber há sete anos por que só elas me acalmam.

ESTRELA DE TODO BARCO ERRANTE

*“[...] amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera,
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante,
Cujo valor se ignora, lá na altura.”
— William Shakespeare*

Naquela madrugada eu fujo. Deixo a casa quando está tudo em silêncio e ela dorme. Bato à porta de Bruno e ele me oferece o sofá. Revivo o passado no silêncio das primeiras horas, enquanto a chuva embaça o vidro e o vento se infiltra pelas frestas da janela. Faz frio na sala, mas a cabeça está incandescente de memórias. Bia está de volta. Fraturada e incompleta, irreconhecível. Então me lembro que é ela quem não me reconhece, e o peito volta a apertar. Adormeço sentindo uma sensação estranha, e sonho que estou perto de casa, mas não consigo alcançar a porta.

Na segunda-feira vou trabalhar com a única camisa de Bruno que não tem estampa de dragões ou leões dourados. Por sorte não a vejo, e para continuar a não vê-la saio mais cedo do trabalho. Na casa, pego algumas mudas de roupa e coloco em uma mochila. Vejo no beiral da janela do quarto minúsculo um porta-retratos onde seu rosto aparece de lado, sem notar que está sendo fotografada. O perfil tapa o sol, o cabelo invade o rosto. Mais uma vez o coração responde de um jeito estranho.

Na terça tomo coragem. São sete e meia da noite quando abro a porta da frente. Ela está na cozinha, e uma omelete cozinha sobre o fogo baixo.

— Pedro? — ela fala com a voz rica de vida e graça.

Largo a maleta no chão, deposito carteira e chave no recipiente sobre a mesinha do canto. Faço tudo devagar, como se precisasse desacelerar antes de cair de vez do despenhadeiro.

— Finalmente — ela cantarola debruçada sobre a bancada. Pelo seu tom ela está alegre, mas reconheço a nuance de quem modera o entusiasmo para não me alertar.

Afrouxo a gravata sem olhá-la.

— Está com fome? — ela anda até o fogo e destampa a frigideira. O cheiro de comida temperada rodopia no ar. Como poderia dizer não se o estômago ronca e as narinas dilatam?

— Omelete com folhas de espinafre. Alho, pimenta, cebolas. Queijo por cima. Gosta?

Olho para a panela, em seguida para ela. A olhadela para ela dura um pouco mais.

— Muito.

— Que bom. Estava esperando você.

Ela empurra um prato extra para o meu lugar. Evita me olhar, mas mastiga o canto da bochecha, menos presente na cozinha que alguns dias atrás. Ela quer saber onde eu estava.

— Pena que não temos vinho — ela olha para a comida com as mãos na cintura. — Noites frias pedem vinho.

Não está frio, mas lembro da garrafa de vinho que ganhei de Bruno no Natal. Ela volta às panelas, o laço do avental caindo murcho no meio de suas costas. Subo as escadas sem pensar em nada, só no vinho. Chego ao segundo andar e inalo profundamente, como se não tivesse ar na parte de baixo da casa. Acho a garrafa em uma das caixas não desembaladas e desço, ouvindo-a cantar uma música que não conheço. Sua alegria me perturba. Sua presença pontilha as linhas que separam o presente do passado e que eu acreditava serem impermeáveis. Com o pontilhado ela chega mais perto. Mina como água da terra, retornando à superfície.

Quando apareço com a garrafa de tinto nacional barato na mão, ela vibra como se fosse espumante francês. Não tenho energia para não sorrir também.

— Pode abrir, por favor? Preciso tirar as batatas do forno.

Enquanto ela abre a porta do forno para checar as batatas, começa uma batalha eu *versus* rolha. Não temos saca-rolhas na

casa, por isso tento abrir o vinho com uma faca. Tento até que os nós dos dedos fiquem brancos e o suor escorra na lateral do rosto. Ela poderia desligar a lareira, tenho certeza que diminuiria a sensação de que estamos assando como as batatas, mas a menina adora lareiras, e eu não tenho coragem de tirar sua graça. Durante todo o tempo que luto contra a garrafa, dou as costas para ela.

— Que bom que voltou — ela diz atrás de mim. — Você estava com seu ex?

Largo a faca para procurar outra ferramenta na gaveta, já que com aquela não consigo abrir nada.

— Não. Estava com meu irmão.

Bia se debruça sobre a mesa, ou acho que é isso que faz. Olho-a de relance, vendo que troca o peso do corpo entre os pés. Ela está se coçando para me perguntar algo.

— Vai, pode perguntar o que quer saber.

Ela solta uma gargalhada: — Como sabia que queria te perguntar uma coisa?

— Eu te conheço.

Ela solta uma risada mais baixa que a anterior: — Conhece?

Paro a mão sobre o bico da garrafa. Molhos os lábios, penso na frase seguinte: — Modo de dizer. Imaginei que estivesse curiosa, só isso.

Ela não presta atenção no meu descuido, ela dispara a pergunta: — Como ele é?

— Meu irmão? — trago um objeto que estava à vista no fundo da gaveta, sem fazer ideia pra que serve aquilo.

— Não, seu ex.

Pouso o pedaço de metal estranho sobre a rosca. É estranho essa coisa do pronome. Dizer *e/le*, mas visualizar *e/a*.

— Complicada. Uma *pessoa* complicada.

— Complicada como?

— Inteligente demais. Ambiciosa — forço o objeto dentro da rolha macia: — Teimosa.

— Ele parece alguém difícil — diz baixando o fogo do omelete.

— Você não faz ideia.

Já não sei mais se é sobre Dagmar que falo.

— Hum. Acha que um dia voltarão a ficar juntos?

— Não.

— Uau, tanta certeza — ela apoia o queixo na mão. — Foi um final traumático?

Balanço a cabeça que sim. Muito traumático.

Como me atrapalho com a garrafa, Bia se aproxima. Põe-se em pé ao meu lado cheirando a banho quente e sabonete, e todos os outros aromas da cozinha desaparecem. Ela tem um coque intrincado sobre a cabeça, o que, em qualquer outro ser humano, seria sinal de desmazelo. Mas não nela. Nela cada fio parece tomar o lugar previamente acordado. Uma mecha cai displicente sobre os olhos e toca o nariz cheio de sardas. Fiapos emolduram cada lado do rosto, e o arranjo — quase um ninho de passarinho — tomba de lado.

A rolha finalmente sai em todos os seus dois milhões de pedaços; são tantos boiando no líquido que precisamos buscar um coador. A situação acaba por quebrar o gelo.

— Não pensou em morar com seu irmão até que seu apartamento ficasse pronto? — ela pergunta levando a garrafa à mesa.

— Você nãoalaria isso se conhecesse meu irmão.

Ela se senta na cadeira de frente para a minha: — Por quê?

— Meu irmão não é um cara normal.

— Eu também não.

Encho seu copo de vinho: — Você é mais agradável de olhar.

Ela ri, mas eu falo sério. Não é uma cantada, é apenas uma comparação entre dois extremos, tipo o sentido e a falta dele. Beleza e feiura, sorte e azar. Por sorte o *timer* dispara, interrompendo os pensamentos absurdos e anunciando que a comida está pronta. Ela desliga o fogo e o forno, abanando o calor que sai do fogão. Enfia as mãos em luvas estofadas e prateadas e tira as batatas do forno. Dessa vez eu reajo: ajudo-a a colocar a mesa e servir a comida, como alguém normal.

— Sabia que vi você hoje? — ela diz tirando as luvas e tomando seu lugar.

— No trabalho?

— É. Você estava passando com um grupo pelo meu andar. Parou na frente da minha sala e indicou o departamento, não sei

sobre o que falava. Acenei, mas você não olhou.

Lembro de ter passado pela sua sala e evitado olhar para dentro como vivos evitam invocar a morte.

— Sobre o que estavam falando? Você parecia empolgado.

— Acho que sobre a Bienal. Faz tempo que só falamos nisso. —
Levo a taça à boca, procurando um pouco de coragem no fundo. —
Você sabe. Estandes, lançamentos, ações de marketing.

Pelos próximos minutos ela me ouve falar. Sobre trabalho, em sua maioria. Às vezes lembro que há comida na frente e coloco uma garfada na boca. Depois de um tempo esqueço a comida novamente.

Ela acomoda os joelhos no pequeno espaço entre a mesa e o corpo, com o copo de vinho na mão. Parece hipnotizada. Somos dois, então. Em certo momento decido parar de olhá-la, ou sou capaz de engasgar. Continuo a falar para o copo: — Os acionistas acham que não devemos colocar fotos de todos os autores em painéis ao redor do estande, especialmente os novos. Acho o contrário.

— Por que faria questão de evidenciar os novos autores?

— Se você escrevesse, não se sentiria bem vendo que a editora apoia você?

Ela balança a cabeça que sim.

— E como leitora, não ficaria curiosa em saber de quem são os rostos em evidência?

Ela faz que sim novamente: — Você quer alavancar vendas.

— Quero na verdade que os novatos cresçam. Se eles crescerem, cresceremos também.

Ela sorri. Me olha sobre a borda do copo, e no que pensa, não sei. Lembro que demanda muita energia imaginar o que ela está pensando, então me concentro no vinho.

— E os seus dois primeiros dias, como foram? — pergunto alisando a curva da taça.

— Foi bom.

— Está gostando do trabalho?

— Muito. Estou revisando um livro de poesias. É lindo.

— Sei de que livro está falando. Fui eu quem o escolhi.

Ela sorri outra vez. Sei disso porque vejo seu sorriso na periferia da visão, e porque a sala, por causa dele, clareia.

— Tenho dois estagiários — ela comenta pressionando os lábios como se achasse a ideia um verdadeiro luxo. — Mas acho que eu os assustei. Devem ter sido as tatuagens — ela olha os próprios braços.

— Elas fazem você parecer mais nova.

— E mais irresponsável — ela ri.

— Por que as fez?

— Não sei, acho que queria fazer algo diferente — ela leva o copo à boca, me olhando sobre a borda. — Achei que não fosse conseguir o emprego por causa delas.

Sorrio de volta. *Não foi isso que aconteceu, foi?*

Enquanto observa as próprias tatuagens dos braços, ela pergunta: — E você, gosta delas?

— Eu gosto — respondo. O dedo tamborila contra o vidro da taça. — Há quanto tempo as tem?

— Fiz todas depois do acidente.

— Por quê?

Ela abraça as pernas e olha para o jardim de inverno no centro da sala: — Sabe aquele acidente que contei no dia da entrevista?

Faço que sim, que sei. *Eu sei.*

— Pois é, ele me quebrou inteira. Só fraturas, foram 213.

— Sinto muito — sussurro.

— Imagine, faz muito tempo — ela faz um gesto desmerecedor com a mão. Continua a falar, cada palavra saindo calibrada, cada frase orientada pela métrica: — Quando acordei, trinta dias depois, não fazia ideia de quem eu era. Não conhecia aquela garota triste que me fitava de volta no espelho, e não me lembrava de nada. Com o tempo tudo que era relevante voltou. Eu era novamente eu mesma, só que dentro de uma vida estranha. Desde então eu tenho essa vontade de fazer tatuagens, e de desapegar das coisas. Como se eu não suportasse mais *ter* nada, entende?

Faço que sim, mas não sei se entendo.

— Pensando a respeito, muita coisa que eu tinha não fazia sentido — ela continua. — A coluna diária no jornal aos vinte e dois anos, por exemplo. A falta de amigos, o namoro...

Ela interrompe a frase. Balança a cabeça, aperta os joelhos contra o corpo.

— Namoro? — eu arrisco.

Ela volta a sorrir, mas seus olhos envidraçam. Na minha barriga se assenta um sentimento abstrato e ruim. A camisa de Bia escorrega pela pele desenhada, e ao ajeitar a manga, a tatuagem do braço direito fica à mostra.

— O que é isso? — pergunto.

Ela suspende a manga. Um cobra pintada de cinza dá três voltas no antebraço, e na última engole o próprio rabo.

— É um *oroboro*. O símbolo do eterno retorno.

— É linda. Quantas mais você tem?

— Muitas — ela ergue a outra manga. Ali me mostra uma lágrima, assim como a linha da vida daquelas que registram batidas do coração em hospitais. Mostra também a pena atrás da orelha, que só é visível quando segura o cabelo para o alto. Mostra a data no pulso.

21.09.2010.

O sentimento na barriga vira concreto. Ela afasta o prato e coloca o calcanhar sobre a mesa, mostrando o tornozelo. Ali ela tem um ponto e vírgula, uma tatuagem comum para quem luta contra algum tipo de desordem psicológica. Mostra também a imensa frase que toma parte da panturrilha:

“Amor não é amor

Se quando encontra obstáculos se altera,
Amor é um marco eterno,
que encara a tempestade com bravura;
É a estrela de toda nau errante
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo,
não se transforma de hora em hora,
e sim se afirma para a eternidade.”

— Shakespeare — digo reconhecendo o texto alterado. Um dos seus sonetos mais bonitos, onde ele fala sobre o que é amor e o que não é.

Ela assente.

— É minha tatuagem mais antiga — ela explica passando a ponta dos dedos sobre ela. — Um alerta de que nem tudo que reluz é ouro.

Seu tom é amargo. Não quero imaginar o que ela considerava ouro e provou-se não ser.

— Talvez essa tatuagem seja a de que menos gosto, porque tomou muito espaço e doeu demais — diz sem atentar para minha falta de cor. Ela procura ao redor onde estão as outras. Levanta da cadeira e ergue a camisa, de costas para mim. Mostra duas imensas asas escuras que enfeitam cada lado das costas, o lírio desenhado perto da cintura, a pequena frase sob o cabelo *“Para que nada nos separe, que nada nos una,”* essa última, uma homenagem a Neruda.

Vira de frente.

Meus olhos marcam sua pele como dedos. Ela sempre me causou essa agitação interna que sinto agora. Essa sensação de vida, da inquietação que viver provoca. Mas são as asas e o lírio que fazem o estômago rejeitar a comida. Pássaros são símbolos, assim como flores. Modulo a respiração para que ela não note que existe uma história atrás de cada um daqueles desenhos, e que ela, perdida em sua amnésia, não sabe disso, mas eu sim.

Ela se vira para mim. Ergue a blusa até que apareça o sutiã, e mostra sob o seio direito um oito deitado. Perto do umbigo, uma chave antiga e cheia de rebusques. Mostra a constelação no outro ombro, e outras tatuagens menores entre os dedos das mãos. Quando não acha mais nenhuma para mostrar, volta a se sentar.

— Imagino que... — preciso perguntar, mesmo que a voz saia engasgada. — Que cada uma dessas tatuagens tenha um significado.

— A maioria delas eu fiz para esconder cicatrizes. Pedro, você está bem?

Não estou bem. Meus olhos ardem, e a boca está seca.

— Você deve ter ficado muito machucada.

Ela não responde. Sua atenção está agora em mim, não mais na sua tragédia.

— Eu fiquei.

— Desculpe — balanço a cabeça. — Acho que tenho medo de agulhas.

Ela franze discretamente os olhos. Minha desculpa não a convence.

Voltamos a bebericar o vinho: eu, pálido; ela, desconfiada.

— Nunca pensou em escrever sobre o acidente? — tento tirar sua atenção de mim. — Sua história daria um livro.

— Ninguém quer ler sobre gente amarga.

— Tragédia e superação encantam pessoas desde que o mundo é mundo.

Ela leva o copo à boca: — Que superação?

Abaixo a cabeça para mexer na toalha: — Eu leria a sua história.

— Não tenho talento, Pedro.

— Deixe que eu julgue isso. Escreva algo e traga para mim.

— Não consigo mais escrever. Não sei para onde minha história foi.

Embora ela continue do seu lado da mesa e eu no meu, minha frase diminui nossa distância:

— Ela está na sua cabeça, Beatriz. Esquecida, mas está aí.

Ela se encolhe como se eu tivesse dito aquilo ao pé do seu ouvido.

A verdade está em cada tatuagem, e no significado velado por trás delas. Está também na vontade de manter o passado esquecido para que ele não machuque mais. Lembrar demanda energia, esquecer é se salvar.

Ela balança de leve a cabeça que não, abaixando os pelos do braço arrepiado.

— Sempre está na nossa cabeça — digo como se dissesse aquilo para mim. — Nossas limitações físicas, nossas limitações emocionais, nossas lembranças e memórias. Não lute contra elas. Deixe o passado voltar.

POR FAVOR, NÃO, JOÃO

“O que a memória ama fica eterno.”
— *Adélia Prado*

Naquela noite me esfrego no banho como se estivesse coberto de visgo, de um tipo de gosma de que precisasse desesperadamente me livrar. Como se só esfolando a pele Bia pudesse sair de mim.

De onde tirei a péssima ideia de vir morar com ela?

Paro de ensaboar o rosto. Péssima ideia é abrir o olho agora, com a cara cheia de sabão. O que fiz foi loucura, é suicídio programado. Essa história não vai acabar sem vítima, ambulância na porta ou paramédicos com ressuscitadores nas mãos. Um de nós vai quebrar, e esse alguém vai ser eu. É meu coração que vai ser estilhaçado outra vez.

Saio do banho e passo a toalha pela pele esfolada. Sento na cama e afundo os dedos no cabelo úmido, a cabeça baixa e o peito esmagado. A mente retorna aos dias em que, Deus é testemunha, não enlouqueci por um triz. Depois do vazamento das fotos ela cancelou qualquer tipo de mídia social e se recusou a falar comigo. Não havia quem me colocasse a par de seu estado, ninguém daria ao seu suposto difamador informação de como ela estava.

As lágrimas descem mornas pelo rosto.

Quando concordei em morar com ela achei que fosse encontrar um inimigo, não uma garota machucada. Que ela perceberia logo o que estava acontecendo e fugiria. Não pensei que conviveria com sua amnésia, não antecipei a rotina, a expectativa tola em revê-la toda vez que abrisse a porta.

Olho para as roupas penduradas no armário e para a mala finalmente vazia ao lado. Não preciso de muito para sair dali, só coragem.



Deixo a casa na quarta feira depois do expediente. Bato à porta de Bruno e fico por lá por aquela noite, e a noite seguinte também. Meu desespero é grande, ou eu jamais ficaria no meu irmão. Tudo em seu apartamento lembra motel barato: da banheira que solta luzes coloridas, da cama giratória às camisinhas usadas, jogadas na lata de lixo da cozinha. Não sei o que é pior: ser assassinado por Beatriz ou achar que vou adoecer por causa de alguma coisa nojenta grudada na coberta.

Na sexta decido que para casa de Bruno eu não volto. Aceito um convite do pessoal do Marketing para uma *happy hour* depois do trabalho. A noite inteira tento explicar para um garoto de vinte e cinco anos que minha orientação sexual no momento é complicada, e que está tudo bem que só se fala disso na editora. É isso ou bater papo com Bia na cozinha.

Quando o garoto me deixa às duas da madrugada em casa — ainda convencido de que pode ter alguma chance comigo —, encaro a porta da maldita casinha verde. Entro como quem se esgueira por um terreno inimigo: sem fazer barulho, na ponta dos pés.

Talvez ela não tenha percebido que estou tentando evitá-la. Que prefira ter a casa só para ela, e goste de solidão.

Tiro o casaco e penduro no cabide, largo a pasta sobre a mesa. Subo as escadas só de meias, desabotoando a camisa. A casa está escura, mas a luz do seu quarto está acesa. Noto um movimento com o canto dos olhos e praticamente salto para dentro do quarto, como se do quarto dela pudesse saltar um bicho.

— Pedro?

— Oi — retraio atrás da porta. Meu coração é um estouro de boiada. — Acordei você?

Ela balança a cabeça que não. Levanta da cama vestindo uma calça de flanela e uma camiseta velha, o cabelo uma confusão macia emoldurando o rosto: — Achei que não fosse mais voltar.

Seu sorriso é o momento mais bonito da noite.

— Muito trabalho — minha mão para na frente da boca para barrar o hálito de fumo e bebida ou a mentira descarada. Ela deve

ter sentido a nuvem de cheiro ao meu redor. Eu mesmo me sinto anuviado. — E você? Andou se divertindo por esses dias?

Ela move os ombros, como se não parecesse certo categorizar o que fez como diversão.

— Ah. Bem, com o tempo você vai conhecer gente na cidade. Logo sentirá falta dessas noites tranquilas — solto uma riso forçado e me inclino para trás. — Então tá. Dá licença. Boa noite.

Ela não diz nada, apenas me lança aquele famigerado sorriso de Monalisa, em que os olhos conversam com você, mas a boca é só uma linha no rosto.

— Tá bom, vou fechar a porta.

— Pode fechar — ela diz, mas não se move, e eu não sei bater a porta na cara dela.

Antes que eu faça o que preciso fazer, ela fala: — Senti sua falta.

Sua frase é inocente e sincera, tudo que eu não esperava no final da noite. Pisco, estranhando um barulho. Um desmoronamento vindo de longe. Não de longe, de *dentro*. Aquele é o som das minhas defesas caindo.

A razão me manda bater a porta, o ímpeto quer responder *eu também*. Mas nada daquilo soaria certo. Não posso dizer o mesmo, não são dois pesos e duas medidas. Um de nós se lembra, o outro não. Ao contrário de sua confusão, se dissesse o mesmo estaria fazendo uma declaração.

Beatriz fica com pena de mim e volta para o quarto. Joga-se na cama, onde um livro aberto, virado de cabeça para baixo, a espera. A cerveja que tomei começa a me fazer mal. Vai um pouco além de mal: algo ácido corre por mim, devorando minhas entranhas.

Ela deita o rosto sobre a mão e me olha, linda de doer a retina.

— Durma bem, Pedro.

Bato a porta e tombo na cama sentindo o teto rodar. É como se eu estivesse deitado sobre um carrossel. Tonto, sem saber onde é céu, onde é inferno. Sem saber dizer se os dois lugares são um só.

Senti sua falta.

Como pode sentir minha falta se parei de existir para você?

Aperto os olhos com o polegar e o indicador. Tudo que eu devia ter feito era dispensá-la na recepção da Alpina, e ela nunca saberia sobre mim. Mas senti curiosidade. Queria mostrar para ela que

estou bem, que podia, pela primeira vez, olhá-la de cima para baixo. Mas assim que coloquei os olhos nela, virei do avesso. O choque de não ser reconhecido suplantou a raiva; minha existência foi semiapagada quando descobri que fui esquecido.

O *score* continua mil a zero para ela. Mesmo por baixo, amnésica e muito mal remunerada, ela me deu uma rasteira.

Levanto de supetão. Talvez seja a raiva ou a bebida — sem dúvidas é a bebida —, mas finalmente acho a coragem para andar até ela e dizer que estou de mudança. Vou para um hotel, fico na casa de Bruno ou aceito o convite para morar com o cara do Marketing, mas aqui não fico mais. Essa loucura acaba hoje, antes que eu enlouqueça de vez. Abro a porta e ando até ela. Uma luz fraca chega do canto do quarto, amarelando o ambiente como uma foto antiga em sépia. Seu cabelo está espalhado pela cama como um leque negro, e suas pernas escapam do lençol. Ela mexe o corpo, debatendo-se durante o sono.

Volte, Pedro. Vá para o seu quarto, coloque os fones de ouvido e tranque a porta. Mas ela mia e meu coração se aperta sem autorização. Aproximo a mão de seu ombro, acho que está sonhando, mas ela solta com a voz estrangulada:

— Não, não! Por favor, não.

Afasto a mão. Seu rosto tem os vincos dos pesadelos, mas ainda assim é uma obra de arte, uma viagem no tempo. A garota que conseguiu uma liminar proibindo minha aproximação está tendo um sonho ruim, e só existo eu ao redor para acudi-la.

A garota que nunca aceitou me ver depois do acidente. Que tem duzentas e treze fraturas e vinte tatuagens.

Aquela que um dia foi a minha garota.

— Não, por favor... Não, João.

O corpo paralisa. *João?*

Dou um passo para trás. Em seguida dou outro e outro e outro. Entro de ré no meu quarto, encosto a porta, me enfio debaixo da coberta e por um tempo me escondo ali, com olhos arregalados. Há anos ninguém me chama por aquele nome. Não fora da família, e muito menos *e/a*.

No quarto, sombras dançam na parede. O céu do lado de fora está calmo, mas dentro da casa é noite de tempestade.

Não entendo como funcionam os mistérios do cérebro, que tipo de trauma eliminaria um período inteiro da vida, mas sei, agora, que sonha comigo.

Se sonha comigo, com que imagem me dá forma?

Ouvi-la é imaginar que existo, quando por anos achei que não. Mas quanto realmente existimos quando somos apagados das memórias de alguém?

Eventualmente, embalado pelo barulho da respiração que se tranquiliza no quarto ao lado, adormeço também, tocado até a alma por ter ouvido após tantos anos Bia dizer meu nome.

ACHO QUE ESTOU GOSTANDO DE VOCÊ

“O acaso é o pseudônimo que Deus usa quando não quer assinar suas obras.” — Theophile Gautier

Catorze anos antes

Querido Diário.

Eu sei, você detesta ser chamado de querido, mas é assim que escrevemos em diários. Hoje tenho uma coisa para contar. Lembra daquele menino sobre quem escrevi um tempo atrás, o que embolou o anel no meu cabelo? Aquele que passou tantas vezes de *skate* na frente do prédio que acabou sendo atropelado? Pois é, ele veio aqui depois da aula. Parece que ficou amigo do André, o esquisito do 301. Apareceu hoje com uma bola de vôlei, interfonaram querendo saber se eu queria jogar. Malu e a prima também iam, então resolvi aparecer.

Foi uma surpresa ver João ali. Ele até que é engraçadinho, pena que está todo quebrado. Manca da perna direita, ela precisou ficar um tempão enfaixada.

Jogamos vôlei, e João, mesmo machucado, jogou também. Não vou nem contar como foi, mas se parece estranho imaginar, imagina assistir.

O tal João não parou de me secar. As meninas brincavam: *João, é pra sacar, e não secar*. Não adiantou, o João só me secava. Depois do jogo, quando o céu já estava escuro, André buscou suco e ficamos conversando no parquinho. Nunca vi tanto mosquito, a gente não sabia se conversava ou dava tapa nas pernas. Não sei se João sabe que André e eu trocamos uns beijinhos tempos atrás e desde então o menino tá a fim de mim; acho que João nem desconfia. Lá pelas tantas Malu deu a ideia de brincarmos de

Salada Mista. Sei que ela estava arrastando asa pra cima de João e armou a brincadeira para beijá-lo. O problema é que eu não estava nem um pouco a fim de ficar com André e bem menos a fim de deixá-la beijar o João.

— Funciona assim — Malu explicou para o grupo. — A gente tapa as vistas de vocês e pergunta “pera, uva, maçã ou salada mista?” Se for pera é aperto de mãos. Se for uva, abraço, e se for maçã, beijo no rosto.

— E se for salada mista? — João perguntou, e Malu e a prima boba caíram na risada.

— Beijo na boca, oras — André respondeu como se ele fosse lesado. O rosto de João ficou da cor de um tomate.

Antes de começar, Malu me beliscou e cochichou no meu ouvido: — Eu aperto seus olhos quando for a vez de André, ok? Quando for João, você aperta os meus.

Menti que sim e começamos a brincadeira. Malu decidiu que começaria pelo João, porque ele nunca brincou antes. Ela firmou as mãos sobre os olhos dele enquanto eu, André e a tal da prima sentamos nos balanços.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — Malu começou, olhando para o André.

— Pera — João respondeu.

André se levantou e apertou a mão do João. Mãos de meninos são diferentes das mãos de meninas, e João adivinhou quem era. Era para ser a vez de outra pessoa, mas Malu parecia estar gostando da situação. Olhou então para mim e perguntou: — Pera, uva, maçã ou salada mista?

João hesitou: — Não é André de novo, é?

Malu riu. — Não.

— Uva, então.

Eu me levantei e andei até ele. As mãos de Malu se ajeitaram sobre seus olhos para não deixarem ele me ver. As chances de receber um abraço meu eram de cinquenta por cento, certo? Envolvei meu corpo magricelo com os braços e para aproveitar a proximidade, cheirei seu pescoço. O menino esquentou como um forno; a sensação é de que abracei um poste.

— Bia — ele adivinhou.

Malu o soltou.

Minha vez de segurar os olhos de Malu. Ela sentou na minha frente e eu tampei seus olhos, mas antes ela trocou um olhar cúmplice comigo, como quem diz: *dê um aperto de leve quando for João*.

Tapei bem suas vistas, olhando para os três sentados nos balanços do *playground*. A lâmpada fraca do parquinho mal iluminava a área, e ao seu redor voavam mariposas acinzentadas. André parecia entediado, e a prima de Malu olhava toda hora para o relógio. Só João parecia interessado no jogo.

Eu e ele. Eu também estava.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — perguntei olhando para João, sem mover as mãos.

— Hum... Pera.

João se levantou e apertou de leve a mão de Malu. Ela não fazia ideia de quem foi.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — perguntei de novo, olhando dessa vez para o André. Ela aguardou novamente um sinal, mas eu não fiz nada.

— Maçã — ela arriscou.

André deu um beijo de leve em seu rosto. Malu tentou captar cheiros, sons, mas André se afastou e ela não descobriu nada. Como ela não adivinhou, perguntei pela terceira vez. Ela pediu salada mista certa de que era João desta vez, mas sua prima gritou “eca!” e melou a brincadeira.

Quando larguei Malu ela estava brava comigo.

— Quem vai agora? — ela perguntou aborrecida.

— Eu vou — disse me sentando no balanço e esperando que suas mãos tapassem meus olhos. Antes que tudo ficasse preto olhei para João. Ele parece bobo, mas não é. Sacou na hora que eu ia dar um beijo nele aquela noite, nem que fosse um selinho. É bom que ele estivesse preparado.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — Malu disse sem mover as mãos.

Minha resposta saiu firme: — Pera.

Mãos femininas apertaram a minha, e eu dei de ombros fingindo não saber de quem eram.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — Malu repetiu, apertando de leve meus olhos. Boa tentativa, Malu, mas não quero o André: — Pera.

Uma mão forte apertou a minha. Não era a mão do menino com o anel de caveira, mas fingi que não sabia.

— Pera, uva, maçã ou salada mista? — ela perguntou pela última vez, visivelmente enfadada.

— Salada mista.

A mão que tapava meu rosto endureceu. Ouvi passos tímidos, e senti um rosto se aproximar. O cheiro era de *tutti-frutti* ou melancia, ou uma mistura dos dois. Lábios macios tocaram de leve os meus, como se tivessem medo de levar um choque ao me beijar.

E choque foi o que ele levou.

Segurei o rosto entre as mãos e forcei a língua entre seus lábios. O menino primeiro paralisou, mas depois respondeu. Não demorou mais que um segundo, mas posso sentir até agora a sensação que foi. Língua com língua. Pouquinho, mas ainda assim, língua. Larguei o rosto, ele se afastou, e eu sorri.

Malu me soltou, brava. Ninguém ali parecia tão feliz como eu. Os três avisaram que estavam subindo e partiram, me deixando sozinha com João no parquinho.

Por um tempo permanecemos ali, na penumbra, calados. A corrente do balanço quebrava o silêncio com um guincho agudo toda vez que ia ou voltava. Meus pés estavam afundados na areia fedida a criança suada, enquanto João parecia perdido em pensamentos, afastando os mosquitos do ouvido.

— Eu levo você até o portão — disse me levantando.

— Tá.

Caminhamos em silêncio até a portaria. Arnaldo abriu o portão e João saiu. Ele desceu dois degraus forçando mais uma perna que a outra, ambas empoladas de picadas. Virou então de supetão e olhou para mim:

— Bia?

Estrelinhas tilintaram na barriga: — O quê?

— Você sabia que era eu?

— Sabia.

Ele abriu um sorriso, e acho que foi a primeira vez que sorriu para mim. Virou e foi embora mancando, mas definitivamente mancando feliz.”

E SE FOSSE COM VOCÊ?

“Os meus dias de ontem caminham comigo. Eles mantêm o passo, são os rostos cinzentos que espreitam por cima do meu ombro.” — William Golding

Pedro, meu menino! — o dono da Alpina me abraça. Albano Martins não deve ter menos que oitenta anos. Alerta e nem um pouco senil, ele controla cada um de meus passos, sempre à espreita para cobrar os dez por cento a menos na folha de pagamento. Seus olhos cravam em mim como sua bengala no chão: — Gostei muito do projeto para o novo *layout* do estande na Bienal. Gostei também daquele curso para novos autores — ele dá mais um tapinha no meu braço. — Sabe que teremos uma enxurrada de novos manuscritos chegando aqui, não sabe?

— Sim, eu sei.

— Tem meu aval para tocar o curso *online*. E não se esqueça, essa semana quero você no Rio. Se precisar de qualquer coisa, fale com Neide, ela tem meu número.

— Claro. Obrigado.

Albano deixa minha sala. Assim que ele sai, Suzy, a gerente de RH, dá uma batidinha no vidro.

— Oi Pedro, tem um segundo?

— Claro, por favor — indico a cadeira à frente.

Ela entra e fecha a porta. Assim que se senta, vai direto ao ponto: — Preciso falar com você sobre a nova funcionária.

Ela tem minha completa atenção.

— Algum problema?

— Bem, sim — ela remexe em alguns papéis sobre seu colo. Puxa um laudo entre outros documentos e afasta-o das vistas, tentando enxergar com olhos espremidos as letrinhas miúdas.

— A psicóloga que a entrevistou mandou o resultado hoje, e achamos uma ou duas coisas que você talvez não tenha pego na entrevista.

Seguro em cada lado da caneta, girando-a. Detesto o termo que ela usa: *pegar* alguém na entrevista. Como se fosse assim o modo certo de começar uma relação de trabalho: *pegando* o outro.

— Você sabia que ela tem ataques de pânico? — Suzy me olha sob os óculos.

— Não sabia.

Nem quero saber. Se tem uma coisa que não quero hoje é Suzy me passando informações sobre Beatriz.

Ela me estende o laudo, mas não me movo. Quando a situação fica ridícula — ela balançando o laudo no ar, eu me recusando a pegá-lo —, estico as mãos e o pego.

— Ela confessou à psicóloga que sofre de ataques de pânico e que tem problemas de concentração — Suzy entorta a boca. — Ela não deveria estar como chefe da revisão, Pedro.

Pouso o laudo na mesa. Continuo a mexer na caneta, sem olhá-lo.

— Precisamos rever sua contratação. Vamos usar os três meses de experiência para ...

— Para...?

Ela molha os lábios, mas ao ver minha expressão, não termina a frase.

— Suzy, você tem alguma reclamação sobre o trabalho dela?

— Não, mas...

— Ela cometeu algum erro?

— Pedro, nós, da Alpina...

Eu a interrompo: — Se ela cometer erros de revisão, que é basicamente a única coisa que me interessa, voltaremos a conversar.

Empurro o laudo com a caneta para o seu lado. Não quero aquele documento ali.

— Mas isso aqui mostra que ela tem *questões* — ela bate com a unha comprida sobre o documento. — Erros irão acontecer.

Aponto a caneta para os papéis que ela segura: — Parece certo para você agir com base em um laudo sobre algo que ainda não

aconteceu?

Suzy ganha a cor das paredes. Não as minhas, porque as minhas são transparentes.

— Mas quem redigiu o laudo foi a psicóloga que a Alpina...

— Eu perguntei se parece certo para você.

Como ela não responde, respondo por ela: — Não parece certo para mim. Claro que se os ataques de pânico forem tantos que ela precise faltar demais, ou coloque nossa segurança ou a dela em risco, aí sim, falaremos sobre isso. Mas agora? Não vejo por que demiti-la.

— Mas e se ela surtar? — a mulher ergue as mãos, como se falasse para uma plateia. — Podemos evitar confusões desnecessárias se aproveitarmos os três meses de experiência e...

— Você quer que eu despeça Beatriz porque ela tem problemas que ainda não se manifestaram?

— Bem, não seria despedi-la, apenas... *voltar atrás* na contratação — Suzy se ajeita no lugar.

Por um tempo ela me olha procurando algum tipo de compreensão da minha parte. O que ela procura ela não acha.

— Não vou mandá-la embora.

— Eu só achei que...

— Não posso, Suzy, e sabe por quê? Que bem eu faria ao mundo demitindo uma pessoa que não cometeu nenhum erro? E de onde achou que alguém deve ser mandado embora por problemas de saúde que ainda não apareceram?

Suzy enrijece a coluna: — Só achei que precisava alertá-lo — diz levantando-se.

— Obrigado pelo alerta — respondo.

Ela anda calada até a porta. Sinto por Suzy também, sei que se preocupa com antigos funcionários da editora e quer que os dez por cento das demissões comecem por Beatriz, mas não vou fazer isso. Abrir precedentes como esse é perigoso. Todos passamos em um momento ou outro por períodos de depressão. De mania, de falta de concentração, de crises pessoais ou dor. É um golpe sujo nos livrar de alguém quando este mais precisa de apoio.

— Ficarei de olho nela — digo em um tom que a tranquiliza. — E não tenha dúvidas, Suzy, se os problemas de Beatriz interferirem

em seu trabalho, serei o primeiro a agir.

Ela faz que sim e parte, mas deixa o laudo sobre a mesa.

O papel fica por um bom tempo ali. No fim do dia, sem conseguir mais resistir, trago as folhas às vistas e leio a avaliação psicológica. Um erro, porque se antes sentia dificuldade em carregar um coração que parece feito de chumbo, agora carrego um corpo inteiro feito de metal.

Laudos Psicológicos

Beatriz Medina, vinte e nove anos, sofre de transtorno de stress pós traumático (TSPT). Sua fala sobre o acidente, à primeira vista, é natural e tranquila. Seu discurso, no entanto, é rígido e não permite intromissão. Via de regra, pessoas com TSPT encontram como modo de sobrevivência uma história segura para repetir quando perguntadas sobre o evento. Isso possibilita que eles abordem o tema sem necessariamente revivê-lo, protegendo-se assim de dores evitáveis. Em outras palavras, elas põem uma máscara para ocultar a realidade que consideram repulsiva.

Como resultado do acidente, sua vida íntima e pessoal foi afetada. A candidata demonstra ter desenvolvido, além disso, uma série de fobias — como não dirigir e não conseguir ficar muito tempo sozinha — e uma mudança duradoura de personalidade. O acidente é reexperenciado involuntariamente em pesadelos noturnos dos quais ela pouco se lembra, sem qualquer flashback consciente do evento traumático ou dos anos que o antecederam.

Sua memória para fatos presentes, segundo indicado por seu teste de QI, encontra-se acima da curva. Sua memória se sobressai à de pessoas de saúde mental normativa, porém, seletivamente, seu passado foi deletado. A paciente tem consciência de sua amnésia, conhece seus processos, sabe que poderá ou não voltar a se lembrar do passado, mas demonstra comportamento de fuga ao falar daquele tempo ou sobre as consequências físicas do acidente.

A candidata expressa pouco interesse em travar contatos emocionais, esquivando-se de relacionamentos afetivos. A candidata apresenta ainda distúrbios de sono, episódios de pânico desencadeados por sensação de abandono, hipervigilância, diminuição de afetividade, pessimismo quanto à própria vida e dificuldade de concentração.

Não vejo em que momento largo o papel e ando em direção ao banheiro. Fico um tempo trancado dentro do cubículo, mergulhado em pensamentos até que a queimação no peito passe e eu consiga voltar ao trabalho. A sensação é que, não o estômago, mas o coração sofre de azia. É fel o que disputa nas veias espaço com o sangue.

A culpa é tanta que sinto dor.

Volto para casa pesado, como se arrastasse três homens pela calçada. Vou pensando nos últimos dias, e nos próximos. Como poderia deixá-la sozinha quando seu maior medo é justamente estar sozinha? Se sei, hoje, que teme a própria vida por algo que parcialmente causei?

Vou andando e pensando em Suzy, no laudo, no acidente, nos distúrbios, nos ossos quebrados, nas tatuagens. Penso no seu pulso, lembro da data.

E tudo porque naquela exata noite ela me pegou com outra garota.

A PEÇA É ELA

“Estava escrito que eu devo ser leal ao pesadelo de minhas escolhas.” — Joseph Conrad

Naquela noite não durmo. A cabeça tenta achar encruzilhadas no passado, momentos decisivos que, se mudados, poderiam ter nos levado a destinos diferentes.

Viro de lado no travesseiro, retornando ao minuto em que tudo mudou: o dia em que meu anel se enroscou no cabelo dela. Foi lá que a vi de perto e me deparei com os olhos mais azuis do mundo. Foi ali. Naquela tarde. O marco zero da minha obsessão.

Depois daquilo eu passei a bater ponto na sua rua. Passei tantas vezes de *skate* na frente do seu prédio que acabei sendo atropelado por um morador saindo da garagem. Quebrei a perna e a comoção foi tanta que ela não teve outra alternativa senão me notar. Um mês gastando o asfalto da frente de seu prédio, uma perna quebrada, e finalmente ganhei sua atenção.

A essas alturas eu já estava apaixonado. Incondicionalmente, irrecuperavelmente rendido.

Concluo, ao final, que se pudesse voltar no tempo teria mudado não a noite do acidente quando tudo foi abaixo, mas o fim de tarde sete anos antes, quando, ainda menino, me perguntei se ela era real e toquei seu cabelo.

Aquela é a minha encruzilhada. Se a vida me desse outra chance, eu teria passado direto.

A madrugada é alta quando me levanto. Pego o *laptop* que repousa ao lado e o ligo. Espero a tela principal baixar, procuro no fundo do HD uma pasta obscura chamada “ela.” A pasta fica dentro de três outras, praticamente em uma caverna digital. Abro a pasta, e um único arquivo aparece. Uma foto.

Clico sobre o ícone e Beatriz surge aos dezenove ou vinte anos, deitada na minha cama quando ainda morava na casa dos meus

pais. Cabelo esparramado entre os lençóis, olhar azul, pernas levemente afastadas. Nenhuma peça de roupa. Não sei quanto tempo olho para a foto. Ao todo, devo ter olhado para ela por mais ou menos uma eternidade. Aquela foi a única foto que sobrou entre confisco de computador, queimas de HD e compra de novos. A cada dois anos eu a abro. Sinto vontade de vê-la, sei lá. Há um ano eu não a abria.

Levo o dedo à tela, contornando seus traços. *Eu amei você mais do que minha própria vida.*

Nem eu mesmo sei como aquela foto escapou. Quando a polícia levou meu computador, perdi todas. Eram centenas, milhares de fotos como aquela, uma mais linda que a outra. Se me lembro bem, esta escapou porque estava anexada a um e-mail.

Olho pela última vez nos olhos apaixonados que me fitavam de volta.

E você, Bia, me amava?

Fecho a foto, clico sobre seu ícone. *Tem certeza que deseja excluir esse arquivo?*

Fecho o computador, sem coragem.

Tomo uma decisão naquela noite; já não tento mais racionalizá-la, apenas aceito-a. Vou ajudar Beatriz a montar a história que ela não consegue mais contar, nem que para isso tenha que fazê-la lembrar de tudo.

Pego o telefone e disco o número conhecido. A voz da minha mãe soa baixa e confusa do outro lado:

— Alô?

— Mãe? Sou eu, Pedro.

Posso ouvi-la hiperventilar: — João Pedro, meu filho, você está bem?

— Claro que estou, mãe. Desculpe por ligar tão tarde.

— Aconteceu alguma coisa?

— Saudades de ouvir sua voz.

Ela ri aliviada do outro lado: — Já sei. Você foi preso e precisa de dinheiro para a fiança?

— Como adivinhou? — rio também, baixo.

— Fale, meu filho querido. O que essa velha mãe pode fazer por você?

— Quero que me faça um favor assim que o dia raiar.

— É só pedir.

— Você se lembra daquela mochila azul que te entreguei anos atrás, antes de mudar para São Paulo? Uma que eu pedi que nunca abrisse?

Ela pensa por um instante.

— Ah, sim. O que quer que eu faça com ela?

— Quero que abra a mochila e corte o lacre da caixa — continuo com as instruções. — Quero que retire os três diários da caixa e folheie-os, mas sem ler. Tire todas as fotos minhas que encontrar. Não são muitas, me lembro que salvei poucas da fogueira que...

Pauso.

Da fogueira que a mãe de Beatriz fez no quintal, quando queimou tudo que era meu.

— João, o que está aprontando?

— Quero que confira pessoalmente se existem fotos, imagens ou desenhos meus. Você está acompanhando?

Minha mãe exala, claramente detestando a direção para onde as coisas estão indo.

— Depois, você vai empacotar os diários e mandá-los para o endereço que vou te passar, em nome de Beatriz Medina.

Minha mãe emudece do outro lado.

— Explico melhor depois, mãe. Esses diários são dela, e quero devolvê-los.

Posso ouvir minha mãe remexer na lâmpada de cabeceira, procurando o interruptor.

— O que está tramando, João Pedro?

— Quero devolver suas memórias, só isso.

— Só isso? — ela repete, nervosa. — Afaste-se dessa garota, meu filho. Essa menina causou estragos demais na sua vida. Mantenha toda a distância que conseguir dela, está me ouvindo? — sua voz cresce em agonia.

— Estou, mãe.

Não é uma mentira, eu estou ouvindo. Manter a distância é que não dá mais.

— O que quer que faça com as fotos?

— Guarde-as aí.

Ao se despedir, ela pede que eu tome cuidado e que “cuide da anta do meu irmão.” Prometo cuidar e desligo, sabendo que fiz a coisa certa.

Volto a deitar na cama, vendo cenas do passado desenrolarem-se no teto do quarto.

Sete anos atrás eu e Beatriz éramos peças de um jogo de dominó. Ela era a peça que vinha na frente. Meu norte, a catalisadora de toda mudança. Eu vinha logo atrás, e cada aspecto da vida, tanto da minha quanto da dela, vinha em seguida. Cada aspecto, uma peça. Todas juntas, coladas à outra.

Um evento colocou tudo abaixo, e desde então tenho tentado me reerguer sem sucesso dos escombros. É hora de levantar, mas só vou conseguir ficar de pé se levantar a primeira peça de cima dos ombros.

E essa peça é ela.

DIAS ESCUROS

“Como você punirá aqueles cujo remorso já é maior do que os seus crimes?” — Khalil Gibran

Bato no dia seguinte às sete na sua porta.
— Quem é? — a voz sonolenta pergunta.
— Quem acha que pode ser, Beatriz? — respondo abrindo a porta. Na mesma hora em que abro, fecho-a travando a respiração. Ela tenta abrir a porta do lado de dentro, eu seguro a maçaneta do corredor. A porta abre, e eu tampo as vistas como se tivesse doze anos.

— Que foi? — ela pergunta com uma mão na frente do seios, a cara amassada e o cabelo para cima.

— Por que está pelada?

— Não estou pelada.

— Você está sem blusa! — eu a acuso ainda com a cara tampada.

— Acho que fui trocar de roupa e acabei dormindo de novo — diz me dando as costas e caindo de volta na cama, bunda para cima, uma metade da calcinha entrando nas curvas enquanto a outra cobre metade da polpa.

— Hora de ir para o trabalho, vamos — digo olhando para suas curvas. Uma visão e tanto, sacudo a cabeça, com aquelas asas escuras, a flor e todas as outras tatuagens.

— Você nunca me esperou antes. Por que hoje? — ela resmunga com a cara afundada no travesseiro.

— Vou ficar fora uma semana e quero andar com você para o trabalho,oras.

Ela se levanta, põe as mãos na cintura e se aproxima. Volto a tapar as vistas.

— Você ainda está pelada.

— Esqueci que não está acostumado a ver mulheres sem roupa — comenta me olhando de lado. — Quanto tempo vai ficar fora?

— Podemos conversar quando você estiver vestida?

— Vou colocar qualquer coisa e já desço.

Mal desço um degrau da escada e ela surge, um vestido colorido sobre a calcinha e só.

— Já? Não vai lavar o rosto, escovar os dentes? — *colocar um sutiã?*

Ela bate na bolsa de lona, indicando que tudo que precisa está ali. Enquanto boceja, calça a botina de lenhador que sempre deixa no beiral da porta e veste o casaco jeans surrado que fica pendurado no cabide.

— Estou pronta.

Estendo-lhe uma caneca para viagem e partimos, bebericando o café enquanto andamos pela rua calma.

— Você não se arruma para o trabalho? — pergunto olhando-a. Seu cabelo está levemente bagunçado, e a roupa não parece ter visto ferro de passar nessa encarnação.

— Não.

Mesmo sem pentear o cabelo, lavar o rosto ou escovar os dentes, Bia ainda é uma deusa saída de lendas Arturianas.

— Você, por outro lado, caprichou hoje — ela me olha de cima em baixo.

— Eu costumo pentear o cabelo.

— Já experimentou não pentear?

Passo a mão sobre a cabeça, imaginando chegar em uma reunião com o cabelo em pé. — Na verdade, não.

— Pois deveria. Ninguém sabe dizer se você está descabelado porque é preguiçoso ou se está na moda. É engraçado como no dia seguinte alguém aparecerá descabelado também.

— Até parece.

— Juro, é contagioso — ela diz como se tal teoria fosse não apenas conhecida, como bem aceita. — Funciona assim: quanto mais alta a posição hierárquica do descabelado, maiores as chances de que logo dezenas de funcionários descabelem-se também.

Olho para ela. Ela claramente acredita (e se diverte) com aquela maluquice.

— Você acabou de inventar isso!

— Claro que não. Experimente! Você é o *bam bam bam* da Alpina. Chegue descabelado amanhã e veja o que acontece no dia seguinte.

Balanço a cabeça, sem segurar a risada. Ela ri também.

— Prometo que tentarei um dia apenas para provar que sua teoria é uma furada. Mas não amanhã, porque embarco hoje à noite para o Rio.

Ela volta a olhar para frente.

— Ficarei a semana inteira na filial. Você vai ficar bem? — olho-a de lado.

— Claro. Por que não ficaria?

Por que seu laudo disse que tem problemas em ficar sozinha?

— Deixarei meu número na porta da geladeira. Se quiser falar comigo basta ligar, ok?

Ela balança a cabeça que sim, ainda sem olhar para mim.

— E o trabalho, como está? — continuo puxando assunto.

— Bom. Tive uma ideia recentemente. Quero fazer uma coisa, preciso só conversar com meu chefe a respeito.

— Ah é? E o que quer fazer?

— Trabalhar em casa.

Fica claro pela minha expressão que achei a ideia idiota. — Por que faria isso?

— Porque rendo mais ficando em casa, ué. Poderia fazer o dobro do que faço.

Sim, claro. A menina que não tem um único amigo na cidade trabalhando em casa. Brilhante.

— É uma ideia estúpida, Beatriz. Na verdade, muito estúpida. Você precisa ver gente.

— Não faço questão de gente.

— Você precisa fazer amigos. Quem você conhece aqui em São Paulo? Ninguém.

— E o que eu faria com amigos? Sairia para a balada? — ela ri.
— Não preciso de ninguém, Pedro.

— Todo mundo precisa de alguém — eu falo.

A ironia da frase não me escapa. Foi exatamente essa mesma frase que ouvi de Dagmar quando ela empacotou minhas coisas e

decidiu por mim acabar com o relacionamento. *Você vive como se não precisasse de ninguém*, foi o que disse antes de bater a porta na minha cara.

Dagmar tinha razão, todo mundo precisa de alguém. Eu só não precisava dela.

— Acredite, Pedro, estar em casa é a coisa mais segura que faço por mim.

Esfrego o rosto e exalo.

— Por que ficar em casa seria seguro?

Ela não responde. Ao invés, fala: — Você diz que preciso de alguém, mas não vejo você com ninguém. Onde estão seus pretendentes, seus amigos, seus antigos namorados?

Se ela soubesse que partes minhas ainda latejam por tê-la visto de calcinha, não falaria de *namorados*.

— Quem disse que meus ex não me procuram?

— Você mudaria se alguém tivesse procurado você. Estaria mais feliz, ou mais nervoso. Você nunca muda, é sempre o mesmo.

— Está me chamando de chato?

— De estável — ela sorri.

Sorrio também: — Você tem razão, ninguém me procurou.

— Por que terminaram? — ela me olha por cima da borda da caneca.

— *Ele* queria coisas que eu não queria.

— Como o quê?

— Uma família — respondo sem revisitar as últimas brigas com a minha ex-namorada. Sempre que penso nela, sua imagem vem acompanhada de lágrimas e acusações. De gritos e portas na cara.

— Esses homens... — Bia balança a cabeça. — Tão românticos e sentimentais.

Rio também, sem discordar.

— E você? — pergunto. — Imagino que não tenha deixado ninguém especial em Vitória, já que não gosta de gente.

Ela faz que não, mas não me convence.

— Não acredito. Você não tinha ninguém quando veio para cá?

— Você me perguntou se eu deixei alguém especial. Nenhum deles era especial.

— Deles? — o estômago se contrai.

— Eu sou versátil.

Versátil é um adjetivo estranho.

Ela estica os olhos na minha direção: — Não gosto de gente, mas tenho minhas necessidades, né?

Arregalo os olhos e ela vê. Não sei por que me espanto em imaginar Bia com outros. O que passou pela minha cabeça? Que ela ficaria sete anos sem alguém? Mas a verdade é que nunca cheguei a pensar nela como alguém que seguiu com a vida e teve uma existência longe da minha. Para mim ela congelou no tempo, sete anos atrás. Uma imagem estática, uma lembrança da década passada, linda e ultrapassada. O problema é que imaginá-la com outros mexe com sentimentos que eu não estava preparado para sentir.

— De que necessidades você está falando? — olho para baixo, enfiando as mãos nos bolsos. — Sexo?

Ela ri da minha total inabilidade em parecer desinteressado.

— Que foi, Pedro? Você parece chocado.

— Eu estou chocado!

Ela ri. Volta a andar, e eu a sigo.

— O que quer dizer com ser *versátil* e ter *necessidades*?

Em meus trinta anos de existência, jamais tive a curiosidade aguçada dessa maneira. Oras, não sou imbecil a ponto de não conseguir imaginar o que tanto um termo quanto outro significam, mas não conheço mais essa mulher. Nunca vi Bia despenteada durante os anos em que ficamos juntos, ela nunca foi indiferente à sua aparência. O cabelo dessa Bia não vê pente há alguns dias, e sua aparência não toma um segundo de seu cuidado.

— Talvez eu não deva te contar mais nada. Você é *meio* chefe.

— Mas também sou *meio* amigo. Podemos concordar que sou, certo? — apresso o passo para alcançá-la.

Ela ri, e sua risada é uma delícia.

— Tá bom, Pedro, mas tudo que eu disser ficará entre nós, ok? Nem para Neide você pode falar, porque ela fala demais. Foi ela quem me contou que você é gay, sabia?

Faço uma careta: — Por que Neide acha que sou gay?

— Ela disse que reconhece gays a distância. Que o filho dela é gay e você também.

De súbito entendo porque tenho uma mãe sentada na mesa da frente, e não uma secretária.

Bia está mais uma vez à frente é preciso acelerar para alcançá-la: — Prometo que Neide não saberá absolutamente nada sórdido sobre você — ergo três dedos fazendo um gesto de lealdade. — O que você vai me contar é sórdido, né?

Ela sorri, maliciosa: — De certa forma.

— Sórdido nível... — tento pensar em algo bem pesado. — Catherine Millet?

— Catherine Millet é para os fracos — ela gargalha, e fico sem saber se está falando a verdade ou não.

— Charlotte Roche, então? — tento outra vez.

Bia arregala os olhos: — Você leu Charlotte?

— Não é isso que fazemos da vida, ler?

— Zonas úmidas?

— Zonas úmidas, claro.

— Você é o primeiro — ela balança a cabeça, e me sinto orgulhoso porque a impressionei. — Por favor, continue. Está liberada para me contar tudo, menos que faz uso de sementes de abacate.

— Até porque o abacate brasileiro tem uma semente desse tamanho — ela faz a circunferência entre seus dedos. — Bem diferente dos abacates europeus.

É minha vez de gargalhar alto.

— Não vai conseguir me tapear, Bia. Continue: versatilidade.

Ela sorri: — Bem, você já deve saber pela minha avaliação psicológica que eu não sou *normal*.

— Como todo mundo — murmuro corando por ela saber que li seu laudo. *Como ela pode saber disso?*

— Tenho dias bons e ruins.

— Assim como eu, oras.

— Só que, além dos dias bons e ruins, tenho também dias *escuros*.

Olho-a tentando entender sua expressão. Ela continua a olhar para frente, sem demonstrar vergonha ou pudor.

— Desde o acidente tenho pesadelos e problemas para dormir, e isso acaba com minha concentração. Nos dias ruins só existe uma

coisa que me acalma.

Por um tempo caminhamos em silêncio. A curiosidade está me matando, mas não quero que ela veja o quanto.

— E o que você quer nesses dias?

— Um tipo específico de pessoa. — Ela me olha: — Não me julgue, tá?

— Nunca — respondo com sinceridade.

Ela para no meio da calçada: — Quero que me machuquem.

Eu me perderia olhando para o rosto perfeito se a frase não soasse como um arranhão em um disco antigo. Não esperava a crueza; não esperava o horror atrelado à ideia. Ela não hesita em falar nem se demora em mim. Volta a andar como se não tivesse me confessado nada demais.

Ando atrás dela a passos lentos. Olho para a garota que um dia achei conhecer e me pergunto o quanto dela ainda está ali. Essa Bia é uma desconhecida, uma caixa cheia de surpresas estranhas.

— O que quer dizer com machucada? — pergunto de longe.

— Dor, Pedro. Eu preciso sentir dor.

— Dor? Você diz sexo...bruto? — corro mais uma vez atrás dela.

— Por que o espanto? A raiva acalma.

— Acalma? — repito, confuso. — Você diz raiva tipo... tapa na cara, palavrões?

Ela balança a cabeça que mais ou menos.

— Tapas na bunda, mordidas?

Imagino a cena, o que desaconselho fazer caso alguém um dia esteja na mesma situação que eu. Se há um minuto senti horror, a aversão se transformou em curiosidade. Sempre quis saber por que certas pessoas gostavam de ser maltratadas ou maltratar os outros durante o sexo. Por que ardiam de tesão ao terem a face estapeada ou o cabelo puxado. Talvez Bia consiga me fazer entender. Não que eu *queira* entender. Embora não reclamasse se entendesse.

— Não é possível que não conheça isso, Pedro. Céus, vá checar no Google.

— Claro que sei o que é isso — minto. — Mas como pode se sentir calma depois de uma sessão de tortura?

Ela faz um movimento delicado de ombros. Não sabe explicar.

— Você disse que isso é o que quer nos dias ruins. E o que quer nos dias escuros?

Já não arrisco mais entender o olhar que ela me lança. Vem à mente BDSM, cordas, chicotes e mil outras coisas malucas. Imagino por um segundo Bia como submissa. Risco o pensamento, idiota demais. Bia é definitivamente uma dominadora.

— Esses dias são os piores — ela admite olhando para frente. — O cara que topava a parada comigo em Vitória achava estranho, mas sempre deixei claro que era só isso que queria. Nada diferente, só aquilo.

É possível que Beatriz esteja se divertindo às minhas custas, ou com a minha confusão.

— Esse é um lance super estranho meu, eu sei.

— Bia, “você” e “estranho” são sinônimos. Por favor, acabe logo com minha agonia!

— O que eu peço para ele fazer não tem nome.

Minha imaginação dá pulos. Saltos. Corro por todo meu repertório de conhecimentos adquiridos nos anos de pornografia na internet. Algo que não tem nome? Eu quero.

— Pelo amor de Deus! — chacoalho as mãos para o céu. — Estamos quase na editora!

— Eu peço que ele se deite sobre mim.

— E?

— É isso. Peço que ele deite em cima de mim. Gosto da sensação de ser amassada.

— Tipo, espremida até a dor?

Ela ri alto. — Não, só quero que ele me abrace, coloque o peso do corpo sobre mim e fique assim. Sem fazer nada, nem conversar.

Eu paro na porta da Alpina. — Você... pede que ele fique deitado sobre você?

— Sim — ela cumprimenta um colega que passa por nós. Esperamos que ele se afaste, em seguida ela continua: — Conheci um cara que topou fazer isso por mim. Quando estava muito mal, ligava para ele. Não sei por que preciso disso. Minha terapeuta também não sabia, ninguém sabe — conclui subindo a escadaria da Alpina.

Sigo-a em silêncio.

— O que esse cara precisa ser? Eunuco? — pergunto sem entender.

Ela para no último degrau e me olha cheia de charme. Encaro-a de volta, sem gostar do jeito com que me olha.

— Ele não precisa ser eunuco. Ele só precisa ser gay.

CAIXINHA DE SURPRESAS

“Ame seus inimigos porque eles são os instrumentos do seu destino.” — Joseph Campbell

Por não ter pelo que retornar para casa no final do dia, ando pelas ruas do bairro pensando em Pedro. É só pensar nele e meu corpo inteiro acorda. Preciso olhar para o próprio peito para acreditar que é meu coração, mesmo, quem bate tão forte. O que exatamente o torna tão irresistível? A barba Malvino-Salvadoriana? O fato de ele ser super-gay-e-por-isso-inacessível? Não sei. Sei que ando tendo devaneios com ele. E sobre ele. E debaixo dele.

Bia, pare.

Gosto quando ele fala e mostra algo imaginário no ar. Eu consigo ver, e outros conseguem também. Ele é desse tipo, o que os outros querem ouvir. A mistura exata de doçura, conhecimento e vibração inocente. Por isso e por motivos que prefiro não pensar, sua ausência é um buraco.

Durante a primeira noite o silêncio é tanto que acredito poder ouvir o ponteiro do relógio se mover no primeiro andar. Levanto quando amanhece com a impressão de ter areia sob as pálpebras e trabalho durante o dia como um zumbi, movida a café. Na segunda noite, ainda insone, bebo uma garrafa de vinho até cair desacordada.

Acordo na quarta-feira com o desespero do despertador do celular. Salto do sofá com a mesma roupa do dia anterior, aliso o tecido, evito o espelho e disparo porta afora, temendo não chegar a tempo na Alpina. Quase derrubo Dona Maroca, a proprietária, que xinga as árvores enquanto varre as folhas do chão.

— Beatriz?

— Sim? — paro lambendo a palma e passando no cabelo, que deve estar todo para cima.

— Chegou uma caixa para você.

— Para mim?

Ela larga a vassoura para buscar a caixa. Quico no lugar, estalando os dedos. *Vamos lá, Dona Maroca.* Com esse gingado lento a gente não vai sair nunca mais daqui, vai? Estranho o fato de ter recebido uma encomenda; não dei o endereço para ninguém, além da minha mãe. *Quem me mandaria uma caixa?*

A idosa volta com uma caixa do tamanho de uma caixa de sapatos, e eu faço uma careta.

— Ai, Dona Maroca, poderia guardar o pacote até eu voltar? Estou atrasada e já tranquei a porta.

A senhora eternamente emburrada sequer responde. Coloca a caixa em meus braços e volta a varrer o quintal.

Olho para a caixa sem saber se destranco tudo e a deixo em casa ou se a levo comigo. Decido deixá-la em casa. Corro escada acima procurando o remetente no pacote. Nada. Entro em casa chacoalhando o embrulho. A curiosidade é mais forte que a pressa; pego uma faca na cozinha e abro a caixa.

Dentro dela, arranjos em uma pequena pilha, estão três diários.

Três cadernos com capa texturizada em tons diferentes de rosa, amarronzados nas laterais pelo uso e trancados por cadeados de ferro que hoje já não trancam mais nada. As mãos tremem quando pego a carta escrita à mão:

Isso pertence a você.

Largo o papel como se ele fosse uma cobra peçonhenta. Ando para longe do pacote com o coração engasgado. O corpo agora frio começa a tremer.

Não consigo parar de encarar meus antigos diários. A cabeça abandona o corpo, devagar, como quem se despede em uma estação. Vai anuviando, subindo como vapor, como se fosse mais

leve que ar. A sensação de que sou solúvel chega, e diluo aos poucos na sala como se fosse tinta na água.

Ele me achou.

Agarro enfurecida a caixa e lanço-a longe, soltando um urro de dor. A caixa bate na parede e os antigos diários deslizam pelo piso, cada um para um lado. Ando cega até eles e os chuto, um, outro, depois o terceiro até que eles se abram e escancarem ao redor o motivo do meu pânico.

Palavras.

Histórias, desabafos, anseios, lembranças.

Chuto a caixa, soluçando sem acreditar que ainda tenho lágrimas para derramar por *ele*. *Como posso ter lágrimas por ele?*, aperto os punhos contra os olhos. As lágrimas são a prova de que ainda tenho o que derramar. Chegam como sempre chegaram: certas, reveladoras, caudalosas.

Tombo de joelhos, machucando os ossos. As paredes se comprimem mais uma vez ao redor, e o estreitamento suga o oxigênio da sala. Aperto a cabeça enquanto tento respirar. Sou novamente um peixe fora d'água, desesperado por ar.

Deito no chão e me enrosco, braços e pernas unidos e cabeça entre os joelhos. Não sei quanto tempo dura o ataque. Na maioria das vezes ele se estende por dez ou quinze minutos, mas aquele dura mais. Eu me sinto desaparecer por horas.

Das folhas esquecidas escapa o monstro. Um a que eu não consigo mais dar um rosto, e justamente por isso me assombra com mais competência que qualquer outro. O que não sabemos dar forma toma a forma de nossos demônios.

Chacoalho ombros e corpo, à espera de um salvamento que não vai vir. O tempo passa sonolento, e quando volto à vida, o sol já deixou a janela e o cômodo ganhou a luz dos fins das manhãs. Arranjo forças para me arrastar até o telefone e ligo para a Alpina. Aviso que estou com virose, e não preciso sequer mudar a voz. Assim que desligo, caio de volta no chão.

Aos poucos o ataque se vai. O ar retorna, o monstro volta para os diários. Aqueles malditos cadernos cor-de-rosa são o segredo para o meu passado. Um caminho abandonado onde o mato

cresceu ao redor e espinhos pontiagudos me desencorajam a desbravá-lo.

Levanto e olho para o caos da sala, para os papéis que estão por toda parte. Rasgo o bilhete em mil pedaços, jogando-os aos pés.

Ele não pode mais me fazer mal. Ele morreu sete anos atrás, e eu sobrevivi a ele. Vamos, Bia, levante. Siga a vida, vá trabalhar. Mas eu não consigo me mover, e depois de horas prostrada no chão, olho para o celular sabendo exatamente o que preciso fazer para voltar a me acalmar.

Não faça isso, abraço os cotovelos e choro de cabeça baixa. Você não precisa mais disso.

Mas eu preciso. A tragédia só diminui quando vem outra maior. É assim com a dor; uma só é esquecida quando vem a próxima. Entro no site conhecido e acho o que quero. Começo a digitar, recebendo quase imediatamente uma resposta.

Não queria mais fazer isso, mas se não der um jeito de me esvaziar daquele maldito não dormirei outra vez. Olho para o relógio: oito horas.

Tomo banho, volto para o quarto. A casa está às escuras e a única luz acesa é a da lâmpada de cabeceira. Desdobro o papel pousado sobre o criado-mudo e releio a nota que Pedro deixou antes de viajar. A letra simétrica e estável quase implora:

Bia, volto na sexta. Liga pra mim se quiser falar comigo, ok?

Levo o bilhete ao coração, em seguida pouso-o onde estava. Não vou fazer isso com você, Pedro. Assim como algumas dores são mais fáceis de tolerar, assim são também certas pessoas. Você é puro demais para saber sobre o meu pior lado.

Visto uma blusa verde e jeans, chacoalho o cabelo molhado. O celular acende sobre a cama.

Nosso lance está de pé?

Olho para a porta do quarto de Pedro, fechada há dois dias. Com o coração empedrado, digito:

Tá

Ele: *Onde a gente se encontra?*

No centro cultural. De lá achamos um lugar para ir.

Mal vejo a hora de te conhecer.

Suspiro, olhando ao redor. Não quero conhecer você. Digito lentamente a resposta:

Você sabe o que quero.

Alguns segundos depois a resposta chega, silenciosa:

8:30?

Estarei lá. Estou de blusa verde.

Enfio o celular de volta na calça. Espero sentir medo, vergonha ou excitação, mas levo a mão ao peito e ouço o coração bater normal. Nada ali, só aquela sensação de balão desinflado, aguardando algo que o preencha novamente. O que a noite vai trazer eu não sei, mas se sobreviver a ela, saberei novamente o que é paz.

Desço as escadas deslizando as mãos pelo corrimão. Só elas podem se agarrar à madeira e me impedir de ir, mas elas não agem. Calço a botina, pego a bolsa de lona no cabide ao lado da porta. Enquanto pouso a mão na fechadura, me pergunto por que estou fazendo isso.

Deixo a casa para trás, sem resposta.

Vou de cabeça baixa e braços cruzados. Desço a avenida principal e entro no ônibus. Não penso em nada, como nunca penso antes desses encontros. Fico feliz que vou sentir alívio, e só. Que sentirei alguma coisa.

Nem sempre foi assim. Houve uma época em que eu senti. Por sorte não me lembro mais da época. Hoje eu sei o que eu sentia e hoje posso me considerar curada.

Amor é vício.

É euforia inicial, é rendição. A única diferença entre o amor e outras drogas é que a droga de rua é malvista, enquanto a falta de controle da paixão é desejada. Você se entrega, acha que ganhou asas. Se joga com tudo de um precipício e se esborracha.

Quando mal percebe, repete.

O problema é que emoção arrebatadora não perdura, você precisa de doses maiores. Mais beijos, mais carinho, mais declarações. O barato vai ficando caro. Não é da natureza humana dar infinitamente, ninguém tem saco. A fonte seca, o amor não chega mais, e você, perdido, precisa sobreviver sem a euforia.

Amor não sacia. Ao contrário de comida, não enjoa. Inventamos desculpas para continuar recebendo. Mendigamos e imploramos de joelhos por mais. Este é o famoso cinismo do viciado: só mais uma vez.

Minha amnésia me curou do vício, mas negociou algo estranho com a abstinência. Em troca de tempo para remendar o coração, a

privação exige outras fraturas.

Vou olhando a paisagem, vendo mães voltarem para casa de mãos dadas com seus filhos. A sensação é a mesma que assistir a um filme tedioso de uma cultura estrangeira, onde nada parece familiar ou real. Desço na estação e ando até o centro cultural. Pago o ingresso, entro. Observo as pinturas sem me preocupar se “Diguinho” é mesmo o que diz ser. Se a foto que postou no site de encontros casuais é sua, ou se na verdade tem a aparência contrária. Nem mesmo que ele possa ser um maníaco assassino importa. É deprimente que não ligue para isso.

É perigoso, e vem sendo assim há anos. Toda vez que o fantasma do passado ressurgir, entro em um estado de entorpecimento. Corpo, alma, espírito, todos afundam em um profundo estado narcótico.

Hoje é um dia ruim.

— Beatriz?

Eu me viro, procurando o dono da voz masculina. Olho para o moreno de cabelos encaracolados. Seus olhos são escuros e afiados, e sua boca grossa e bem delineada.

— Sou Diego. No site estou como Diguinho.

Aperto a mão estendida para mim.

— Beatriz. No site estou como Beatriz mesmo.

Ele ri, e acho que não acredita em mim. — Você seria a única a dar o nome verdadeiro.

Nada como se esconder, entre mentirosos, sob a máscara da verdade.

Observo Diego. Ele não é feio. Nem um pouco, na verdade, embora isso não interesse. É baixo e musculoso, parece duro o suficiente. — Vamos achar um lugar? — pergunto.

Diego arregala os olhos. — Assim, já?

Eu me aproximo de seu ouvido, sentindo o cheiro de colônia: — Diego, você sabe o que significa sexo casual?

Ele empalidece, afirmando que sim.

— Bom. Porque há uma pequena confusão a respeito do termo. Casual não é “normal”. Casual não é “corriqueiro”. Casual é sexo accidental. Fortuito e abrupto. Você entende?

Ele não entende, mas faz que sim. *Quantos anos esse garoto deve ter?* Mais que vinte e um, espero.

— Teoricamente deveríamos ter nos encontrado casualmente, mas gosto de discutir antes o que quero.

— Claro — Diego diz. — É só que... — ele alisa a barriga malhada e sorri um sorriso que prefiro esquecer: — É que eu esperava bater um papo antes, sei lá. Para dar clima.

— Sem papo — respondo treinada nesse tipo de conversa.

Não é fácil fazer o que faço, e não espero que Diego entenda. Demorou anos até que eu mesma entendesse. A verdade é que entender não ajuda em nada, mas aceitar sim. Tive insônia durante meses antes de descobrir que me machucar trazia paz. Minha terapeuta na época disse que quero me punir, que estou tentando me redimir por algo. Mas me redimir pelo quê?

Procurar os porquês, no entanto, não me ajudaram a dormir melhor. E se há uma coisa pior que a noite que vou ter são noites passadas em claro, vendo demônios dançarem ao redor.

— Sem papo. Combinado — ele diz passando os dedos na frente da boca como se fechasse-a com um zíper.

Na saída ele tenta pegar na minha mão, e imediatamente tenho vontade de cancelar a noite. Puxo a mão dentre seus dedos, e ele se desculpa.

A chuva cai fina e a rua molhada reflete as luzes da cidade: semáforos, faróis, *outdoors* iluminados.

— Há uma pensão perto daqui — ele diz. — É mais rápido chegar lá a pé do que arrumar vaga para estacionar.

Sigo-o em silêncio.

A pensão tem paredes descascadas e não parece ser frequentada pela nata da cidade. Quando chegamos ao quarto, o nervosismo do menino é notório. Jogo minha bolsa sobre uma poltrona esgarçada vendo Diego se chacoalhar, tentando eliminar a tensão. Há uma linha visível entre suas sobancelhas, e não preciso ser gênio para ver que é a primeira vez que ele faz isso.

— Diego, eu não vou traumatizar você, vou?

Preciso dele, mas estou disposta a deixá-lo ir se souber que estou lhe fazendo mal. Ele balança a cabeça que não. Estala os dedos, o “crec” das juntas a passos de distância.

— Você quer sexo casual — ele fala.

— Não, eu quero aquilo que eu escrevi no chat.

Ele se senta na cama, quicando para sentir o colchão, e depois dessa eu me dou por vencida. Sexo por sexo com um desconhecido eu dispenso. Ele não me acalma, não me adormece, não me ajuda em nada.

— Vamos embora — pego minha bolsa. Eu quero exatamente o que sei que funciona.

Antes que chegue à porta, sinto o couro cabeludo arder. Os pelos finos da nuca arrebatam com o puxão. Diego está com meu cabelo entre as mãos.

— Onde pensa que vai, putinha?

Ele me puxa com força de volta e eu tropeço. O homem forte me equilibra pelo rabo de cavalo e me coloca de pé, na sua frente, à sua disposição. Sinto dor, mas finalmente também excitação. Não sei se ele quer ver isso, mas tenho um sorriso maldoso nos lábios; o mesmo tipo de sorriso que ele tem.

Na próxima hora fazemos tudo que ele prometeu que faria. O ato vem acompanhado de tapas, como combinado. Alguns na bunda, um forte no rosto. O do rosto teve revide, porque rosto é *off-limite*s e ele sabia. Por sorte Diego era um iniciante, ou eu teria perdido alguns dentes naquela noite. Mas meu tapa em sua cara lhe rendeu raiva, e a partir de então as coisas se ajeitaram como tinham que se ajeitar.

Não foi perfeito, se é que me entendem. Foi ruim, do jeito que tem que ser. Sem emoção, sem pena, sem sentimento de forma ou tipo algum. Um tempo depois Diego me deixa na esquina. Não trocamos telefone, e aviso que não quero que me procure mais.

Ando até a casinha verde dolorida e emaciada. Estou marcada, mancando pela queimação entre as pernas, mas ainda não é exatamente o que eu pensava que teria. Espero apenas que seja o suficiente para dormir.

É engraçado que as pessoas achem que quem se mutila procura apenas dor. É o alívio que vem com a dor que não tem preço.

Em meio à latência da carne insinua-se uma estranha tranquilidade, como se o monstro que mora na minha cabeça estivesse saciado. Quando ele está saciado, eu durmo.

Abro a porta estranhando a luz acesa da cozinha. Os diários estão sobre o sofá, e no ar paira um cheiro de carne frita e cebola caramelizada. *Por favor*, rezo para alguma entidade na qual não acredito. *Não posso encontrar Pedro*.

Não agora, não assim. Meus dias de autoflagelação são sagrados, neles eu não converso nem socializo. Eu apenas sofro e me livro da dissociação entre mente e corpo: nesse dia ambos pulsam em harmonia. Eu preciso me sentir um lixo, saber que meus atos comprovam que eu sou o que a cabeça já sabe: um rascunho do que poderia ter sido, sobra do que fui um dia.

Noto o *post-it* pregado na coifa, mas não o leio. Sei que é algo gentil, mas hoje não é noite para gentilezas. Meus monstros sentiriam seu cheiro, e sairiam das sombras querendo saber o que me amoleceu.

Subo em silêncio, entro no quarto e tranco a porta. Encosto a testa na madeira e fecho os olhos, sorrindo que Pedro esteja do outro lado do corredor. *Senti sua falta*.

Jogo a bolsa no chão e tiro a camiseta. Puxo uma alça do sutiã depois a outra, sentindo a dor irradiar pela pele ao passá-las pelas mordidas. A face lateja pela bofetada. A calça desce pelo corpo ardido de tapas.

Observo no espelho estreito do armário a garota que eu virei. Pedro jamais seria gentil comigo se soubesse quem eu sou. Jamais teria aceitado morar aqui se tivesse ideia da miséria que guardo em mim.

Deito na cama sem roupa, sem vontade de tomar banho. Apenas fecho os olhos, sentindo a pulsação pelo corpo.

Hoje vai ser uma noite boa.

TRÊS DIÁRIOS

“Todo culpado é seu próprio carrasco.”
— Sêneca

Durante os três dias no Rio penso em Bia. No estranho desejo de ser espremida, na sua presença desconcertante na casa, nas lembranças do tempo em que a vida tinha cor. E por tudo isso, esqueci dos diários.

Quando retorno para casa, a impressão é de que ela esteve na rota de um tornado. Jogo a mala no chão, ajoelhando ao lado do diário que há pelo menos um ano não via. Recolho as páginas soltas, correndo os olhos pelo chão. Dezenas de folhas avulsas estão espalhados por todo lado. É desolador. É como se parte da minha história tivesse sido destruída ali.

A desolação dá lugar ao medo. Uma sensação glacial toma a base da espinha e se espalha em direção à cabeça: — Bia?

Largo os diários no chão e disparo escadaria acima.

— Bia!?

Eu não devia ter pedido para minha mãe enviar os diários, eu devia ter estado ali na hora da chegada. *O que foi que eu fiz?* Paro na escadaria. E se Bia os leu e se lembrou de tudo? E se ela fez alguma besteira? *Claro que ela fez uma besteira, ela é Bia!*

Olho para o alto das escadas, temendo o que me aguarda. Desço tentando achar algum bilhete, algum indício de onde ela possa ter ido. Durante a procura me recrimino por ter me metido em algo que desconheço. Aquilo que, uma vez disparado, não tenha volta.

No meio do corredor, sem saber onde ela está, tento entender por que fiz aquilo. Não tinha o direito de fazer isso com ela, de insistir que parte de sua vida que ela quis esquecer — que precisou esquecer — venha à tona. Certas verdades devem ser deixadas para sempre de lado, e por mais que doa me incluir nessa regra,

tenho que aplicá-la a mim também: eu preciso ser deixado para sempre no passado.

Sento no sofá e esfrego o rosto com as mãos. *Como vou viver se ela...*

Não consigo terminar o pensamento. *Se ela fizer algo contra si?*

Aguardo na sala enquanto ponteiros dão a volta no relógio. Ligo para o seu celular, mas está desligado. Cozinho para me acalmar, ando até seu quarto e quase adormeço sobre a colcha cor-de-rosa. A colcha que talvez se lembre de dois adolescentes sem calças fingindo assistir TV enquanto os pais checam da porta se está tudo bem. Afundo o nariz em seu travesseiro, odiando que adore seu cheiro e sinta tanto a sua falta.

Volto para o meu quarto às onze e adormeço. A madrugada é alta quando ouço-a gemer. Levanto em um pulo e atravesso os poucos metros entre nossas camas, girando a maçaneta: está trancada. Por um tempo fico ali, no escuro, ouvindo-a chorar. Ouvindo-a chamar meu nome. Não o nome que uso, o outro.

João.

Encosto a testa na porta com o peito esmagado, como se o coração tivesse sido cimentado entre as costelas. É a agonia de não poder fazer nada que me mata. Tudo que posso fazer é estar ali, junto com a sua dor, separado por algumas lâminas de madeira e três passos.

Ela finalmente se aquieta e volta a dormir, desta vez profundamente. Só então o ar volta a circular pelo corredor escuro.

— Perdão — imploro baixo. *Por tantas coisas que nem sei por onde começar.* — Perdão, minha vida.

Na manhã seguinte, desperto sem entender o que aconteceu durante a madrugada, ou porque me sinto tão arrasado. Olho paredes e o teto, aperto o peito dolorido sem me lembrar do golpe que causou aquela dor. Então a realidade despenca sobre mim. Salto da cama e corro até seu quarto, encontrando-o vazio. A cama está arrumada e o vidro do porta-retratos, estilhaçado.

Na cozinha uma nota diz em letras tremidas:

Acordei cedo e fui para o trabalho. Muito bom ter você de volta.

Meu dia é uma sucessão de segundos desinteressantes que se arrastam sem pressa. Não consigo me concentrar em nada e olho a cada cinco minutos para a porta. Não sei o que espero. Que ela surja ali? Ela nunca subiu até minha sala, mas ainda assim os olhos voltam ansiosos para o corredor toda vez que uma cabeça escura passa por entre as baias.

E entre os instantes que se arrastam, o trabalho. Preciso arrumar uma desculpa para Albano, que questiona minha volta do Rio dois dias mais cedo, e não tenho uma para dar. A verdadeira razão — saudade — não cogito sequer aceitar, muito menos dizer em voz alta. Quando tomo coragem e desço até o andar onde ela trabalha, os estagiários informam que ela passou mal e voltou cedo para casa.

As milhares de pendências me seguram na editora até as sete, mas quando finalmente deixo a editora, pego um táxi para chegar mais rápido. Exalo aliviado quando vejo sua botina jogada do lado da porta, e subo as escadas sem tirar a gravata ou me importar que pareço desesperado. Estou desesperado. Cada dia mais.

Vejo um fio de luz sob a porta e toco na maçaneta.

— Beatriz? — ouço o barulho da água pingando. Bato antes de entrar, mas ela não responde. Entro assim mesmo.

Ela está na banheira. A água chega até a metade do braço, a tatuagem de cobra está mergulhada parcialmente sob a espuma rala. O alívio ao vê-la dura pouco. Ela está debruçada sobre os joelhos, cabeça voltada para a parede, imóvel.

Eu me aproximo, sem me importar que ela esteja sem roupa. Pensei em tantas coisas que vê-la ali me alivia de modo quase egoísta. Quero remendar a besteira que fiz, corrigir o trauma que criei. Ela está bem, e isso é que importa, embora “bem” seja um adjetivo estranho para descrevê-la. Ela está chorando.

Ajoelho ao seu lado.

Ela funga mas não se mexe. Sob a luz branca do banheiro vejo um hematoma na altura da tatuagem e marcas de dente em forma de meia lua no ombro. O coração recomeça a socar o peito.

— Você está machucada?

Ela limpa o nariz e balança a cabeça que não. Olho mais uma vez para as marcas. Não é difícil ligar os pontos: ela teve um dia ruim.

Arrasto os dedos pelo cabelo e travo os dentes. Estendo as mãos sobre sua pele, mas paro sem coragem de tocá-la. O corpo aquece por inteiro, tomado por uma sensação de raiva e impotência. Tomo finalmente coragem e passo as mãos pelo seu cabelo, tirando-o da frente do rosto. Ela se vira, mas me olha de longe, como se seu corpo estivesse ali, mas a cabeça voasse por outros lugares.

— O que você fez, Beatriz? O que aconteceu?

— Ele me achou — ela responde fraca.

Acaricio seu rosto com ternura: *sim, eu te achei.*

Ela mira um ponto qualquer no azulejo e diz, engasgada: — Eu tive um ataque horrível. Achei que fosse morrer, que o coração fosse finalmente falhar.

Seu rosto franze como se ela sentisse dor. Acarinho seu cabelo, sem saber o que fazer. Eu não devia ter viajado. Não devia ter trazido os diários para cá.

— Ele mandou aqueles diários que estão lá embaixo, não foi? — pergunto.

Ela balança a cabeça que sim. Encosto os lábios em seu cabelo e acaricio os nós de seus dedos.

— Desculpe por não ter estado aqui.

— Do que adiantaria, Pedro?

— Eu estaria aqui com você.

Ela volta a olhar para a parede e faz que não. Minha presença não bastaria para ajudá-la.

— Tive um dia ruim. Não estava conseguindo dormir, e... — ela pausa. — Fiz como das outras vezes. Liguei para um cara, sofri como sei que funciona sofrer. E mesmo assim, o sono não durou. O pesadelo retornou.

— Que pesadelo?

— O que eu odeio. Em que estou em um quarto estranho, olhando para cima. Ao redor as paredes são vermelhas, assim como os lençóis. Ao olhar para o teto espelhado eu me vejo, cabelo espalhado ao redor do travesseiro, como se eu afundasse em uma

piscina de sangue. Nunca estou sozinha. Tem sempre esse homem, que eu... — ela franze o rosto, enojada. — Ele se sacode sobre mim, entre as minhas pernas.

— Conhece esse homem?

— Não. Mas não me lembro de muitos rostos da época.

Ela limpa o nariz, cabisbaixa. Sua pele está fria.

Volto a me ajoelhar ao seu lado. Envolver-a com meus braços e ela recosta em mim.

— Eu não devia ter viajado.

— Você não poderia ter feito nada — ela murmura. — Ninguém poderia ter me ajudado.

— Eu poderia.

Ela olha para mim, e eu me perco em seus olhos. Havia esquecido como eles são de um azul vivo e forte, sem qualquer traço de outra cor e rodeados por cílios fartos.

— Por que está fazendo isso? — ela murmura.

— Isso o quê?

— Isso — ela se remexe em meus braços.

— Porque quero.

— Não faz sentido você querer.

Penso nos meses solitários na cidade-monstro, na falta de apoio e amigos, no esforço titânico que foi reaprender a viver sem ela.

— Sofri um dia assim. Sei o que está passando.

Seus olhos se apertam: — Ninguém ajuda o outro sem esperar algo de volta. O que você quer de mim, Pedro?

Ela exige uma explicação. Não acredita em atos bondosos e tem razão em não acreditar. Somos narcisistas demais para agir com bondade sem receber nada em troca. Somos bons com estranhos apenas quando queremos aprovação, elogios, perdão ou redenção. No meu caso quero os quatro, cada um em uma intensidade diferente.

— Quando você se lembrar de sua história, quero ela em papel.

Ela me olha, sem entender.

— Você precisa de um motivo, certo? Para entender por que estou te ajudando? Pois bem. Quero que você um dia escreva sua história.

— Por quê? — ela franze a testa.

Tiro o cabelo da frente do seu rosto.

— Você é a pessoa mais interessante que eu já conheci. Como não iria querer ler sua história?

Aquela é a mais pura verdade, a frase mais sincera que já disse. Bia sempre foi a pessoa mais interessante do mundo para mim. Era quando estávamos juntos e depois do hiato de sete anos voltou a ser.

Seu rosto mostra menos dor que segundos atrás. Ela se inclina em minha direção, e por um segundo acho que vai me beijar. As pernas amolecem e o cérebro pifa. Esse é o poder dos seus olhos sobre mim, uma antiga e conhecida conspiração. Ela me beija, mas não na boca. Seus lábios tocam meu rosto terna e demoradamente, como se me dissessem em silêncio e pouca pressão que agradecem o carinho e retribuem o sentimento. Antes de se afastar esfrega a face na minha e inala discretamente o meu cheiro. Ela acha que eu não noto, mas conheço seus artifícios.

— Esse motivo está bom para mim — fala.

Por um tempo acaricio seu ombro, em dúvidas se o que fiz no final das contas tem o potencial de curá-la ou afundá-la de vez. Algo mais disputa os pensamentos. Tenho dúvidas se o que vai acontecer a partir de agora me trará algum bem. Há sentimentos que pairam não ditos no ar. Não sei o que sinto e, principalmente, não sei o que ela sente.

Talvez eu devesse me afastar.

Só percebo o que estou fazendo quando me levanto. Tiro os sapatos, a gravata e o cinto, vendo os olhos de Beatriz se arregalarem. De meia, calça e camisa do trabalho, entro na banheira com ela. A água transborda e encharca o chão, molha o tapete; não dou a mínima. Sento atrás dela, e ela se vira para ver o que estou fazendo.

— O quê...?

Colo o peito às suas costas, passo as pernas ao redor de sua cintura.

— Aquela posição estava desconfortável.

Não acredito que estou com ela dentro da banheira, e nem ela. Ela me aceita, e encosto a testa em sua cabeça. Tudo que sei é que aquela mulher foi um dia tudo para mim. Minha fome, minha sede,

minha insônia. Eu não sabia se fazia sol ou se chovia quando estava com ela. Eu sempre fui onde ela estava, e isso inclui acompanhá-la ao inferno se é lá que ela está. Entrar em uma banheira para acalmá-la não é nada. Eu cruzaria os céus e a terra por ela.

Abraço-a ao redor dos ombros, mesmo que ela não tenha me dado a liberdade para abraçá-la. O que é no mínimo — *no mínimo* — estranho. Estranho ou não, ela me aceita. Recosta a cabeça entre meu pescoço e meu peito e fecha os olhos. Aperto-a tão forte que ela se mexe.

— Forte demais? — sussurro em seu ouvido.

— Não. Quero caber melhor em você.

Ela se encaixa em mim, como uma peça que acha seu lugar.

— É bom que essa seja uma história e tanto — digo em tom de brincadeira, mas a voz sai estrangulada.

Ficamos um bom tempo imóveis, abraçados. A casa velha estala, como se incomodada, mas sua rabugice dá lugar a um estado de nirvana. Um sentimento de aqui e agora, de paz, pertencimento e aliança. Quando sua respiração acalma e ela acha a voz, conta o que aconteceu lá embaixo.

— Eu escrevi naqueles diários dos catorze aos vinte e dois.

Seu coração bate surdo contra as costelas e reverbera em meu peito. Faço que sei, e ela continua: — Ali dentro estão anos e anos de relacionamento com *e/e*.

Fecho os olhos. Ele sou eu.

— Mas não está ali o modo como terminamos. Que ele me traiu, que sofri o acidente. Que, sem se sentir vingado o suficiente, *e/e* espalhou centenas de fotos minhas na rede. Eu sem roupa, em poses íntimas — ela pega ar e recomeça: — Depois de tudo, minha mãe proibiu que ele se aproximasse de mim. Não sei como ele conseguiu roubar os diários da minha casa, acho que a empregada o ajudou na época. Ela gostava dele.

Sim, ela gostava.

— Por que ele faria isso, Beatriz? — eu murmuro. — Por que alguém que te amava tanto te machucaria assim?

— Não sei.

Eu a aperto. *Não faz sentido, não acha?* Sua versão está errada, e só eu posso dar a certa.

— Acho que ele se apaixonou por outra e não sabia mais o que fazer comigo. Eu o encontrei com uma menina na festa. Bati nele, gritei que estava grávida.

Ela me procura por cima dos ombros: — Eu estava grávida dele, mas ninguém sabia. Só descobriram o feto morto quando já era tarde demais para salvar meu útero.

Ela volta a olhar para frente e por pouco não vê meus olhos envidraçarem. Não foi fácil para mim também quando eu soube, anos depois, que ela não poderia mais ter filhos.

— Eu queria que ele visse o quão fodida eu fiquei. O quanto ele me destruiu.

Ela afunda o rosto entre as mãos, recomeçando a chorar. Suas vértebras se movem sob a pele a cada soluço.

— Leia os diários, Bia. As respostas estão ali.

— Que respostas, Pedro? — ela diz com a voz abafada pelas mãos. — Que desculpas justificariam o que ele fez? — ela me olha de lado. — O que poderia me convencer de que ele merece perdão?

Ela balança a cabeça que não. Nada a convenceria. — A vontade que eu tenho é queimar aqueles diários — rosna. — Sumir com ele dali como ele sumiu da minha mente.

Afundo o nariz em seu cabelo e fecho os olhos. *Não, Bia. Pense!*

— Aquele homem para mim morreu.

— Parte dele morreu — sussurro, e *continua morrendo cada dia um pouquinho*.

Dias atrás li que nossa única chance de eternidade está em viver na memória de quem amamos. Foi doloroso ler aquilo. Se para existir dependemos de memórias, quem é esquecido desaparece aos poucos. Se hoje sou um crápula sem rosto, em breve não estarei mais aqui. Serei só um sentimento ruim. Uma pilha de papéis rasgados, um assunto a ser evitado.

Minutos se passam. A água acalma, e o único som que chega é o da torneira pingando na banheira. Nossas peles esquentam em contato com a outra; meu peito se move em ondas contra suas costelas. Fico desconfortavelmente ciente da situação estranha —

eu, pele, pele, ela — e me arrepio. Como em um efeito dominó, sua pele também se eriça.

Droga. Não consigo controlar que alguém lá embaixo reaja a ela de modo exaltado quando me dou conta do quanto encosto em partes diferentes do seu corpo.

Tento afastar a excitação da mente: — Você não vai rasgar aquele diários, entendeu? — sacudo-a levemente. — Não vai rasgá-los por que essa é a *sua* história, e não a dele.

Seu corpo reage de modo lento. Lânguido e tocado.

— Sei que tem medo de correr riscos, que não quer se deixar levar pelos instintos — ouço minha voz sair baixa. — Você quer proteger seu coração, mas a vida não dá garantias. Arrisque-se e conte a sua história. Lembre-se e sofra, se preciso.

Meus braços se afrouxam e ela limpa o rosto com as costas das mãos. Alguma coisa mexe com sua respiração, porque ela vira e me olha. Seu peito sobe e desce como o meu, e ela estremece.

— Quero sair da banheira — ela murmura.

Saio primeiro e estendo a toalha para ela. Se não me afastar dela acabarei fazendo algo que não deveria nunca mais voltar a fazer. Ela se enrola na toalha e some dentro do quarto.

Mais tarde, quando ela já dorme, desço e busco seus diários. É uma necessidade que sinto, protegê-los dela. Eles são de certa forma minha vida também.

Pouso-os ao meu lado na cama. Aliso suas capas, sentindo um conforto vago. Durmo pedindo a Deus que me deixe alertar aquele cara do passado que o futuro será menos brilhante que parece. Que aproveite os anos em que o horizonte é claro e sem prenúncios de tragédias e que não considere como infinitos os últimos momentos com ela.

Prepare-se, eu diria a ele. Tragédias virão.

ELE É MESMO GAY?

“O meu passado é tudo quanto não consegui ser. Nem as sensações de momentos idos me são saudosas: o que se sente exige o momento; passado este, há um virar de página e a história continua, mas não o texto.” — Fernando Pessoa

Escapo da banheira para não estragar tudo. Não conseguiria fingir que não senti sua excitação ao me abraçar, ou disfarçar a minha própria. O desejo é estúpido, disparado durante o abraço que parece recolocar tudo no lugar. Mas a verdade é que sua presença me desconserta, e eu preciso correr para não me denunciar.

Corro até o quarto enrolada na toalha e me escondo sob a coberta. Finjo dormir, mas dormir é tudo que não faço. Desta vez não são pesadelos que desfilam na frente dos olhos, são cenários improváveis. Beijos que nunca vão acontecer, abraços que não vão recolocar no lugar o que está quebrado.

Quando adormeço é quase dia e em um piscar de olhos desperto ouvindo as batidas na porta. É ele novamente, e porque sei disso, sorrio achando o dia mais claro.

Ele enfia o rosto pela fresta: — Beatriz? Posso entrar?

Derreto debaixo da coberta e sorrio lânguida. *Por que está me provocando, Frajola?*

— Você sempre pode entrar — respondo esfregando os olhos com os punhos.

— Dormiu bem?

Não, Pedro, eu não dormi bem. Mas acordei bem. Balanço a cabeça que sim.

Ele sorri, doce: — Fiz café.

Não consigo deixar de olhá-lo daquele jeito que não devemos olhar para meninos. Ao menos, meninos de quem não podemos nos

enamorar. Ele deixa o quarto, virando-se uma última vez para ver se acordei realmente. Claro que me pega no meio daquela olhadela furtiva e nota que escondo sentimentos por ele. E o sentimento que não deveria revelar (mas revelo) é que estava com saudades e que, desde ontem, gosto um pouco mais dele do que anteontem.

Você me salvou sem saber, Frajola.

Visto qualquer coisa e dessa vez penteio o cabelo. Desço e encontro Pedro parado ao lado da cafeteira. Caneca na mão e olhos no tablet. Ao vê-lo tão bonito, de terno e gravata, o coração acelera. Não o acelerado do ataque iminente, o do outro tipo. O coração entende direitinho que batidas usar e a que horas usá-las.

— Por que está tão bonito? — Pergunto abrindo a geladeira atrás do leite.

— Dia cheio de reuniões.

Ele volta a mexer no tablet, e eu desço os olhos até sua braguilha. A olhadela não é 100% perversa; apenas uma memória do que se colocou de maneira estranha entre nós ontem, na banheira. A presença paira no ar hoje também, como algo não falado. Um fato nada pequeno, diga-se de passagem, mas definitivamente embaraçoso entre amigos que compartilham uma casa.

— Você está um arraso — solto olhando-o sobre o bocal da garrafa de leite.

— Não beba o leite do gargalo! — ele ralha.

— Por que não?

— Porque é nojento, e sua mãe deveria ter ensinado isso a você.

Ele anda até onde estou e toma o leite da minha mão. Seu perfume circula ao redor, dançando entre os sentidos. Lima? Limão? Sem dúvidas alguma coisa cítrica.

— Ela deve ter ensinado, eu que provavelmente me esqueci.

— Sei. Estou começando a achar que essa sua amnésia é seletiva.

— E é — respondo me sentando.

Na minha frente me aguarda um prato com um ovo frito, duas bolinhas de manteiga perfeitamente redondas — há anos não via uma bolinha dessas — e um pão torrado.

— De duas uma, Pedro. Ou você é masoquista ou não bate bem da bola. Depois da noite de ontem você está tentando me agradar?

Ele sorri, enchendo minha caneca com café: — Estou tentando te alegrar.

— Você não faz o menor sentido. Achei que você fugiria outra vez.

Ele me olha surpreso. *Sim, eu sei que você estava tentando me evitar.* A pergunta é: por quê? Tenho minhas teorias, e uma delas é que mexo com você como você mexe comigo.

— Não fugirei mais.

— Promete?

— Prometo — ele abre um sorriso de comercial de pasta de dentes. — Gosto da nossa rotina.

— Bem, então somos dois. Pode continuar me mimando com cafés da manhã e abraços apertados.

— Enquanto você me mimar com jantares e histórias, nos daremos bem.

Em um ímpeto eu me levanto. Ele acompanha minha aproximação com o canto do olho, desconfiado.

Não quero que uma ereção tire o brilho de ontem (embora ela tenha elevado o gesto amigável a algo mais e enchido minha mente de sonhos indecentes), mas não posso deixar passar a oportunidade. Sua preocupação comigo me tocou verdadeira e profundamente. Quero agradecer.

Abraço-o por trás, enlaçando as mãos na frente de sua barriga e encostando o queixo em seu ombro.

— Você foi muito legal ontem — beijo a lateral do seu rosto. Aproveito a proximidade para cheirá-lo, fechando os olhos para descobrir o que há no seu cheiro que mexe tanto comigo. Quando ele se vira eu já dei dois passos para trás. — Você tem isso — digo tentando sentir nas pontas dos dedos aquilo que não sei direito como chamar.

— Isso o quê?

—Essa *coisa*. Você *faz bem*. Existe gente assim no mundo, sabia? Gente terapêutica.

Ele ri, sem saber o que estou querendo dizer. Não interessa realmente o que disse; o importante é que o que aconteceu ontem

não está entre nós. Se serviu para algo, foi para nos aproximar.

Antes que retorne ao meu lugar, ele pergunta: — Você tem programa para hoje à noite?

Balanço a cabeça que não.

— Podíamos jantar fora, que tal?

Podíamos jantar fora, diz o cara que gosta de homens, e ainda assim as borboletas voam em meu estômago.

— Seria ótimo.

Seus olhos mostram um anseio quieto, uma falta silenciosa. Cintilam, castanhos ou verdes, nunca sei, e enchem a cozinha de esperança. Eles me trazem à memória uma época em que os problemas pareciam simples e o futuro era um lugar que trazia promessas. Uma lembrança vaga de um tempo e um lugar que mantenho hoje em uma câmara escura.

Por um tempo eu me escondo atrás da xícara até que as bochechas percam o rosado e eu consiga controlar o sorriso. Ele também sorri para seu tablet, fingindo ler as notícias desanimadoras sobre a economia. Estamos flertando. Por que eu não sei, mas não tenho o menor interesse de deixar passar o que está acontecendo ali.



Passo o dia inteiro em outra dimensão. Estou parada há tempos com os olhos envidraçados na frente do computador pensando em coisas que não deveria quando Marcela, a estagiária, estala o dedo na minha cara:

— Beatri-iz!

Eu acordo. — Que foi?

—Martinho está na linha um querendo saber quando entregaremos a revisão da artista holandesa.

A cabeça retorna ao trabalho. Olho para o arquivo do Word aberto, e a revisão mal começada:

— Hoje, às cinco. Estou quase terminando a última parte.

Marcela passa a resposta e desliga o telefone. Por um tempo a garota me olha como se hesitasse em me perguntar uma coisa.

— Que foi? — pergunto sem desviar os olhos da tela. — Você está há horas me rondando. Vai, solta.

Ela pausa, mas então lança a pergunta: — É verdade que você mora com o Pedro Lima?

Não gosto do modo como ela se debruça sobre a mesa e movimenta os ombros. Mas o que desgosto mesmo é a forma como sorri, pegajosa.

— É verdade.

— Ele é mesmo gay?

Olho-a com antipatia. A vontade é dizer que a preferência sexual dele não é da conta dela, mas digo, ao invés: — É, por quê?

Ela murcha. Seus ombros caem e ela olha para o outro estagiário, Caio, que parece estar sempre em outro planeta.

— Você tinha razão — ela murmura.

Caio tira os fones de ouvido e o som, antes aprisionado nos fones, escapa espalhando-se no ar: — Eu te disse.

— Se sabiam, por que perguntaram? — digo irritada.

— Então é verdade — Marcela volta a trabalhar.

— O que é verdade?

— Que ele e o carinha de Marketing estão tendo um *lance*.

Minhas bochechas queimam: — Lance?

— Parece que saíram juntos semana passada, e o cara espalhou pelo andar inteiro que Pedro “é o cara”. A gente pode imaginar o que isso quer dizer.

Meus dedos endurecem sobre o teclado: — Eles estão se vendo?

— Devem estar, oras. Você viu o carinha do Marketing? Ele é um arraso.

O que se espalha por mim lembra uma roupa curta e apertada; revela a pele toda vez que tento tapar do outro lado. Não há como varrer a sensação incômoda da sala, e o jeito é continuar o dia emburrada, sentindo a frustração em conjunto. Volto para o computador, sem enxergar uma única letra na tela. Pedro está tendo um caso? Por essa eu não esperava. Termino o dia com as unhas roídas e lateral das bochechas mastigadas. *Bem* menos eufórica que cheguei.

Como pude achar que estávamos flertando?

Agora entendo por que ele me chamou para jantar. Talvez queira me contar a novidade, ou até mesmo me apresentar ao novo namorado.

Mas e a ereção na banheira?, a cabeça insiste.

Sou obrigada a me repreender: *Acorda, Bia*. Foi proximidade demais, reflexo, pele contra pele, sei lá. Pedro estava apenas sendo um amigo.

Mas a raiva por sonhar o dia inteiro com ele perdura. Concluo durante a caminhada para casa que deixei a mente viajar longe demais. O flerte foi só uma loucura da minha cabeça. Mais uma de minhas viagens.

O celular toca na metade do caminho. Atendo sem vontade, vendo o número desconhecido na tela.

— Alô?

— Bia?

O coração volta a bater mais rápido. Reconheço aquela voz. Eu a reconheceria ainda que se passassem mil anos. Abro um sorriso, saudando a pessoa do outro lado.

— Não acredito que é você.

O dia até que não acabou mal.

CIÚMES

“Mais cedo ou mais tarde tudo se transforma no seu contrário.” — C.G. Jung

Penso o dia inteiro nela. Oito horas de batalha travada entre coração e juízo, entre o moralmente certo e o definitivamente errado, e quando o expediente se encerra sei que o coração ganhou de lavada.

Levá-la para jantar não é mais pernicioso que jantar com ela em casa.

Não estou enganando-a, isso tudo é parte de um plano para fazê-la lembrar.

Não é atração o que sinto, é carinho.

A ereção? Pff, aquilo não foi nada, só um descuido.

Embora seja loucura, estou novamente enfeitiçado por ela e por aquele maldito olhar azul. Chego em casa e encontro-a na sala, ajeitando o brinco na orelha. Seu cabelo está escovado e cai liso até as costas. Sua visão seca a garganta.

— Desculpe o atraso — digo descendo os olhos pela sua roupa. Um vestido preto e muito curto, que marca cada uma de suas curvas perfeitas. Pouso a pasta sobre o sofá entendendo por que pensei o dia todo nela e me perguntei o dia inteiro por que estava pensando nela. Ela é a resposta.

— Não consegui sair antes da Alpina. Me dê alguns minutos, só preciso trocar essa camisa.

— Oh, Pedro — ela estala a língua, penalizada. — Aconteceu um imprevisto. Vou sair com alguém.

Meu sorriso morre: — Vai?

Ela passa por mim e me dá um beijinho no rosto. Sigo-a pela sala.

— Resolvi seguir seu conselho e sair — ela solta a orelha. — Recebi uma ligação hoje.

— De quem?

— Um ex.

Um tremelique começa a incomodar o olho esquerdo. — Que ex?

Beatriz não tem ex-namorados. Não tinha. Não tem. *Tem?*

— Ele foi o único cara com quem...realmente *saí* depois do acidente — ela explica. — Mas ele veio para São Paulo e nunca mais ouvi falar dele. Bem, até hoje — ela abre um sorriso.

Passo a mão nos ombros e aliso um músculo, sentindo uma fisgada. Tento parecer bem com aquilo, mas não estou nada bem.

— Vinho vai passar aqui daqui a pouco. Você vai gostar dele.

— Vinho? Quem é Vinho?

Ela percebe que estou seguindo-a pelo cômodo: — Oras, meu ex.

— Esse é o nome dele?

— Não se preocupe. Vinho é seguro.

— Seguro? — faço uma careta. — Isso é adjetivo para descrever alguém?

Ela solta uma fungada divertida: — Deixe de ser exagerado. Preciso terminar de me aprontar.

Ela me deixa para trás, e eu sento no sofá vendo-a calçar um salto alto preto e passar batom na frente do espelho do lavabo. Suas pernas são alvas e bem torneadas e com salto roubam meu fôlego. Quando fica pronta, está mais linda que a própria vida.

— Não tínhamos combinado de jantar juntos? — pergunto.

Ela me olha pelo espelho de um jeito que não entendo. Anda até o sofá e se ajoelha na minha frente. Pousa as mãos sobre as minhas coxas e diz: — Deixei janta para você sobre o fogão. Não se preocupe comigo, tá? Sei me cuidar.

— Tudo que você não sabe fazer é se cuidar.

Ela não responde, atenta ao celular que vibra na bolsa a tiracolo. Minha vontade é barganhar com ela. *Faço o que quiser para não ir.* Por que ela está agindo assim?

Ela lê a mensagem, e enquanto digita algo de volta, fala: — Estaremos naquele bar que abriu aqui perto, o que passa esporte televisionado. Pode levar o garoto do Marketing, se quiser nos encontrar lá.

Minhas sobrancelhas se apertam. Por que diabos iria atrás dela, e por que raios levaria o garoto do Marketing?

Ela parte, e minutos depois deixo a casinha verde em direção ao bar.



Até que ponto somos responsáveis pelas más escolhas dos outros?, me pergunto entrando no ambiente lotado de gente que parece ter gasto horas na frente do espelho tentando parecer desprovido de vaidade. O ambiente é escuro e esfumaçado e zune de vozes altas e alteradas. *Somos responsáveis pelas más escolhas dos outros quando sentimos culpa por tê-las causado*, eu mesmo respondo olhando de um lado para o outro, tentando achá-la no meio da multidão.

Não demora para que eu a veja. Na verdade só preciso seguir os olhares. Homens e mulheres passam por ela e viram o rosto, atraídos pelo corpo esguio e tatuado. Ela está sentada no balcão, levemente inclinada sobre o homem ao seu lado.

Não há ao redor mulher mais atraente que ela. Nenhuma outra no bar acertou na loteria genética, nenhuma outra é um favoritismo da natureza ou uma parcialidade do universo. Eu me aproximo, olhos nela. A cada passo ela fica mais bonita.

Costumava me perguntar isso, como uma mulher podia ser ainda mais bonita de perto. Não é afinal de perto que vemos os defeitos, que enxergamos as imperfeições? Com Bia acontecia o oposto. Ela era ainda mais bonita sob a luz que na penumbra. Não importa se contra o sol, iluminada pela lâmpada de cabeceira ou debaixo de uma coberta. De perto, de longe, eu me apaixonava por ela às vezes cinco, seis vezes por dia. Isso deve ter acontecido todos os dias durante os sete anos em que ficamos juntos. Isso significa apaixonar-se por ela cinco mil vezes durante a vida.

Ao ver o tal Vinho, paro no lugar. É esse o ex de Bia?

Afrouxo a gravata. O cara é um armário.

— Pedro? — ela arregala os olhos quando toco em seu ombro. Sento a duas cadeiras dela e peço uma cerveja ao garçom, sentindo

o estômago revirado.

Vinho olha para mim e pergunta em um cochicho: — Quem é?

O bobo tem cara de *playboy* italiano. Seu cabelo agarra na cabeça como se tivesse sido envernizado, cachos enroscando-se na altura da nuca. Tenho certeza que seu bronzeado é artificial.

Beatriz parece pensar na pergunta: *Quem sou eu?*

— Esse é meu colega de apartamento — responde olhando para mim.

Ergo uma sobrancelha na direção do Marcello Mastroianni, tentando parecer mau. Com o canto do olho observo perplexo a mão que cobre a dela. A perplexidade é devido ao tamanho: aquilo não é uma mão, é uma arma.

Beatriz dá um gole na própria cerveja e sorri para mim: — Pedro é meu chefe.

— Ah, é? — Vinho diz sem interesse. — Chefe e colega de quarto, Bibi?

Aquela não é uma pergunta, é uma reflexão. E ele a chamou de *Bibi*?

— Pedro é gay, não seja bobo.

Olho para Bia, que olha para Vinho, que por sua vez olha para mim. A feição de Vinho amansa, como se entendesse subitamente tudo. *Tão esperto, ele*. Ele se enverga sobre o balcão e me chama com aquele dedo que mais parece um gancho de pendurar boi no abatedouro: — Venha cá.

Pego o ar e me inclino, hesitante.

— Tenho um amigo recém-saído de um relacionamento abusivo. Ele está doido para conhecer caras legais — o armário diz com o entusiasmo de um vendedor de carros que tem uma oferta imperdível no estoque.

— Não estou procurando ninguém, mas obrigado pela *oferta*.

Por mais que seja tentador fazer ciúmes em Bia, estou bem pouco disposto a dar corda àquilo.

Vinho ignora minha recusa. Olha para o outro lado e assovia, acenando para alguém. Beatriz olha para mim com um misto de curiosidade e incredulidade, como se esperasse outra coisa de mim.

— O quê? — pergunto aborrecido.

Ela não responde, mas também não para de me encarar.

Uma torre se aproxima. Engulo em seco, vendo Beatriz engolir em seco também. Um dos maiores homens que já vi vem abrindo espaço entre os mortais do bar. O cara é, inclusive, o dobro de Vinho.

Eu me encolho no assento.

Beatriz está deslumbrada com o homem corpulento e moreno que cumprimenta seu *namorado*. Até eu, 100% hetero, estou sem palavras. Se esse gigante está saindo de um relacionamento abusivo, quem seria o seu parceiro? O Hulk?

— Dudu, esse aqui é o amigo de Beatriz — Vinho diz olhando para mim. — Como é seu nome, mesmo?

— Pedro — minha voz sai um fiapo.

Vinho nos apresenta com impressionante riqueza de detalhes: — Pedro, gay. Dudu, solteiro, gay. Ok, então. Bibi, vamos nessa?

“Dudu” me olha como se pedisse desculpas pelo amigo, mas eu estou longe; Vinho está chamando Beatriz para sair dali?

— Claro que não — Beatriz responde como se fosse um despautério sair dali naquele momento. — Vamos nos sentar todos juntos em uma mesa!

Ela pega na minha mão como se com medo do que poderia acontecer comigo se eu e Dudu... se nós... De súbito, não entendo mais nada. *Bia está com ciúmes?*

Vinho topa reticente a sugestão e vamos todos — eu, “Dudu”, ela e Vinho — para a mesa.

E eu achando que a noite sem ela em casa estava ruim.

A noite inteira converso com Eduardo, vulgo Dudu. Descubro que ele é advogado, que é muito educado e está morando com a mãe. Que tinha um parceiro verbalmente abusivo (um cara realmente malvado, pelo que ele me contou) e que gostou de mim.

Todo sucesso que não fiz com o sexo oposto durante a vida pareço fazer com o mesmo sexo. Tento não ser indelicado, mas também não consigo ser delicado; digo a Dudu que estou me recuperando de um relacionamento traumático. Não deixa de ser verdade, ainda que ele tenha acabado sete anos atrás. *Não é você, sou eu*, sabe? No fim das contas é o mesmo blá-blá-blá que jogamos para cima de meninas com quem não queremos nada.

Minha atenção, no entanto, está dividida entre os dramas românticos de Dudu e a conversa íntima entre Beatriz e Vinho, que de íntima passa para *muito* íntima. Íntima do tipo bocas coladas em beijos barulhentos que duram minutos.

Dudu coça o nariz e pede outra bebida, eu escorrego na poltrona até parecer um saco vazio. Não sei direito o que sinto, acho que o que acontece dentro de mim ainda não tem nome. O adjetivo *desolado* começaria a me explicar.

Quando o beijo acaba e Eduardo e Vinho embalam em uma conversa, Beatriz resolve notar que estou ali. Encosta o ombro no meu e fala: — Gostei que veio.

O sentimento que não tinha nome se transforma em raiva.

— Não sabia que tipo de cara ele era — indico seu namorado com o queixo.

— Ele é o tipo bom de cara.

— Vindo de você, não sei o que esperar.

Ela sorri, divertida com meu aborrecimento. — Você é um amor.

— Não sou um amor — e para mostrar isso, digo algo totalmente não planejado: — Despeça-se dele e vamos para casa, vai.

Ela franze a testa. — Como? Passarei o final de semana com ele.

— Não!

Ela arregala os olhos.

— Não faça isso, Beatriz.

— Por que não quer que eu vá? — ela me olha sem entender. Ou talvez entenda muito mais do que lhe dou crédito.

Porque gosto de você?

Estamos estranhamente próximos. Muito mais próximos do que deveríamos, dado que dois brutamontes cheios de tesão por nós conversam ao lado. Bia estuda minhas reações, desconfiada. Ela pode ter descoberto tudo. Posso vê-la enviesar o rosto e falar, de repente: “sei quem você é, bobinho. Reconheço o seu ciúme.” Mas ao invés ela diz, com uma voz tão fraca que não pode sequer ser chamado de sussurro: — O que ganho se não for embora com Vinho?

Acho que teria ficado menos surpreso se ela tivesse dito que descobriu toda a farsa.

— Integridade física?

Ela não parece nem um pouco preocupada que Vinho nos ouça. Continua me olhando com aquele olhar azul, como se mil coisas sombreassem suas ideias.

— Pedro, você pediu para eu não ir, e eu quero saber o que ganho se não for.

Não tenho coragem de responder a ela. Não tenho coragem sequer de *me fazer* aquela pergunta.

— O que quer ganhar? — estremeço.

Ela remexe o ombro, provocante, aproximando a boca do meu ouvido: — Dias escuros virão.

Ela retorna ao lugar, e eu não tenho palavras. Ela está sugerindo que eu seja o eunuco que deita em cima dela?

— Você está falando sério? — pergunto com uma careta. — Quer que eu substitua o esquisito que fazia aquilo com você em Vitória?

Sua cabeça se move lentamente para cima e para baixo.

— Isso é doente e esquisito, sem mencionar que é... — *incompleto*.

— Então vou para a casa de Vinho.

— Por que está fazendo isso, Bia? Achei que fôssemos amigos.

— Não deixarei de ser sua amiga — ela abaixa o tom. — Só quero que me abrace como me abraçou na banheira. Como amigo.

Uma sensação fria revolve as vísceras. Balanço a cabeça que não, me sentindo idiota por ter achado que ela nutria algum tipo de sentimento por mim.

— Nem morto.

Ela pega a bolsinha sobre a mesa, preparando-se para partir.

Seguro seu braço. Não eu, Pedro, seguro seu braço; sem a minha autorização ou comando *minha mão* segura seu braço: — Foi por causa disso que quis morar comigo? Para que eu fosse esse cara?

Sua voz sai tranquila, o avesso da minha afobação: — Não sei mais o que está rolando entre nós.

— Estou tentando ser seu amigo.

Seus olhos enxergam tudo em mim: — Mentiroso.

Engulo em seco. Mentiroso é um adjetivo que se aplica a mim.

— Não quero um salvador, Pedro. Não faço questão de príncipes encantados, ou de um cara normal. Eu preciso de alguém que me contenha.

— Que te *contenha*?

— Que me abrace — ela se corrige.

Olho-a sem reconhecê-la. Sinceramente? Sua frieza me entristece na mesma proporção em que entristecia no fim dos anos de amor desesperado ao seu lado.

Se Vinho percebeu que estamos discutindo, não se importa. Ele e Beatriz se beijam novamente, e desta vez ela parece ainda mais interessada em beijá-lo.

Aceno brevemente para Dudu, sem travar qualquer contato visual: — Estou indo. Foi um prazer — murmuro.

Dudu solta um “ow” decepcionado.

Assim que me levanto, Bia descola de Vinho e anuncia:

— Que tal irmos todos lá para casa?

VAMOS ENTÃO

*“O presente é o fio de uma espada, o passado e o futuro um sonho entre um nada e outro nada.” —
Ramón De Campoamor*

Estico o ouvido em sua direção: — Como?

Ela dá as costas para Vinho e me enfrenta, como se já contasse com a minha resistência.

— Ficou louca? — sussurro. — Vai levar esses dois armários para casa?

— O que é que tem?

— Não teríamos qualquer chance se eles resolvessem nos atacar. A *guarda nacional* não teria a menor chance se eles resolvessem nos atacar!

— Deixe de ser bobo, eles só querem nos dar amor — ela diz piscando, maliciosa.

— Ei, espere — paro no lugar. — Você está insinuando que eu e Dudu...

— Relaxa, Pedro, vamos nos divertir. Até quando vai ficar na fossa por causa do seu ex?

Algo me diz que ela está jogando, e o jogo se chama *você é mesmo gay?* Minhas mandíbulas estalam de nervoso. Bia olha para Eduardo, em seguida para mim:

— Ah, vai, o cara é lindo... aponte um defeito nele, se conseguir. Ele é homem!

Bia passa mão pela minha camisa e se inclina: — Você sabe o que pode me fazer parar. — As costas de sua mão correm pela minha barba: — Se mudar de ideia, me avise.

Não mudo de ideia, e à minha revelia vamos todos apertados no táxi para casa. Assim que pisamos na sala, Beatriz e Vinho fundem-se em uma massa amorfa, uma criatura de quatro braços, duas cabeças e quatro pernas que solta grunhidos estranhos. Estou com

medo demais de Dudu para sentir ciúmes, só imploro que sobreviva à noite quando contar a ele que não sou gay e que não quero o amor que ele tem para oferecer.

Bia e Vinho somem escada acima; um segundo depois a porta do quarto bate.

Dudu anda pelos cômodos e para em frente ao jardim de inverno, fascinado: — Uau, você tem um tesouro bem no meio da cidade — diz olhando pelo janelão.

—Eu sei — respondo abrindo na cozinha uma garrafa de vinho. Abraço a garrafa, ando até a sala e tombo no sofá, bebendo direto do gargalo.

— Tem uma taça para mim? — Dudu pergunta.

— Oh, me desculpe.

Levanto e volto à cozinha. Abro o armário com uma careta desesperada, pensando se haveria força no mundo suficiente para conter aquele gigante bêbado. *Beberemos, e depois?* Dudu pega a taça que ofereço e volta para a sala. Senta-se em um sofá, e eu no sofá oposto.

Um minuto de completo silêncio se passa.

— Foram dias ruins — Dudu finalmente fala para o líquido no copo.

Para mim também, companheiro. Coloco mais álcool para dentro, absorto em meus próprios problemas. Lembro então das barbaridades que Dudu passou com seu ex-parceiro e acabo me apiedando de sua situação.

— Que tal só bebermos e conversarmos? — sugiro, abatido. — Sou um bom ouvinte.

As feições do gigante amansam. Por sorte ele precisa mais de alguém que o ouça que de sexo, e por isso dou graças a Deus.

Na próxima hora conversamos sobre seu ex. Não tinha ideia como namorados podem ser abusivos, também não sabia quase nada sobre o universo gay. Ouvir Eduardo foi como ter uma aula, e fico genuinamente feliz que ao final do dia tenha feito valer a alteridade. Mas prestar atenção no que ele conta fica cada vez mais difícil, porque os baques de cama contra a parede, no segundo andar, ficam altos demais.

— Outra garrafa — sugiro deprimido ao ouvir o grito esmorecido de Bia pedindo “mais”. Mais Vinho. Levanto, sem perguntar se Eduardo quer mais vinho ou não; assim como Bia, eu preciso de mais.

A voz de Dudu chega baixo até a cozinha:

— Quando descobriu que gostava dela?

Paro na frente da geladeira, sentindo um frio estranho correr a coluna e invadir a barriga.

— Como percebeu?

— Só não vê quem não quer.

Meus ombros tombam e eu exalo alto.

— Eu deveria ser capaz de disfarçar melhor a essas alturas.

Dudu se aproxima. Ele é quase uma cabeça maior que eu.

— É complicado morar junto. Imagino que escolheu morar com uma mulher porque achou que seria mais fácil — diz ele, ainda iludido quanto a minha sexualidade. Dá um gole na bebida, olha para o segundo andar: — Amor é bicho estranho. Gosta de proximidade.

Penso a respeito, se é que depois de duas garrafas alguém consegue pensar. De qualquer maneira, concordo. Dudu termina a bebida e coloca a taça sobre o porta-copos.

— Coitado de você.

— Por quê? — olho para ele.

—Vinho me contou uma ou duas coisas sobre a Bia. A mulher não é mole.

— É, eu sei.

— Se consola saber, Vinho não é flor que se cheire, também.

— Não consola, mas valeu por me avisar.

Por um tempo Dudu olha para um ponto qualquer da sala, cotovelos apoiados na bancada e mãos unidas. Olho para ele com a cara franzida. Ele parece estar com a cabeça fervilhando de ideias.

Quando finalmente olha para mim, estremeço.

— Venha comigo — ele solta. Seus dedos agarram os meus antes que eu possa escapulir.

Ele me puxa em direção às escadas, sentindo que traz um pedaço de pau.

— Deixe de ser bobo, vamos nos divertir um pouco — ri me rebocando escada acima.

Sou arrastado como aqueles personagens de *cartoons*, que se agarram às paredes deixando para trás marcas de garras. Também rezo para São Judas Tadeu, santo das causas desesperadas. Que o “vamos nos divertir?” seja olhar pelo buraco da fechadura, ou bater na porta e sair correndo.

Dudu para na frente do quarto de Bia, de onde ouvimos o *nhec-nhec* da cama. Ele balança a cabeça como se condenasse o que está acontecendo ali, ou apenas sentisse pena de mim. Entra no meu quarto, tranca a porta e coloca o dedo indicador na frente da boca, pedindo silêncio.

— Ela sacou que você está com ciúmes e está tirando prazer enorme disso.

— Que ela está tirando enorme prazer disso eu sei, estou ouvindo. Mas o que quer dizer com ela *sacou*?

Eduardo não responde. Vai até a cabeceira da cama, agarra no encosto e começa a batê-la contra a parede, gemendo, divertido.

— Dá uma mão aqui — reclama, e eu me posiciono do outro lado da cama. Não sei se é o álcool, ou a vontade de me vingar de Bia, mas quando percebo estou batendo junto com ele o encosto da cama na parede, o que dispara em ambos um ataque de riso.

— Isso, Pedro! Isso! — a voz grave de Dudu preenche o quarto, e eu mordo os lábios para não gargalhar.

— Mais — eu grito fazendo uma careta, sem saber se eu diria aquilo naquela situação.

— Assim? — Dudu responde, e ambos rimos alto.

O barulho do quarto ao lado cessa. Possuído pelo ciúme, agarro a cabeceira e soco a madeira na parede e seu pé no chão como um bate estaca. Eduardo se espanta com a concentração febril com que eu me empenho. Eu quero fazer o maior número de sons possíveis. Quero que Bia se morda como estou me mordendo.

Eu devo ter usado força demais, porque em certo momento a cabeceira da cama se desconecta do resto e o estrado cai no chão, fazendo um barulho infernal. A cama inteira se desmantela.

Ouvimos a porta do quarto ao lado se abrir.

Eduardo e eu caímos na gargalhada.

— Você é o melhor, Pedro — Dudu grita fechando com chave de ouro, simulando um gesto erótico de triunfo. A porta do outro quarto bate, furiosa, e eu simulo uma dancinha estúpida da vitória. Pelo jeito a noite de amor de Vinho e Bia acabou.

Depois que o álcool evapora e a euforia passa, Eduardo e eu sentamos por um tempo na penumbra, em silêncio e no aguardo não sei de quê. Ouvimos Vinho e Bia discutirem, em seguida ele deixa o quarto, aborrecido.

— Não sei por que quis irritar seu amigo, mas sinceramente? Foi ótimo — agradeço.

—O prazer foi todo meu.

A PRIMEIRA VEZ DE UM MENINO E UMA
MENINA

“Eu não caí de amores por você. Eu entrei no amor com você, com os olhos bem abertos, escolhendo dar cada passo ao longo do caminho. Eu acredito em sorte e destino, mas também acredito que só estamos fadados às coisas que escolhemos. E eu escolheria você; em cem vidas, em uma centena de mundos, em qualquer versão da realidade eu encontraria e escolheria você.” — Kiersten White

Diário,
esta será a primeira e única vez que vou falar sobre o assunto. Quer dizer, que vou *escrever* sobre ele. Eu nem teria para quem contar, já que esse tipo de coisa não falamos por aí. Talvez eu contasse para uma melhor amiga, mas elas andam em falta no momento. Também não vou contar na roda do cursinho como a Ana Luiza fez. As meninas riram do Thiago — ela, inclusive. Jamais faria graça de João no meio de uma roda. Dele ninguém ri, não enquanto estiver comigo. Não tenho senso de humor quando se trata dele.

Voltando ao assunto. Aconteceu ontem, e vou explodir se não falar. É importante o que eu quero dizer, porque muda a gente. Por exemplo, hoje acordei querendo passar rímel e arrumar uma bolsa para colocar minhas coisas. Não quero mais carregar meu celular no bolso e o dinheiro sob o elástico da calcinha.

Quero uma bolsa porque não acordei menina. Acho que hoje eu acordei mulher.

(Credo, estou enchendo linguiça). Aí vai: ontem foi a minha ~~primeira vez~~.

Urgh, não consigo nem escrever o que aconteceu sem rasurar. Mas sim, ontem eu e João fizemos *aquilo*. No entanto, embora

queira uma bolsa e tenha acordado me sentindo mulher, também acordei procurando um buraco para esconder a cabeça. Não a minha; a de João.

A nossa primeira vez foi uma merda.

Chorei, ele não conseguiu fazer o instrumento funcionar, depois fiquei brava porque aconteceu e foi ruim, e no final ninguém conseguia mais olhar para a cara do outro. Ele pegou a camisinha vazia e deixou meu quarto todo magoado porque avisei que nunca mais ia querer repetir aquilo. Por que raios dizem que nos lembramos dessa porcaria para sempre? Não gostei.

Tentei ligar pra ele antes de adormecer, mas ele não atendeu à ligação. Três anos de namoro e foi a primeira vez que ele não quis falar comigo. A noite vai ser só agonia.”

“Hoje, na escola, ele fugiu de mim. Disse que tinha que estudar com o pessoal da sala e me ignorou no recreio. Nem notou que eu estava de bolsa, mal olhou pra minha cara. O que ontem era só uma desconfiança virou certeza: a gente não deveria ter mexido com sexo. Quanto arrependimento.

Para passar o tempo, durante a tarde resolvi ler o resumo de um dos livros pedidos no vestibular. É um desses resumos em que recebemos a história mastigada para não precisar ler o livro, sabe? Agora me fala por que raios recebemos essa bomba? Fico com raiva que o desestímulo à leitura comece justamente na escola. É muita condescendência, valha-me Deus. Jogo o raio do resumo no lixo e abro o livro original nas mãos. Cheiro o miolo, deitada na cama. O quarto já está com a penumbra do fim de tarde quando a empregada dá duas batidas na porta e se despede. “Até amanhã”, eu grito, e ela se vai.

Por isso, porque sei que estou sozinha, é que salto no lugar quando ouço as batidas na porta. Só não grito porque ouço a voz conhecida chamar do outro lado: — Bia?

Fecho o livro e sento na cama, no coração um estrondo. É susto, medo, vergonha e ansiedade: é tudo junto. Jogo o livro no canto e ando até a porta. As mãos escorregam na maçaneta de tão suadas, e a lembrança da confusão de braços e pernas esquenta o meu

rosto. O medo de ser pega em flagrante pelos meus pais e o seu pinto — a primeira vez em que realmente o vi, e o fato de ele não ter subido direito — me traumatizaram, e seu constrangimento durante o dia só deixou as coisas piores. Sou uma plateia que ele sempre quer agradar, e dessa vez não agradou.

— O que está fazendo aqui? — pergunto pela fresta.

João não responde. Olha para mim com aquela calma doce, dedos enfiados no bolso e cabelo penteado de lado, do jeito que eu gosto. A camiseta branca que ele veste deixa seus ombros largos, e seu cheiro denuncia que ele intencionalmente caprichou no banho.

Que ele é bonito eu sei, a surpresa está no frio da barriga. O cara é meu namorado, caramba, estamos juntos há anos. Essa nevasca no estômago não tem a menor razão de existir. Mas ela existe, e eu a sinto, e sei que é uma dessas provas de amor que chegam em horas impróprias. Mais de mil dias de namoro depois, ainda perco o chão quando o vejo.

Ajeito o cabelo, tentando parecer decente. Dou um passo pra trás e ele entra.

— Foi Leticia quem te deixou entrar?

— Foi.

— Sua mãe passou açúcar em você no lugar de talco — entorto a boca. A empregada adora ele.

Ele não ri. Ele tem dessas coisas, esses momentos de silêncio. Parece estranho, com o olhar cheio de intenções. Ele tem “sexo” escrito em tudo quanto é canto da cara.

Ele fecha a porta sem dizer nada, e eu estremeço de cima a baixo.

Pausa para explicação: antes de continuar a escrever o que aconteceu, preciso dizer uma coisa. Não faço ideia do tamanho do meu sentimento por João — é grande — ou do quanto gosto de sua companhia, mas não saberia nem começar a explicar meu nível de confiança naquele cara. João é um cara manso, mas quando está comigo é quase vulnerável. Por isso não faz sentido que eu, que nunca tive medo dele, dê um passo pra trás.

— João, o que você...

Ele colapsa contra mim, e tudo que consigo fazer antes de perder o ar é terminar a frase: — ...está querendo aqui?

Ele desce os olhos até a minha boca: — Você.

Eu?

E ele pega o que veio pegar. O beijo que me dá não tem nada a ver comigo, ou com a gente. Não é afoito nem tem risada, nem é adolescente o suficiente para o momento. Mas é bom. E profundo, molhado e silencioso. E deixa o quarto quente como um forno.

Suas mãos me puxam pelas costas, mas não param ali. Descem em direção à bunda e a apalpam. Abro os olhos tentando entender o que ele planeja — *falha épica: o retorno?* — sem entender nada. Ele me alisa lá embaixo, em seguida sobe os dedos em direção ao sutiã. E porque está tão direto quero perguntar suas intenções, mas a coisa está tão diferente que não consigo (nem quero) descolar a boca da dele para saber.

Ele abre o fecho por debaixo da blusa. Não afoito como sempre fica quando leva as mãos até lá; hoje ele parece saber o que fazer, enquanto eu, que sempre lidero, não.

Ele levanta a blusa do meu uniforme. Mordo os lábios querendo reclamar sobre ontem. Que ontem fiquei magoada porque ele não prestou atenção em nada que não fosse o meio das minhas pernas e a falta de encaixe entre nós. Mas a reclamação não sai. Ontem foi ontem, e hoje é hoje. De igual ali só tem eu, porque meu namorado é outra pessoa.

Franzo a testa quando suas mãos embalam meus peitos e sua boca beija meu pescoço. Ele baixa os olhos, como se hipnotizado pelo que eu tenho ali e ele nunca tivesse notado. Ele me ergue pelas axilas: — João, o que...

Ele me deita na cama e cai em cima de mim. Seu coração bate forte contra o meu, e sua respiração trava uma batalha com o ar pesado. Quero perguntar o que ele está fazendo, mas esse calor infernal agora, além de me fazer suar, confunde o raciocínio. Ele tira uma mecha de cabelo da frente do meu rosto e é estranho que eu só note agora — note *mesmo*, tipo me dê conta de um fato óbvio — que o garoto cheio de espinhas que ele foi um dia desapareceu. Seu rosto está mais quadrado, seu nariz mais firme e seu pescoço mais largo.

— A gente não precisa fazer nada — digo nervosa, porque tinha colocado na cabeça antes de ele chegar que diria isso, que o

deixaria à vontade para tentar novamente daqui a alguns meses. Ou anos. O problema é que falei aquilo porque estou inquieta. É medo o que faz minhas mãos tremerem e a respiração falhar.

Ele me cala com uma mordida leve no pescoço, e as palavras retornam para dentro da boca. A trilha de beijos segue pela clavícula, pelo colo, e eu rolo os olhos. Agarro seu braço, amolecendo entre ele e a cama. Tento tirar sua blusa, mas ele já se aproxima de uma zona que nunca tinha sido beijada antes.

Fecho os olhos quando sinto seus lábios. Não sabia que uma sensação assim existia, e acho que aperto o menino contra mim. Acho que também curvo os dedos do pé, não sei. No início é um aperto involuntário, um reflexo dos braços. Depois é outra coisa. Vira abraço pensado. Vira abraço do tipo você-e-um-salva-vidas-no-mar. Aperto sua cabeça contra mim, perdida em sensações absurdas de tão boas.

Seus dedos desabotoam meu jeans. O tecido áspero desce pela pele, e quando a calça sai, ele empurra a calcinha úmida para o lado enquanto a boca sussurra no meu ouvido:

— Hoje vai ser diferente.

Embalo seu rosto entre as mãos, forçando-o a me olhar.

— O quê? — ele pergunta.

— O que aconteceu com você?

— Tá ruim?

Eu rio. Não é hora de rir, mas eu rio e estremeço, duas reações que não combinam.

— Você foi pesquisar sobre sexo em casa, não foi?

Ele ri também.

— Não — responde pousando os lábios brevemente sobre o meu nariz. — Eu pesquisei ontem, e deu no que deu. Hoje resolvi agir sem pensar.

Ele afasta o dedo do que estava fazendo e murmura gentil: — Eu amo você, Bibi. Eu deveria ter confiado em nós.

Minha resposta é um suspiro. O movimento suave recomeça em mim, enviando um fio de eletricidade para o resto do corpo. Eu me contorço devagar, incapaz de gestos bruscos. Ele tampa minha boca com um beijo.

Ele se livra sozinho da própria calça porque estou lesada demais para ajudar. Olho para o corpo que se deita ao meu lado: longilíneo e forte, bem estruturado. João não é mais o menino de catorze que tinha o potencial para se tornar um homem bonito. Ele virou um homem lindo.

Como pude ter perdido a transição? Justamente *aquela* passagem? Aliso seu braço com os olhos perdidos. Gosto do homem que o meu menino virou. Meu olhar gosta dele, minha alma gosta dele.

— A gente não pode pensar muito nessas horas — ele explica beijando meus cílios, o vale entre meus seios, partes da minha barriga. Tudo em mim derrete ou dissolve. O fiasco de ontem virou o prólogo *daquilo*?

— Eu penso demais — murmuro, e minha contorção vira um arqueio. *Eu me rendo, João*. Relaxo braços e pernas, sentindo o corpo mole. Não me sinto muito pensante nesse segundo. Deus, isso é tão bom. Eu nem desconfiava que possuía um botão em mim com o poder de me desarmar.

Levo as mãos até ele, hoje nem um pouco embaraçada em tocá-lo. Ele estremece sob meu toque.

— Eu também penso demais — ele solta de olhos fechados. — Mas descobri que sempre que penso muito, perco de você. Quando sinto, ganho.

— Não sabia que estávamos competindo.

Ele mordisca o canto da minha boca. — Competir? Não. Ser lógico com você é aceitar o segundo lugar — seus olhos estão escuros e quentes, bem perto dos meus. — Mas hoje sei como te ganhar, Bibi. E sabe por quê?

Balanço lentamente a cabeça que não.

— Porque quando eu me entrego eu te ganho. Você é o que eu ganho. Meu prêmio.

Beijo seu peito liso, e ele retribui me beijando atrás da orelha. Cala meus pensamentos deslizando o corpo em cima do meu e me pressionando contra o colchão. Seu corpo é maciço e duro; grande, e me cobre inteira. Respiro com dificuldade sob ele, vendo-o se acomodar entre as minhas pernas. Está tudo tão diferente de ontem,

tão certo. *Vai ser hoje*. Com ele, o único homem que poderia me conquistar.

Então sua frase faz sentido. E assim que faz sentido, digo engasgada de paixão: — Eu amo você, João.

Falo baixo, mas falo com tudo. Tudo que existe de bom em mim está naquela frase. No meio da linha, nas arestas, entre as três palavras. Tudo espremido ali no meio pra caber.

É a primeira vez que me sinto conquistada. Não no sentido metafórico; no literal. Não me rendo fácil, João sabe. Vim ao mundo pra fincar bandeira no topo, não pra capitular. É com espada que avanço, não com escudos. Sou nova e minha voz ainda é baixa, mas eu vou ser ouvida. Ainda não tenho tudo que quero, mas é questão de tempo até conseguir. É assim que vejo as coisas, mas não é assim que me sinto agora.

Esse menino deu um jeito de me curvar. Meu *eu te amo* é uma rendição; meu coração é submisso a ele.

Eu me contorço à medida que ele entra em mim. Curvo as costas e fecho os olhos sentindo coisas estranhas. Não boas, nem ruins. Únicas.

Sua língua traça caminho entre cantos e picos. Suas mãos me cobrem de carinhos suaves. Ele me ganhou com aquilo que eu não tenho: doçura, gentileza e ternura.

— Se doer eu paro — avisa, sem saber que já dói saber que a fortaleza foi tomada. Isso é sujeição; se não for isso, sujeição é o que? Ele acha que me ama mais que eu o amo, o bobinho. Me olha como se eu fosse perfeita e devesse me venerar. Ele mergulha em mim e eu deixo escapar um gemido.

— Tá doendo, meu amor?

Se disser que está, ele vai parar. Arde, e só. Mas arde tanto quanto imaginar a vida sem aquilo, ou descobrir que o amor nivela fortes e fracos.

— Nada demais. Sou dura na queda.

Ele ri e beija meus cílios molhados, sem desconfiar que aquela frase, dita entre lágrimas, é parte mentira. Põe um braço em cada lado da minha cabeça e intensifica os movimentos. Beijo a penugem escura que cobre seu pulso. Fecho os olhos sentindo a cama balançar, o coração bater mais rápido, mais solto, mais pesado.

Naquele instante tenho uma pequena epifania.

Não interessa muito onde acontece a primeira vez. O que você fez antes, que experiências teve ou deixou de ter. O que torna a primeira vez inesquecível é a pessoa com quem você está.

É ter o corpo invadido pela pessoa a quem você confia a vida. É o beijo na parte mais íntima, é o sorriso malandro de quem acredita ter comido a garota mais bonita da rua, mesmo que você não seja a menina mais bonita da rua.

E o que dizer da expressão do rosto quando a pessoa paralisa dentro de você, e você sabe que no peito vizinho explodem fogos de artifício? E o som que escapa da boca, as palavras incoerentes, e entre elas o seu nome. E o pronome *eu*, o verbo *amar* e antes do fim, *você*.

Quanto a descobrir o prazer que João sentiu naquele dia, vim a conhecê-lo também. Não naquela noite, porque sangrei e bateu a maior neura por ter manchado a colcha nova. Mas não demorou, foi ainda naquela semana. Na sua casa, na sua cama.

Foi isso que fez minha primeira vez ser inesquecível. Inesquecíveis como só as primeiras vezes sabem ser.

Inesquecíveis.”

VOCÊ LÊ, EU TE ABRAÇO

“De nada valeria o que vivi, se meu passado não estivesse tão presente em meu futuro.” — Anônimo

Lembro pouco do que aconteceu noite passada. Acordo com a pior ressaca da minha vida, a cabeça pulsando como um quasar. Encontro Beatriz sentada na cozinha segurando uma xícara entre as mãos.

— Bom dia — resmungo. Luzes piscam ao redor, e evito a claridade como um bicho da noite evita a luz.

— Fiz café — ela diz.

— Preciso de um litro — respondo pegando uma xícara do armário e enchendo-a até a borda. O líquido escuro fuma. Dou um gole no café amargo sem me importar que metade do céu da boca vá embora nessa hora.

— Você teve uma noite e tanto — ela comenta. O tom de sua voz lembra vagamente o café.

Você também, penso enfiando metade do corpo dentro da geladeira. Ela suspira, completando: — Quebrou até a cama.

— Pois é. Dudu é... — interrompo a frase, segurando o pote de manteiga. — ...grande.

Só se ouve na cozinha o zumbido da geladeira.

— Sabe, não acreditava até ontem que você fosse realmente gay.

— Como assim? — retorno à mesa. — Você veio morar comigo porque eu sou gay.

Ela observa cada gesto meu. A manteiga que passo na torrada, a faca que pouso ao lado do prato.

— O quê? — enfio o pão besuntado na boca.

— Nada. É que achei que pudesse gostar de meninas também.

Não entendo o significado velado da frase. Não entendo os olhos afiados, nem o tom ligeiramente decepcionado. Será que Beatriz

esperava que eu e ela... que nós...

Nem pense nisso, Pedro.

— Se por um lado isso me confunde, por outro me dá certeza — ela diz com energia renovada.

— Certeza de quê?

— De que quero você para os dias escuros.

A mão com o pão para no ar.

— Não acredito que acabou de repetir a proposta imbecil de ontem. E sóbria, ainda por cima.

— Você deveria dar uma chance à ideia — ela fala.

— E você deveria procurar tratamento psicológico.

— Já fiz, não adiantou.

— Vá atrás de outro.

— Por que não topa, Pedro? — ela diz apoiando os cotovelos sobre a mesa. — Tudo que precisa fazer é se deitar sobre mim, ou me imprensar contra uma parede.

— Você deveria se ouvir — digo enfiando a cara dentro da xícara.

Ela apoia o queixo na palma da mão e pisca diversas vezes os olhos, parte tentação, parte divertimento: — Tem medo que possa se sentir atraído por mim?

— Isso é ridículo — faço uma careta, encostando em seguida a lateral da face no ombro para sentir sua temperatura. O rosto está em brasa.

Ela volta a recostar na cadeira, pensativa: — Você teve uma ereção aquele dia da banheira.

— Até parece. Você está vendo coisas onde elas não existem.

— Oh, eu não vi. Eu senti.

O calor queima minhas orelhas. Balanço a cabeça, tentando não deixá-la mexer com minhas ideias. Penso por um segundo no que ela está propondo. *Se você soubesse para quem está fazendo essa proposta, não estaria sorrindo.* A ideia é doente e absurda.

Por outro lado, olho para os diários que continuam intocados sobre o sofá e tenho uma ideia. Existe algo que quero, e esse pode ser o momento da troca. Uma coisa por outra. *Por que não?*

— Uma contraproposta — sugiro voltando a comer a fatia de pão.

Seus olhos brilham: — Qual?

— Topo ser seu... seu... — gesticulo sem saber como nomear aquilo — ...seu *isso* se concordar em ler aqueles diários para mim.

Seu rosto se transmuta. — Isso é algum tipo de piada?

— De jeito nenhum.

— Eu preciso de você justamente porque não quero me lembrar do passado.

— Talvez o passado não queira ficar trancado no porão, Beatriz.

Ela se remexe na cadeira.

— Uma hora terá que se lembrar. Não pode viver sem pensar no amanhã, e fingir que o passado não existiu.

— Qual é o problema em viver no presente? — ela ergue as mãos. — Essa é a minha vida! Eu trabalho, ganho meu dinheiro, trepo e me divirto em bares, por que deveria mudar isso?

Continuo a mastigar, pensando que se eu não estivesse na Alpina ela não teria entrado lá, que o dinheiro que ganha não pagaria uma quitinete no centro e que seu conceito de diversão em bares é questionável. A única coisa inquestionável é que ela trepa.

Termino o café em silêncio. Levanto e pouso a xícara na cozinha sem olhar para ela. Subo para consertar a cama, e nas próximas duas horas não ouço nada chegar do primeiro andar. Quando desço ela não está mais na sala. Olho para a porta e procuro seu casaco; sua bolsa continua sobre a mesa da sala, mas os diários sumiram. Estou para sair de casa e procurá-la quando ouço uma fungada vindo do outro lado da casa. Ando até a cozinha e encontro-a atrás do balcão, sentada no chão, os diários espalhados ao lado.

A coragem veio.

Ao me ver ela enxuga o olho com as costas das mãos.

— Acha que ele me enviou esses diários para que eu não me esqueça da data? — ela pergunta olhando para as folhas.

Não entendo a princípio o que ela diz, mas então me dou conta que setembro está chegando. Ela vira o pulso e me mostra a data, vinte e um de setembro do ano em que se acidentou. Sento ao seu lado e cruzo as pernas. Tenho vontade de pegá-la nos braços e tomar para mim sua dor, mas não posso fazer nada. Ela precisa ter contato com aquela dor. Lembrar-se vai doer.

— Talvez tenha sido apenas uma coincidência.

— Então ele é pior do que eu imaginei — ela diz folheando as páginas sem vontade.

— Por quê?

— Como ele poderia esquecer a data em que quase morri?

Ele não se esqueceu, Bia.

— O que está lendo? — pergunto olhando para a página aberta.

— Um dia qualquer. Eu deveria ter dezenove anos, acho.

Ela coloca o diário no meu colo. A letra bonita da menina talentosa desliza pela página:

“Hoje surtei na aula. Tivemos que apresentar um trabalho enorme, e odiei cada minuto da semana. Disse a João que não queria escrever sob pressão, e que cortaria os pulsos se um dia acabasse na sessão de economia de um jornal com o único intuito de pagar as contas. Ele riu, disse que só precisava do diploma, e depois correríamos atrás de nosso sonho. O dele é ser jornalista, o meu é ser escritora. Vivo em um mundo paralelo, guardando histórias para mais tarde. Ele disse para guardá-las com cuidado, porque um dia ele me levaria embora daqui para fazermos isso. Segundo ele seremos pobres e moraremos debaixo de pontes, mas jamais deixaremos de escrever (esse é o João).”

Sorrio com tristeza. Lembro desses sonhos.

— Ele parecia gostar de você — falo.

— As aparências enganam.

Coloco o diário de lado, me perguntando se não estou pedindo demais que ela se lembre. Ela pega o mesmo diário e abre em outra página.

— Continue a ler daqui — aponta para outro trecho:

“Na saída da faculdade recebi flores. Quem mandou as flores foi um carinha que há tempos me perturba perguntando quando vou largar ‘esse menino’ para ficar com um homem de verdade. João ficou

chateado (ele está aqui do meu lado me jogando pipoca toda vez que rio de seu ciúmes). Não contei, mas devolvi as flores. Cara babaca, aquele. Ele que ache outra garota, eu já encontrei minha outra metade.”

A pedra entalada na garganta desce, pesando agora no estômago.

Ela pega o terceiro diário, mais fino e mais organizado e abre na última página. Bia devia ter quase vinte e dois nessa época. Ela aponta para o último trecho antes do acidente, e eu leio:

“Preciso falar com João. Ele não pode fazer isso comigo, a gente não pode terminar assim. Às vezes acho que uma parte minha morreu, que não vou conseguir mais acertar nada. Por que ele está fazendo isso comigo? Justo agora, que preciso dele. O que aconteceu com a gente, João?”

Devolvo o diário, conheço aquelas palavras de cor. Sei o que estava acontecendo com a gente. Quem não sabe é ela.

— Ele estava terminando comigo — ela diz. Seus olhos estão vermelhos, e o rosto está molhado. Ela lança o diário longe e ele rodopia no piso. Fecho os olhos e massajeio a testa. Por que não conto agora, nesse segundo, o que aconteceu? Se soubesse como ela reagiria, juro que contaria. Mas não sei. Não controlo Bia, nunca controlei. Ela não ficaria para ouvir minhas explicações.

— Esse homem terminou comigo quando eu anunciei a gravidez — a voz dela sai espremida.

Balanço a cabeça que não. *Não foi assim.* Passo os braços ao seu redor e puxo-a para mim. Feridas antigas retornam, e fecho os olhos quando ela recosta em meu ombro e começa a soluçar. Aperto-a contra o meu peito e ela acha um modo de caber melhor, de se encaixar no meu abraço. Ela não sabe que seu desespero não chega aos pés do meu.

— As pessoas erram, Bia.

— Mas esse erro mudou a minha vida.

— É isso que erros fazem. Eles mudam o curso das coisas.

Ela fica por um tempo quieta e pensativa. Alisa minhas costelas, afunda o nariz na minha camiseta. — Eu recebi na noite do acidente um telefonema — seu rosto molha a minha camiseta. — A menina gritava: “venha para cá! venha agora, João está com outra na festa!” Lembro que estava enjoada, sentindo o corpo inteiro estranho, mas fui. Acho que eu precisava ver para acreditar.

Afrouxo os braços para olhá-la. Uma lágrima escorre pelo seu rosto.

— Você se lembra da festa?

— Só desse telefonema. O que sei sobre o que aconteceu ouvi mais tarde de quem estava lá. — Ela continua: — Quando cheguei lá ele estava com outra. Na frente de todos, como se eu nunca tivesse existido em sua vida.

Volto a abraçá-la, esperando que ela não perceba o que suas palavras fazem comigo. Elas trazem à mente imagens reais, não tentativas de fechar um quebra-cabeças. *Eu* tenho memórias.

— Dizem que gritei com ele, que o empurrei. Foi então que ele me bateu.

É a vez de uma lágrima minha cair sobre seu cabelo, mas ela não nota.

— Saí como uma louca da festa, com o coração em pedaços. Não vi a van que furou o sinal e me acertou em cheio, no meio da avenida. — Ela balança a cabeça, como se nada fizesse sentido. — E ele, aquele filho da puta, em um acesso de raiva, vai para casa e espalha as fotos que tínhamos na internet — ela cerra os punhos sobre meu peito. — Estúpida, é isso que eu fui. Eu deixei que um cara estragasse a minha vida.

— Sua vida não acabou, Bia — digo travando o maxilar com tanta força que ele estala.

Bia ergue o queixo e sorri: — Gosto quando me chama de Bia.

Ao ver que meus olhos estão vermelhos, ela arregala os seus.

Uma centelha ilumina seu rosto. Uma lembrança? Uma memória? Existem cento e onze tons de azul classificados no mundo, e não sei dizer a cor dos olhos dela. Por um instante tenho certeza de que se lembrou de tudo. *Sim, Bia, sou eu.* Olhe para

mim. Lembre-se de nós. Afasto o cabelo da frente de suas vistas. *As coisas são mais complicadas do que você conta.*

Ela leva os dedos até meu rosto e seca minha lágrima. A mão acaricia minha pele antes de tombar novamente. Volta a se aninhar em meu peito, e naquele momento eu a abraço com tanta força que acredito poder colar qualquer coisa que quebramos no lugar.

— Eu leio todos os diários se você me abraçar assim.

Balanço a cabeça que sim. Eu topo. Qualquer coisa.

Ela sorri e pousa um beijo em meu peito.

— Não costumo acreditar em sorte, Pedro, mas você me faz duvidar de outra explicação. Às vezes não acredito que te encontrei.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO ENTRE NÓS?

“Os verdadeiros paraísos são os paraísos que se perderam.” — Marcel Proust

Jantamos em silêncio, envoltos em estranha tensão. Ela não chora mais, mas também não fala. Volto no tempo e me lembro da Bia de antigamente, tão diferente da garota que ela virou. A Bia de antes não ponderava todos os lados como eu; seus lados eram convicções e sempre se transformavam em atitudes. Quando defendia uma ideia, era a mais brilhante advogada. Nos jogos de negócio que fazíamos nas classes de administração, era elogiada por ser fria e ousada, enquanto o resto de nós só conseguia erguer cenários emocionalmente carregados. Lembro de certa vez que meu grupo precisou encenar o papel de um negociante que precisava decidir se mantinha a empresa familiar ou aceitava ajuda profissional. Se aceitasse a ajuda, teria que demitir a família toda, mas salvaria a empresa. Era uma situação complicada, cheia de nuances que nos fazia pender emocionalmente para um lado em que o apadrinhamento era mais importante que a salvação financeira. Meu grupo estava dividido, sem saber como agir. Naquela aula, Bia foi brilhante. E foi brilhante porque foi fria. Assim era ela. Forte, quando todos se deixavam levar por sentimentos. Seu grupo, centrado no longo prazo, salvou a empresa. Tiraram dez, enquanto nós, os de coração mole, não.

Ela já tinha naquela época um lado escuro. Uma ambição incomum para os “alternativos paz-e-amor” que enchiam os corredores da Comunicação Social. Ela era também ágil. Ia na frente abrindo picadas, enquanto nós hesitávamos em penetrar onde não havia caminhos. Nunca entendi bem como mantinha a mão sempre voltada para trás, me carregando com ela. Diziam na faculdade que ela era a fêmea alfa e eu o ômega, sempre atrás dela, vivendo de suas esmolas.

Enquanto como, penso nisso. Se ainda não continuamos alfas e ômegas. Talvez nossa essência permaneça a mesma na ausência de memórias.

Colocamos a louça suja na pia e pela primeira vez ninguém pensa em lavá-la. Ela limpa as mãos na calça, hesitante.

— Espero você lá em cima? — pergunta com medo de que eu vá dar para trás.

Balanço a cabeça que sim. Ela não sabe que anseio pelo toque tanto quanto ela. Tentei resistir, juro. Tentei me convencer de que ser um braço é pouco, mas eu sempre vivi feliz com esmolas.

Entramos no banho, cada um no seu banheiro, sabendo que em breve deitaríamos juntos. Não sei bem como o esquema vai funcionar, mas o frio na barriga não passa nem sob a ducha quente. *O que ela vai vestir? O quanto vai se cobrir? E se...?*

Fecho os olhos, tentando me convencer de que vamos apenas nos abraçar. Ela quer ser espremida, contida no lugar. Ainda assim, será o corpo dela contra o meu.

Lembranças do corpo perfeito me aquecem. Lembro das milhares de fotos dela nua sobre a cama, e da primeira vez que pedi para fotografá-la. Ela ficou chocada; nossa vida sexual havia mal começado, e assuntos assim eram tabu. Não se fotografam namoradas, certo? E se o namoro terminar? Entendi sua hesitação e aceitei, mas na noite seguinte àquela ela trouxe a câmera.

Perguntou se podia confiar em mim, se eu dava a palavra que jamais tornaria aquelas fotos públicas. Dei, claro. Ela sentou na minha cama e tirou a roupa.

— Quer que eu tire tudo ou fique de calcinha e sutiã? — perguntou dobrando a roupa com certo grau de neurose.

— Assim, e depois sem — respondi com o coração explodindo no peito.

A primeiras fotos foram de lingerie. Não demorou dois minutos para estarmos agarrados sobre a cama, consumidos por aquele fogo adolescente que não se apaga por nada. Ela perguntou se queria mesmo fotografá-la, e eu respondi, como o menino que era, como quem responde a “quer um biscoito?”

Assim que ela tirou a calcinha, passei a balançar a cabeça que não. Não, não quero mais. E se as fotos fossem vistas por outra

pessoa? E se elas vazassem? Ao mesmo tempo, as noites em casa sem ela pareciam uma eternidade. Como respirar quando ela não estava ao meu lado?

Fecho a ducha atento ao som do chuveiro no banheiro ao lado. Ela já saiu do banho. O estômago arde enquanto escolho a calça do pijama. Os dedos estão todos doloridos; já estalei todos eles, e agora as juntas latejam.

Quando termino de colocar a calça do pijama, ela me chama.

Ando a passos lentos até seu quarto. Não tive tempo de vestir uma camisa que disfarce o arrepio do peito. Ela está deitada sob as cobertas, e quando me vê, ergue uma ponta da bendita colcha rosa. Aquele é o convite para me juntar a ela. Deito ao seu lado, e ela nos tapa.

— É só me apertar bem forte — ela passa as instruções.

— Isso é muito estranho — falo olhando para o teto. — Eu deveria colocar uma camisa, não acha?

Ela olha para o meu peito e morde os lábios: — Só se você quiser.

Não quero. Estico o braço sob sua cabeça, e ela se acomoda sobre ele, quente e macia. Sua tatuagem de cobra no braço fica à mostra sob o pijama, e tento me concentrar em algo menos perturbador que sentir seu corpo contra o meu outra vez.

— Você me contou por alto o significado da cobra. E o resto?

Ela afasta a coberta e destapa o torso.

— Todas as minhas tatuagens foram intuitivas. Eu chegava na minha tatuadora e dizia que queria tatuar tal coisa. Algo que marcava meu dia, ou com o que sonhava. — Ela aponta para a chave perto do umbigo: — Eu sonhei com essa chave.

Ergo o rosto para ver melhor. A saliva desce corrosiva.

Em seguida ela abaixa a calça do pijama até a linha da calcinha. Escondida pela roupa está uma tatuagem solitária. Uma única peça de quebra-cabeças, sobre o osso da bacia.

— E essa? — pergunto com vontade de tocá-la.

— Essa é para me lembrar que peças ainda precisam voltar ao lugar.

Sete anos de peças precisam voltar para o lugar.

— Então você quer se lembrar.

— Lembrar nunca foi o problema, Pedro — ela diz ajustando a calça. — O problema é o sofrimento que lembrar vai trazer.

Ela acaricia a tatuagem sob o tecido, como se gostasse dela. Depois ergue as vistas para me olhar: — Só não quero me lembrar ainda.

Sinto o cheiro de sua boca, e me pergunto se ainda reconheceria seu beijo.

— Por que não?

— Eu não tinha até essa noite alguém para me socorrer.

Ela não aguarda que eu responda. Passa para a próxima tatuagem, o oito deitado embaixo da curva do seio direito. Um símbolo do infinito.

— O que queria eternizar? — pergunto.

— Não sei. Deu vontade de fazer.

— O que sua tatuadora faz, promoção? Tatue três, pague dois?

— tento quebrar o clima, já que estou ficando com calor.

Ela ri.

— E a próxima? — corro os olhos pela pele macia, louco de vontade de senti-la sob as mãos. Ela se vira de costas e me mostra o lírio. Lembranças antigas retornam.

— Dois lírios.

— Por que justamente lírios? — pergunto sentindo queimar o local onde nossas peles se encostam.

— Sempre gostei de lírios.

Logo acima das flores estão as asas negras e fartas, de penas tão bem feitas que parecem reais. — Sua tatuadora é muito boa.

— Todo mundo diz. Quando for um dia comigo a Vitória, levo você para conhecê-la.

Ela volta a encaixar a lateral do corpo em mim.

— E as asas? Elas são imensas, deve ter doído fazê-las.

— Elas são autoexplicativas, não acha?

Olho-a por uma eternidade.

Para que servem asas, se só enfeitam mas não te encorajam a voar, Bia? O que fariam elas por aqueles que evitam alturas e sempre optam por caminhos seguros? Essas seriam as perguntas que eu faria, se tivesse coragem. Que faria se não conhecesse uma coisa ou duas sobre a simbologia daquelas tatuagens. Acaricio uma

mecha do seu cabelo, entendendo-a agora melhor que um segundo atrás.

Suas asas não são um contrassenso ou uma ironia, assim como não são aleatórios os seus outros desenhos. Eles fazem parte do seu processo de cura, ainda que de uma forma estranha e profundamente inconsciente. Ela tem esperança no que gravou sobre a pele. Fé que a peça será um dia encaixada, que a chave abrirá uma porta e o lírio florescerá. Asas são símbolos de transformação e no tempo certo se abrirão também. Elas estão ali para ajudá-la na hora de saltar.

— O que tatuaria em você? — ela pergunta.

Assim, encaixada contra mim, não tenho onde colocar a mão. Ela percebe minha hesitação e a pausa sobre seu braço.

— Talvez o nome de uma pessoa — respondo.

— Por quê? — ela não entende. — Você estaria para sempre com o nome de alguém na sua pele. Se um dia o amor acabasse, o nome continuaria lá.

— Não é exatamente por causa disso que tatuamos? — olho para suas tatuagens, me vendo em muitas delas. — Para ter alguma coisa para sempre na pele?

Ela não gasta tempo pensando nisso. Vira de costas para mim, entrelaça os dedos aos meus e conduz gentilmente minha mão até sua barriga. Sua pele ferve sob a palma. Chego mais perto. Encosto o queixo em seu ombro e o peito em suas costas, inspirando seu cheiro de lavanda com toque de baunilha. Por um tempo fazemos silêncio, um momento mais triste que erótico, mais solitário que compartilhado.

— Me aperta? — ela finalmente pede. Firmo os braços em torno do seu corpo. Ela acaricia o pelo deles, ajeita-se, e eu a tenho de volta por uma noite.

A vontade de encostar a boca em seu ouvido e dizer que sempre a amei e jamais tive a intenção de magoá-la é insuportável. É também intolerável pensar que *quase* tive ao seu lado um final feliz, *quase* a chance de apertá-la contra mim todas as noites, para o resto da vida. Fecho os olhos até que os desejos parem de arder e que a agonia se dissipe como aprendeu a se dissipar depois de sete anos.

Um abraço foi tudo que precisei para chegar à conclusão de que ainda a amo.

— Você pode chegar mais perto? — ela pede baixinho. Chego mais perto. Colo o corpo contra o dela de tal maneira que nenhuma parte de nós está livre do outro. Meu coração nunca foi livre, de qualquer maneira. Ela cola o corpo na parede, espremida entre mim e a superfície dura. Sinto o cheiro de sua nuca tentando não enlouquecer.

Ou não enlouquecer mais.

Ou de vez.

—Você foi a melhor coisa que aconteceu nos meus últimos sete anos — ela sussurra.

Engulo com dificuldade, afundando o rosto entre o seu cabelo.

— E você, dos meus.

Minutos de tortura se passam. Sua respiração pesa, talvez porque o ar rareie no quarto. Ela então se mexe. Serpenteia o corpo, desliza a cabeça pela franha e seus olhos encontram os meus. Aquele não é o olhar despreocupado que amigos trocam; aquele é o olhar de quem quer desvendar o que o outro é.

— Não é estranho? — ela murmura, rouca.

Meu coração não tem mais força para bater sem ela. — O quê?

Ela olha para a minha boca. Um centímetro. Um entreabrir de lábios, e eu vou beijá-la. *Por favor afaste-se de mim, minha vida.*

—Eu e você.

Olho o contorno de seus olhos. O desenho de suas sobrancelhas, as fendas dos lábios.

— Como estranho pode ser bom? — pergunto.

Ela não responde. Primeiro me olha, então se aproxima. Fecho os olhos e sinto seus lábios. A pressão, o cheiro da boca, o passado.

Um segundo. Um vacilo antes da entrega, e o fio mágico é cortado. Descolo a boca da dela e me afasto.

Ela olha para o teto e afasta o cabelo da testa. Eu me concentro em controlar a respiração disparada. Quem teve a coragem de interromper aquela loucura? Quem ousaria se afastar primeiro, disparando o juízo do outro?

Inacreditavelmente, essa pessoa fui eu.

Ela não reclama, mas fica silenciosa. Volto a abraçá-la. Finjo descaradamente que não houve um quase-beijo, que não me dei conta que ainda sou louco por ela. Aperto-a contra o peito tremendo pela possibilidade do *quase*. Eu quase a beijei, e ela quase respondeu.

Bia enrijece de súbito em meus braços.

— Que foi? — pergunto preparado para falar sobre o não acontecido, se ela quiser.

Ela está de olhos fechados, a respiração curta e rasa.

— Bia? — tento enxergar seu rosto na penumbra. — Está tudo bem? Me desculpe se eu...

— Estou bem.

— Eu não tinha a intenção de...

— Não foi nada, Pedro — ela segura minha mão para que eu não me afaste. — Por favor não saia daqui. É só uma coisa esquisita que aconteceu.

— O quê?

— Você me lembrou alguém.

Ela se recupera do momento e volta a se aninhar em mim. Meu coração bate descontrolado a centímetros de seu ouvido, e a frase em sua nuca é um aviso pessoal: “para que nada nos separe, que nada nos una.”

— Não te lembrei o eunuco, foi? — digo em tom de brincadeira. Sei bem quem eu a lembrei, e por dentro algo acende a caverna escura que é o meu peito.

Por sorte ela ri: — Não. Na verdade, o eunuco era um cara muito chato.

Ambos rimos, depois caímos no silêncio desconfortável outra vez.

— Por que gosta de ser apertada? — firmo-a novamente contra a parede. É isso que posso fazer por ela, agora. Isso e fingir que não existe entre nós um passado que nos circula com suas barbatanas, atraídos pelo cheiro que as mentiras soltam.

— Já pensei sobre isso. Acho que não há muito segredo, nada rebuscado ou complexo demais. Eu preciso de braços que me contenham. Eu tenho medo de desmanchar.

OFICIALMENTE, O PRIMEIRO BEIJO

“Num único beijo saberás tudo aquilo que tenho calado.” — Pablo Neruda

Catorze anos antes

Os bilhetinhos rodavam de mãos em mãos. Passados sob as vistas dos professores, ou entre grupos espalhados pelo corredor do colégio. Nas pausas o assunto era conversado abertamente, e a cada “sim” que alguém dava meu coração batia mais forte.

Ainda bem que uma garota resolveu festejar seus quinze anos com uma superfesta. Parece que vai todo mundo da oitava série, e vão meninos do primeiro ano também. Se vai tanta gente, a chance de que João também vá é grande.

Sentada na mureta sob a imensa árvore do pátio, eu olho para ele. Ele não tem muitos amigos e quando está em grupo parece um pouco atrapalhado. Sei que um amigo dele vai à festa, porque ouvi o garoto dizer que sim. Se ele foi convidado, João foi convidado também.

Quando a sineta estridente anuncia o fim do recreio, salto da mureta e jogo o pacote vazio de biscoito na lixeira. Ana Luiza, uma amiga da época, estranha que eu vá para aquele lado.

— Bia, a sala é para o outro lado.

Limpo a boca do farelo, pegando o caminho mais longo: — Eu sei.

— Viu que o cabeludo que fica te secando está sentado ali?

— É? Nem reparei — minto.

João vê que me aproximo e abaixa o rosto. Assim, curvado sobre o CD-Player, ele mais parece um saco murcho e desinflado. Sua timidez não é despropositada: ele tentou falar comigo algumas

vezes, mas como não respondi, não tenta mais. Coloca de volta o fone de ouvido e finge prestar atenção no próprio tênis.

— Oi, João — digo ao passar por ele, fazendo questão de empinar o nariz.

Tenho certeza de que ele não está realmente escutando música, e que, aliás, não vai ligar o trambolho até que eu esteja longe.

Ele me espia com o canto do olho, mas não responde. Seu rosto no entanto parece que foi estapeado.

Ele anda avermelhando um bocado desde a brincadeira no prédio, quando insinuei a língua na sua boca. Desconfio que uma hora vai entrar em combustão, pegar fogo e queimar até o talo.

— Por que insiste em falar com esse garoto? — minha amiga pergunta com uma careta.

— Até parece que insisto em falar com ele.

No dia da festa escolho meu melhor vestido, calço um salto alto e acho que só por isso minha mãe se recusa a me deixar na festa e ir embora. Ela salta do carro, toca o interfone e pede para falar com a mãe de Jéssica, a debutante. Minha mãe não nasceu ontem. Uma garota que passou a tarde inteira se arrumando para uma festa só pode estar com a cabeça fervilhando de más intenções.

A mãe da debutante aparece no portão como se tivesse sobrevivido a um terremoto. Minha mãe começa a ladainha: “Vai ter gente de olho nessa galera?” “Quem estará prestando atenção neles?”

Rolo tantas vezes os olhos que ela me ameaça: agoura que um dia vai bater um vento no meu rosto e vou ficar vesga para sempre.

— Garanto à senhora que não há risco algum — diz a mãe da aniversariante. — Ficarei de olho.

— A criançada de hoje não é mole — minha mãe aponta o queixo na minha direção.

— Conheço todos os amigos da minha filha, são todos muito bonzinhos.

O que ela não sabe, mas minha mãe sim (e tentou avisar), é que quem não é boazinha sou eu. Vários *não se preocupe e estarei de olho* depois, minha mãe parte. É isso ou me colocar de volta no carro, mas a segunda opção está descartada porque ela consegue medir o grau de dificuldade.

Antes de partir ela implora: — Bia, comporte-se.

— Tá bom — eu respondo, mas ela não acredita.

Finalmente livre, entro no salão. O estroboscópio pifou, e a música está ao gosto da garotada: ruim. A turma dança no meio de um apagão barulhento; braços, pernas e cabeças para todo lado. Olho ao redor procurando João, mas ele não está na festa. Por que ele não viria?

Mais adiante um grupo de garotas aponta para a rua. Elas se inclinam sobre a sacada e soltam risinhos.

— Qual o problema desse menino? — uma delas pergunta para as outras. — Será que ele não tem amor-próprio?

Do outro lado da sacada os garotos quebram a regra de só falarem sobre scores de jogos para comentar sobre o menino que tentou entrar de penetra e foi barrado. É nessa hora que Jéssica, a aniversariante-bombom, volta da portaria com um bico de pato antipático:

— Ele não é nem da minha sala, por que deveria deixá-lo entrar?

Franzo a sobancelha. Das cem pessoas na festa, só vinte e cinco são da sua sala. Sigo a direção dos dedos apontados e vejo, da varanda, que há um garoto escondido atrás da árvore, do outro lado da rua escura.

Um tênis branco e encardido tenta tirar chicletes antigos da calçada. Nem a penumbra esconde sua vergonha.

João.

Meu coração começa a saltar e não se acalma nem quando me afasto dali. Olho o tripúdio coletivo com um martelar surdo nos ouvidos. As mãos viram punhos, e o coração parece tomar todo o peito.

Disparo contra o bombom aniversariante como um míssil em rota de colisão com a terra. Por que João tinha de vir? Por que ficar ali se todos riem ele? Jéssica está dançando na pista quando eu a agarro. Arrasto-a pelo braço até um canto, irada demais para moderar o comportamento ou respeitar qualquer espaço pessoal.

— Você não vai deixar o garoto entrar?

A menina tenta puxar o braço, mas meus dedos estão cravados nela.

— Me solta, sua doida!

— Aquele menino ali atrás da árvore — eu indico a rua, chacoalhando o braço magricela. — Você vai *agora* até a portaria liberar a entrada dele, está me entendendo?

— Até parece! Quem você acha que é?

Respondo entre os dentes, cuspidando as palavras: — Sou a garota que vai te encher de tabefe no dia do seu baile se não abrir a porta para o menino.

A menina abre a boca, mas minha frase a faz ponderar.

Solto seu braço, agora marcado de dedos.

— Eu deveria colocar você para fora! — ela grita com os olhos cheios de lágrimas.

— Poder, você pode, mas eu não iria quieta — devolvo. — Vai lá e facilita nossa vida, Sonho de Valsa. Quem vai sair ganhando é você.

Jéssica abre a boca. Eu acabei de comparar seu vestido rosa a um *bombom*? Suas narinas expandem como as de touros bravos.

Cruzo os braços: — Vá antes que ele desista de entrar. Sem confusão, sem barraco e sem *apelido*. Você sabe que um apelido pode nos acompanhar para a vida, não sabe? — olho para sua roupa e pisco.

A menina expelle o ar, que sai como um grito. Marcha até a portaria, de onde, segundos depois, volta com o rosto banhado de lágrimas.

João vem atrás dela. Humilde e magricelo, camisa preta de uma banda idiota, jeans escorregando pela cintura estreita e anel de caveira no dedo.

Meu coração é uma dessas velas de aniversário que soltam faíscas, impossíveis de serem apagadas. Não deixo que ele perceba que os outros estão falando dele. Assim que ele me vê, entrelaço os dedos aos dele e puxo-o dali. Levo-o para um canto escuro onde ninguém pode machucá-lo — e onde tem gente se beijando — a fim de tê-lo só para mim. Quero que ele me note. Que veja que botei salto e passei rímel por causa dele.

Conversamos naquela noite sobre assuntos de que hoje daria a vida para me lembrar. Devem ter sido coisas incríveis, porque gargalhamos até sentir o estômago arder. Lá para as tantas, depois do décimo copo de Coca-Cola e eufóricos devido ao nível

estratosférico de açúcar no sangue, nossos olhares mudam. De sorridentes passamos a sem jeito, e de sem jeito para aquele sorriso-bobo-que-não-some-do-rostos.

Seu pomo de Adão, uma coisa imensa, se move para cima e para baixo. Ele encosta na parede e cruza as mãos atrás do corpo, tentando acalmar as pernas que balançam como se sofressem de alguma síndrome. Dou um passo e fico a centímetros dele. Seu sorriso vira uma tentativa atrapalhada de controlar a hiperventilação.

Não é *por que* quero ficar com ele que me intriga, mas o *quanto*. Ele bagunçou meu mundo. Ele é uma mistura de coisas de que eu gosto e não sabia, um presentinho do universo só para mim. Acho que são os olhos doces. Tenho queda por açúcar.

Em um ato de coragem ele estica o braço e coleta meus dedos no ar.

— Você tá linda, Bia.

Acho que João nem estava tentando ser galante; para fazer galanteios é necessário certo auto controle, e eu não descreveria sua tremedeira como controlada — está mais para a terra durante um abalo sísmico. Acabo logo com aquela espera idiota com um “oh, você acha?” e vou direto pro gol. Colo o corpo ao dele, reclamando da demora. Por que demorou tanto para sacar meu interesse por você?

Ele inclina o rosto e me beija. Beijo que viria a saber, mais tarde, foi seu primeiro.

Não sei quanto tempo beijo João naquela noite. Beijo-o até que os lábios formiguem. Até que a pele ao redor da boca fique sensível e vermelha, e ele chegue à conclusão de que estou gostando dele.

Então é por isso que chamam certos instantes de eternos.

Naquela noite entendi também por que certas pessoas nos marcam tanto, quando outras deslizam por nós e passam direto.

O que foi que você fez tão certo naquela noite, João?

Pode ter sido o beijo? Pode.

Pode ter sido o cheiro gostoso de menino bem cuidado? Pode também.

Mas o que fez eu me apaixonar por você foi sua insistência. Você foi até a festa para me ver e não foi embora enquanto não me viu.

Você foi um homem naquele dia, mesmo ainda sendo um menino.

Foi isso. Foi isso que fez eu me apaixonar por você.”

MIL VEZES MIL

“Você pode até dizer que não entendeu o que eu disse. Mas jamais poderá dizer que não entendeu como eu te olhei.” —Padre Fábio de Melo

A Bienal do Rio toma nas próximas semanas todas as minhas horas. Viajo dias antes para ajudar na implantação do novo conceito da editora e me perco naquele mundo. A fascinação pelo universo dos livros no maior evento do mercado é o antídoto contra Beatriz. Ouço jovens discutirem sobre a Bienal como se fosse um concerto de rock; assisto maravilhado uma nova geração de leitores organizando competições e disputando número de leituras alcançadas no mês, descubro com o público novos nichos de mercado e a necessidade de criação de subgêneros. Livros estão no ar, sua ideia está mais viva que nunca, seu *status* de objeto cultuado, intocado. Em meio à discussões, trabalho e consultas de rankings, os dias vão passando. Em uma breve conversa com Bia pelo *Whatsapp* ela me diz que sou um sonhador com senso de negócios, e que isso anda rendendo hoje em dia.

À noite, quando desabo na cama do hotel, o rosto que vem é o dela. A lembrança do seu corpo contra o meu é mais real que a cama onde deito ou a roupa que visto; é forte o suficiente para dar canseira no coração.

A única sensação que não acha lugar para assentar no peito é a vontade de nunca mais voltar. Não posso me enveredar por aquele caminho novamente. Eu vou enlouquecer, não tenho condição de aguentar.

Naquela noite em que dormimos abraçados eu finalmente entendi. Com ela eu atingi o ápice da vida, o momento de paz que há anos procurei sem encontrar. Mas como se sustentar no topo pisando em mentiras? O que sobrá de nós quando a verdade surgir?

Aconteceu então o que acontece depois que atingimos o clímax: eu caí.

Pedro não existe. Quem existe é um homem chamado João Pedro que mudou de nome anos atrás, e Bia só está comigo porque eu menti. Eu vou matá-la de desgosto ou raiva quando ela descobrir tudo e no processo acabarei morrendo de alguma forma também.

No último dia da Bienal, quando o sucesso é oficialmente estrondoso, e Albano não consegue esconder seu entusiasmo por mim, ele me chama à sala privativa do estande.

Sigo-o limpando a garganta arranhada, sentindo dificuldades em engolir. O corpo pesa mais que minutos atrás, e os movimentos parecem enferrujados.

— Filho, estou impressionado — meu chefe diz. — Você é um jovem de muito talento. Em todos os meus anos no mercado nunca vi alguém com a sua visão.

Agradeço pelas suas palavras, assim como pela sua afeição. Infelizmente a dor que se espalha pelo corpo e o cansaço depois de dias de trabalho me impedem de aproveitar o momento.

— Estou principalmente tocado com o carinho do público pela Alpina. O que andou fazendo nos últimos tempos?

— Marketing — respondo, lembrando dos últimos meses. Não falo, mas continuo a lista mentalmente: parcerias com blogueiros entusiasmados, contratos com gente dinâmica e talentosa, lançamento de um curso para novos autores que será aberto ao público e inteiramente gratuito. Uma colaboração da Alpina por um século de receptividade, e o desejo por um país com escritores mais preparados. As pessoas veem essas coisas. Elas respondem.

Albano exala, apoiando-se sobre sua bengala: — Pedro, quero lhe fazer uma proposta. Sinta-se livre para aceitar ou recusar, mas saiba que faria muito gosto se aceitasse.

O cansaço que pesa o corpo vai momentaneamente embora. Sou todo ouvidos.

— Você conhece nosso selo em Portugal, a Dinâmica?

— Claro — respondo. A Dinâmica é o tipo de selo onde um dia gostaria de trabalhar. Alternativo, não comercial, literatura por literatura.

— Minha filha o administra lá de Lisboa. Ela ouviu falar de você e pediu que eu o mandasse uma temporada para lá.

Balanço a cabeça dolorida, sem acreditar. *Portugal?*

Nesse instante batem à porta, e Albano se levanta: — Deve ser ela.

Ele abre a porta e uma mulher da minha idade entra na sala. Ela é distinta, alta e ainda mais bonita do que nas fotos de revistas do ramo.

— Pedro, esta é Maíra, minha filha e presidente da Dinâmica.

Maíra me olha, curiosa. Ela tem uma combinação rara de olhos escuros e cabelos claros, e me olha por um segundo a mais do que o necessário.

Nas próximas horas conversamos sobre possibilidades antes inimagináveis para o garoto que até pouco tempo atrás não conseguia emprego. A proposta, mais uma vez, é irrecusável — e desta vez, faço questão de perguntar, sem chances de demissões. Maíra me quer ao seu lado.

Quando a feira acaba, retorno para São Paulo com uma data em mente. Duas semanas.

Em duas semanas encerrarei as atividades na Alpina e partirei para a Dinâmica; uma decisão que tomei lá mesmo, na reunião, e que mudará de forma definitiva a minha vida.

É sobrevoando a maior cidade do país que noto o peso no corpo. Ele não está bem. A cada milha mais perto de casa, mais ele dói. Conclusões sobre a decisão de partir também vão chegando.

Por anos, enquanto estava com Bia, recusei oportunidades que me levassem para longe dela. Fiz o que fiz por amor, não me arrependo de nada. Rejeitei intercâmbios fora do país, faculdade em outros estados. Nunca aceitei nada que nos separasse. Por um segundo durante a conversa da tarde, quase neguei aquela proposta também. O motivo? Ela, mais uma vez.

Agora, vendo as luzes do aeroporto se aproximarem, sei que era a hora de aceitar. Cometi o erro de contar uma mentira e depois que a contei não consegui mais dizer a verdade.

Não posso mais continuar com isso. Nem por mim, nem por ela. Não sou seu salvador, não sou o homem da sua vida, não sou um mau-caráter. Sou seu ex.

Uma hora depois chego à casinha verde. Não existe um músculo do corpo que não pareça inflamado, uma gota de energia restante para me manter em pé. Deixo a mala na entrada, me amparando nas paredes. A garganta parece ter sido ferida por unhas de gato e o corpo agora pesa toneladas. Do janelão vejo Bia sentada no jardim de inverno cuidando do pé de limão que floresce em um jarro.

Por um tempo fico parado ali, olhando-a. *Como pude deixar você entrar aqui de novo?*, penso massageando o peito apertado.

Caminho até ela com a impressão de que não a vejo há séculos. Encosto na porta, saudando-a:

— Olá, habitante do mesmo planeta que eu.

Ela se levanta com um pulo. — Pedro? — corre até onde estou. — Você voltou!

Ela salta sobre mim, e seu abraço traz meu mundo de volta ao eixo.

Assim que ela toca minha pele, se afasta: — Você está queimando.

Desde a reunião estou com febre. Os calafrios correm gelados debaixo da pele, e tenho círculos roxos ao redor dos olhos.

Bia me carrega até o sofá, onde tombo sem forças.

— Pedro, você está com febre!

Por um tempo me perco em seus olhos, com pena de nós. Pena, principalmente, de mim. Ela me deita no sofá. Tira meus sapatos, massageia meus pés. Continuo a olhar para ela sem coragem de contar sobre a decisão que tomei.

— Não se mova — ela pede, como se eu conseguisse dar um passo para longe dela. Ela corre até o segundo andar e volta segundos depois com uma bolsinha de remédios.

— Desde quando está se sentindo assim? — pergunta chacoalhando um termômetro. Sua voz chega como vapor, como se me falasse coisas de um sonho. Fluida, lenta, vinda de debaixo d'água.

Fecho os olhos, à deriva. Em sonhos e devaneios sempre penso nela.

— Vou ligar para minha mãe, ela deve saber o que fazer — diz, mas antes que se levante eu seguro seu pulso. Ela volta a se abaixar. — Não vou embora. Só vou dar um telefonema.

A mente flutua sem rumo. A lucidez parece aqui e lá, as ideias giram como espectros de um caleidoscópio. Demorou para que eu aceitasse, foram anos tentando me convencer do contrário. Mas negar para quê? Que bem me fez, negá-la?

—Você... sempre... o... minha vida.

A frase sai embolada. Mesmo na mente ela parece embolada.

— O que disse?

Balanço a cabeça que sim, que ela é e sempre foi o amor da minha vida. Mas estou com os olhos fechados e não vejo que ela não me ouviu. Minha mão solta seu pulso e cai flácida ao lado do corpo.

— Pedro? — ela me chama primeiramente calma, em seguida, aflita.

O juízo dá lugar ao delírio. *É hora de acabar com essa mentira.* Abro os olhos, achando os seus nos meus.

— Minha vida. Você foi tudo pra mim — repito.

— Pedro, acorde — ouço-a como um eco distante.

Olho seu rosto amado. — Você é tão linda — tateio ao redor, procurando seus dedos. Encontro-os, e aperto-os entre os meus. — Eu disse isso para você naquele dia da festa.

Ela ri, e eu penso em como amo sua risada.

— Você não é de se jogar fora também. Vamos, levante-se, vou te levar para o pronto-socorro.

A cabeça se inclina, mas a dor é forte e volto a tombá-la. Não consigo ir a lugar algum. O corpo está exausto de tanta mentira, cansado do frio na barriga que nunca cessa, esgotado pelos sentimentos que em vez de arrefecer só crescem. *Eu queria te fazer bem, mas você me faz mal.*

— Não precisa cuidar de mim — falo enxergando um grande borrão à frente.

— Mas vou — ela responde, malcriada.

Ela está me encarando. Ela gosta de fazer isso, às vezes pego-a no flagra, com os olhinhos em mim. Imagino seus neurônios coçando o queixo e se perguntando: *mas ele não parece aquele monstro de anos atrás?*

A febre deve ter mexido com meus circuitos, porque ouço minha voz dizer: — Eu amo você.

Definitivamente a febre mexeu com meus circuitos. Todos eles.

O olhar de Bia se afia. Dentro deles se remexem coisas impetuosas e turbulentas.

— Você está delirando — ela murmura sem acreditar que é objeto de tanta devoção. *Você é o objeto de toda a devoção.* A imagem mais gloriosa dentre todas que habitam minha mente.

— Pedro, você precisa esfriar.

Dizendo isso, se levanta. Busca remédio, toalhas, uma bacia com água gelada e se ajoelha ao meu lado: — Abra a boca.

— O que vai fazer?

— Beijá-lo — diz, e o cômodo antes escuro ganha luz. — Estou brincando — e posiciona o frasco de remédio perto da minha boca. Pinga um bom bocado lá dentro, me perco na contagem. Sei que a quantidade é suficiente para passar a febre e talvez lesionar a longo prazo o fígado. Sua mão deixa minha testa para acariciar minha barba.

— O que aconteceu? — ela quer saber.

Não tenho como discernir na hora o que ela quer saber. Ela quer uma resposta concreta? Ouvir que foi o ar-condicionado, alguma coisa que comi? Não tenho como ser concreto, não me sinto mais sólido. *Eu sou um reservatório de mentiras. Um tanque de sentimentos, um oceano de amor por você.* O que aconteceu é que o que me segurava se rompeu.

— Eu vou deixar você em paz.

— Não isso — ela começa a dizer, mas então para. — Como assim, vai me deixar em paz?

— Eu preciso deixar você. Você nunca vai se lembrar.

— Do que está falando, Pedro?

Corro solto, agora: — Eu vou embora, Bia. Não posso ficar aqui para sempre.

— Para onde você vai?

— Eu achei que poderia te ajudar. Juro, eu achei.

Bia se inclina sobre mim. Sinto o hálito perfumado perto do meu rosto e acredito poder ouvir seu peito pulsar. — Você está com febre. Quando a temperatura sobe demais, falamos besteiras.

— Eu não deveria ter entrevistado você naquele dia.

Ela me acarinha e beija meu rosto: — Eu sei, você se meteu numa furada.

— Por que mexe assim comigo depois de tanto tempo? — ouço a voz sair grogue.

Pausa.

— Mas se passaram apenas quatro semanas, bobinho.

— Todos me alertaram que eu não deveria... que eu não deveria mexer com... *isso*. — a dor de cabeça se espalha para o resto do corpo. — Bia?

Ela suspira e chega mais perto de mim. — Estou aqui, Pedro.

— Você acredita em destino?

Ela solta uma fungada divertida: — Você vai rir um bocado quando eu te contar amanhã tudo que falou.

— Mas acredita?

— Não, não acredito em destino.

— Eu acredito — digo estalando a língua, sentindo a boca seca. Ela se afasta, e segundos depois aparece água na minha boca. Bebo amparado por ela.

— Também acredito em relacionamentos que não morrem nunca, sabe? — digo mirando o teto, lembrando dos anos em que passamos juntos. — Pessoas por quem podemos nos apaixonar mil vezes durante a vida. Mil vezes mil.

Bia se senta ao meu lado e pousa as mãos sobre o meu joelho.

— Por favor, não me diga que reencontrou alguém do passado na feira.

Abro os olhos e encaro-a, perdendo o ar. Olhar para ela causa isso: apneia. — Eu reencontrei, mas não na feira.

Ela se remexe desconfortável no lugar. — Alguém especial?

— A pessoa mais especial.

Ela fica subitamente silenciosa. Levanta-se, dá uma desculpa de que precisa trocar a água. Eu a chamo de volta.

— Sim, Pedro? — diz sem se virar para mim.

— Você lê para mim?

Ela volta, ajoelhando-se ao meu lado: — O que quer que eu leia?

— Seus diários.

PASSAGENS

*“Não existe amor que não seja um eco.” — Theodor
Adorno*

Ela reclama, diz que não vai fazer, quer saber por que quero ouvir aquilo, mas por fim pega um diário.

— Qualquer página?

— Qualquer uma.

Eu só preciso ouvir sobre meu passado em sua voz. Achar forças para contar o que decidi. Ela começa a ler, e eu fecho os olhos.

Ela abre um dos diários. As histórias começam desinteressantes para ela, mas não para mim. Ela narra como foi o nosso primeiro beijo, no fim de um dia em que passei agoniado por ser o único da sala a não ser convidado para uma festa de aniversário. Fui até o prédio na noite da festa, acreditando que se a aniversariante me visse ali me deixaria entrar. Ela não deixou. Do salão, meninos e meninas riam de mim, querendo saber onde tinha ido parar meu amor-próprio. Nos bastidores, eu não sabia, Bia encostava a garota na parede e dizia que se ela não abrisse a porta, iria enchê-la de tapas. A menina permitiu por medo a minha entrada, e eu, que sempre tive menos amor-próprio que amor por ela, entrei. Valeu a pena, porque naquele dia começamos a namorar.

Ela continua a ler, alheia a quanto a história mexe comigo, e o quanto ela foi legal naquela noite. Também não nota que do meu olho escorre uma lágrima, talvez porque, ao contato com a pele quente, ela evapore antes de pingar no chão.

Ela lê sobre as escapulidas durante as aulas, as sessões de estudo que sempre acabavam na cama, sobre beijos furtivos na penumbra rosada do seu quarto e o eterno medo de sermos flagrados. Ouço tudo com a sensação de que a melhor parte de mim morreu.

Ela fecha o diário com olhos envidraçados. Pega o próximo, o dos últimos anos de faculdade, quando eu orbitava à sua volta e ela brilhava. Escolhe para ler os meses finais.

— Não dá para ler — reclama tentando entender o que está escrito ali. — Minhas lágrimas borraram as palavras.

Não foram as suas, foram as minhas. Guardei aqueles diários por sete anos.

Ela se recosta na poltrona e pousa o diário sobre a perna. — Tem certeza de que quer ouvir isso, Pedro? Posso ler outra coisa.

— Tenho certeza.

Ela pega ar e recomeça:

“Hoje finalmente conversamos. Disse a ele no telefone que pensei muito no nosso sexto aniversário de namoro. Lembrei da surpresa que ele me fez e me senti muito mal. É estranho pensar que não celebraremos um sétimo ano juntos.”

Ela abaixa frustrada o diário: — Que droga, eu não me lembro de nada. Sequer entendo o que escrevia.

— O que aconteceu no sexto aniversário de namoro? — pergunto como se não soubesse.

— Como vou saber? Eu não me lembro!

— Veja na agenda.

Ela folheia com má vontade o diário e acha o dia. Alisando-o aberto sobre o colo, põe-se a ler:

“...foi mágico. Quando entrei na sala de casa, vi milhares de fios brancos pendurados. Todos eles pendendo do teto, como serpentinas que vão até o chão. Os fios eram apenas parte da surpresa; eles amarravam balões. Balões tão rosas quanto paredes de quartos de meninas, ou faces coradas de vergonha. Batendo leves uns aos outros no teto, movendo-se ao mínimo suspiro.”

Ela limpa a garganta, incomodada.

“Em alguns deles havia letras feitas de esparadrapos colados na borracha. João me incentivou a procurar uma mensagem no meio da floresta de fios. ‘Ache e me dê a resposta.’ Demorou, mas consegui. Coletei cada balão do teto como quem colhe flores; queria dizer logo sim, sim, SIM!”

Bia abaixa o diário.

— Alguma memória? — pergunto.

Ela balança a cabeça, afugentando um pensamento. — Nada, bobeira. Imagine, ao tentar me lembrar do rosto dele, pensei no seu.

Sem ver minha reação, ela continua:

“Aquilo durou quase meia hora. Recolhi as letras, juntei-as em um canto da sala. Aos poucos a frase foi se formando, mas João me agarrava tanto que ficou difícil me concentrar. Finalmente, entre beijos, decifrei a pergunta: ‘Vamos morar juntos?’”

— Eu respondi que sim — ela fala sem ler, alguma coisa vindo à cabeça. Abaixa o diário, e o silêncio é tão grande que posso ouvir o ponteiro do relógio se arrastar.

— Continue — peço antes que desista.

— Pedro, isso não vai acabar bem.

— Isso nós já sabemos, não é?

Ela entorta a boca e me olha, pensativa. Por pura amizade continua. A passagem que escolhe é quando tudo rui, e o fim está próximo.

“Disse hoje para João que precisamos conversar. Ele está fugindo de mim, e acho que sabe o que vou dizer. Marcamos de nos ver na saída do meu trabalho, às nove. Ele passou lá para me buscar. Estava frio quando entrei no carro.”

Bia para.

— O que foi, Bia?

Ela pousa a mão sobre o coração: — Uma sensação estranha. Como se eu estivesse vivendo a emoção outra vez. Aquela sensação de fim iminente, sabe?

Toco sua perna com os dedos, sabendo exatamente de que sensação fala. Eu me lembro dos sinais: toques em descompasso, os olhares que não se encontram mais, o silêncio que se instala quando se menciona o futuro. Se ela nota que a toco, não se move. Volta a ler, sem que eu precise pedir:

“João está estranho. Não me olha, não sorri. Ele se ressentido com a coluna, com meu chefe, com tudo. Entre na fila, J.P. Desde que ganhei a coluna não consegui mais paz no trabalho.”

Ela interrompe a leitura: — J.P. vem de João Pedro. Seu nome era esse.

— Eu sei.

Ela não estranha a minha resposta, apenas continua:

“Ele está pálido e parece mais magro que da última vez. Seus olhos estão vermelhos de choro, e quero morrer por estar fazendo isso com ele. Mas o que posso fazer? Essa é a minha chance. Meu momento, a tomada de decisão mais importante da minha vida. Eu quero crescer, eu sempre quis tudo, esse é meu ponto forte e minha perdição, porque João não vai me catapultar, tampouco sabe voar. Não tive coragem de terminar com ele.”

Ela prensa os olhos, e sua testa ganha sulcos.

Releia se não entendeu, Bia.

Acho que pela primeira vez ela percebe que não fui eu quem queria terminar. Olha raivosa para o diário e balança a cabeça, sem aceitar. Coloca a mão sobre o diafragma, como se sentisse dor ali. Seu peito, eu sei, luta por ar.

— Do que mais se lembrou?

— De... sensações.

Entrelaça os dedos aos dela. De alguma maneira, esse corpo que guarda marcas e cicatrizes também guarda memórias. Algo primitivo, radicado em suas células se lembra. Ela vira a página e checa a data. Doze de setembro de 2010. Poucos dias antes do acidente.

Ela decide fechar o diário e parar de ler. — Chega.

— Você precisa se lembrar — eu a pressiono. *Em breve não estarei mais aqui.*

— Não quero. Não preciso de mais ataques e pesadelos.

— Deixe seus monstros verem a luz do dia, Bia. Eles não vão sobreviver aqui fora.

— E o que vai ser de mim quando tudo vier? — ela pergunta, referindo-se às memórias. — Diga, Pedro. O que vai acontecer comigo?

— Você vai saber o que realmente aconteceu. O que aconteceu entre você e o seu ex.

— Não quero me lembrar dele.

— Você tem medo de sentir a falta dele.

Ela abre a boca, exasperada: — Eu quase perdi *a vida* por causa dele! Eu jamais sentiria sua falta!

Ela volta a olhar para a frente. Leva a mão à boca e come um canto da pele. Faróis de carros passam na rua e iluminam seu rosto.

Quando desaparecem, voltam a deixá-lo na penumbra.

— Já tentou saber o que ele faz hoje em dia?

— É tão difícil assim aceitar que quero distância dele?

Esse é o problema. Você não quer.

— Por que não o procura, Bia?

Ela olha para o teto, balançando a cabeça: — Por que está fazendo isso comigo, Pedro?

Ignoro sua pergunta: — Não acha estranho que esse homem tenha feito algo para te magoar? — aponto para os diários. — Esse cara era louco por você!

— Se não parar com isso eu vou subir.

— Responda, Beatriz. Como esse homem em quem você tanto confiava tentaria te fazer mal?

— Ele não tentou, Pedro, ele fez! — ela se levanta e joga os diários no chão, o rosto vermelho como se despelado. — Ele me abandonou grávida, e eu não posso ter filhos por causa dele! Ele destruiu minha carreira, traiu minha confiança e acabou com minha vida!

Ela olha para mim, dedo em riste: — Se um dia voltarmos a nos encontrar, tenho um único recado para ele: Eu. Odeio. Você.

A mensagem chega ao destinatário, tão fundo quanto palavras podem chegar. Ela não fica para ver minhas mãos pararem nos olhos, e os indicadores pressionarem as órbitas para não vazarem.

Bia marcha para a cozinha. Abre a geladeira e bebe água em goles barulhentos. Não volta mais para a sala, pergunta de longe se estou bem e se preciso de mais alguma coisa. Faço que não.

A febre passou e ela acha que não é mais necessária. Ouço-a ligar para Vinho e pouco tempo depois sair.

Assim que ela se vai a febre retorna. Recolho os diários, sentindo o corpo inteiro arder. Ele arde agora de ciúmes.

Não sei quanto tempo fico na sala deitado. Odeio ter tido mais coragem de contar a verdade durante o delírio do que em juízo. Por que deixei ela partir com aquele panaca, por que insisto em fazê-la sofrer?

O que aconteceu com você, Bia?

Você era uma força da natureza, e eu era só seu efeito colateral. Você estava destinada a algo grande, e eu a uma mera existência

ao seu lado. Em que realidade paralela eu teria virado seu chefe? E você, quem no mundo adivinharia que acabaria tão machucada?

Abro com algum custo o diário. Pego qualquer um, tentando sentir como ela a força por trás das palavras. Exalo desanimado ao ver que peguei o primeiro, o dos nossos catorze anos. Embora muita gente não saiba — mas no fundo desconfie —, temos uma relação de amor e ódio com nossos catorze.

Diz a lenda que os quatorze são uma idade formativa. Época de hormônios enlouquecidos, chacoalhando as grades que os seguram no corpo, amotinados contra tudo e todos. Você se pergunta que diabos quer ser, por que raios seu saco e suas pernas estão cheios de pelo, e quando vão inventar um desodorante que dê conta do fedor que sai debaixo do braço. Sua voz te odeia, assim como as espinhas inflamadas do rosto. Seu pomo de adão? Aquilo mais parece uma tartaruga debaixo do tapete da sala.

Para compensar toda essa loucura, os catorze também trazem mágica.

É a idade em que desenvolvemos gostos especiais, quando tudo na vida parece infalível, indestrutível ou eterno. As cores com que vemos a vida são psicodélicas; tudo que ouvimos ganha o neon violeta da novidade. Amores são tingidos de rosa choque, e a inveja do verde das pastagens. Tudo que amamos e odiamos nessa época infestada de hormônios cola. Gruda na cabeça, forma a identidade. Música, filmes, livros. E, claro, amores.

Não leio uma linha, desisto antes que consiga. Lanço o diário longe, odiando que minhas memórias estejam manchadas por ela. Que eu a veja em cores enquanto o resto do mundo gira em preto e branco.

Que ela seja a ilustração mais linda em um mundo feito de palavras.

NÃO VÁ

*“Nem todas as verdades são para todos os ouvidos.
Nem todas as mentiras podem ser suportadas.” —
Umberto Eco*

Dias se passam sem que eu a veja. Da mesma maneira que fugi dela no início, quem foge agora é ela, de mim ou dos diários. As noites são solitárias, eu e o vinho na cozinha, sempre uma taça esperando por ela. À noite, a despeito da razão e do bom senso, durmo com seus diários do lado, mão sobre a capa, parte por medo de que ela se esgueire durante a noite pela casa e os rasgue, parte por medo de que, se me afastar demais deles, ela vá embora.

Eu disse que a amava. E amo, finalmente uma verdade. A certeza estava em minha voz, eu me lembro. Ela brota dos poros, mina da alma, inunda tudo ao redor.

Quase uma semana depois da última vez que conversamos, chego em casa e encontro mais uma vez a sala escura. Encosto a porta e tiro os sapatos, olhando a casa como se já sentisse falta de suas paredes. Estou cansado do processo exaustivo de me despedir aos poucos do que amo. Os preparativos para a transição entre editoras navegam de vento em popa; deixo amanhã a Alpina para resolver pendências e acertar pontas soltas; pagar o aluguel dos próximos meses, visitar meus pais, encerrar a vida no Brasil. Quanto mais rápido, mais indolor.

Ao acender a luz, sou tomado de assalto. Bia está encolhida no sofá, olhos em mim e taça na mão. Ela está me esperando.

Não gosto do jeito como seus olhos estão injetados de vermelho e ela parece ter chorado. Caminho até ela como quem se aproxima de um bicho bravo. Quando sua voz sai, sei que a peça que encenei até agora chegou ao final.

— Quando ia me contar?

No peito começa uma batida desordenada. Uma dor cruza o corpo; uma adaga ou punhal serrando nervos expostos.

— Quando me disseram eu não acreditei — seus olhos incham de lágrimas.

— Bia, eu...

Eu devia ter te contado naquele dia, ao invés de me declarar? Ter te contado tudo semanas atrás? *Você não vai mais me perdoar, vai?*

— Quando disseram que estava de mudança para Portugal, eu disse que não era possível. Que você não ia, ou eu saberia.

Pouso a pasta sobre a mesa, aliviado. Ela está falando sobre Portugal.

Ela solta um riso sem vontade: — A gente mora junto, pelo amor de Deus. Eu achei que fôssemos amigos!

— Eu ia te contar.

— Mentiroso.

Nossos olhos se encontram, mas os meus recuam. Bia está chorando de raiva. Seus dedos apertam a taça, e um traço duro corta seu rosto na linha da mandíbula.

— Você mentiu dizendo que me ajudaria. E essa não foi sua única mentira, foi?

Engulo a saliva. Talvez tenha sentido alívio cedo demais.

— Por que mentiu que era gay, Pedro?

Não há delicadeza em sua voz, ou o questionamento entre amigos. Tento parecer ofendido por ela insinuar que sou hetero, mas ela agora sabe e não acredita que estou insistindo na mentira.

— Dudu me contou tudo sobre aquela noite.

Tiro o terno e afrouxo a gravata. Giro o pescoço, tentando escolher as palavras certas: — Você tem razão, eu não sou gay. Nem um pouco, na verdade.

Por quanto tempo nos encaramos, não sei. Uma sombra de decepção passa na frente de seus olhos. Está explicada a ereção, o quase beijo, o olhar alquebrado que ela às vezes testemunhava.

— Por que raios mentiu, então? — ela pergunta.

— Não sei, ok? — ando até o sofá. — Você precisava de um lugar para ficar, e eu também! Achei que seria uma mentira boba! Não esperava que você e seu *namorado* fossem me apresentar

alguém cheio de amor para dar, e que você estava à procura de um cara para te conter com abraços!

Desabo no sofá, fechando os olhos. Lembro da noite na banheira, em que meu corpo reagiu à sua pele. Lembro do instante em que a abracei na cama estreita como se ela fosse minha, infinitamente minha, e como pedi a Deus para que o tempo parasse.

Naquela noite pensei em Nietzsche e sua famosa questão. Eu escolheria viver tudo outra vez, caso pudesse voltar no tempo? Todos os erros e acertos, o acidente, a solidão dos anos seguintes, a tristeza sem fim, eternamente revivendo sua falta, tantas vezes quanto a eternidade permitisse?

A condição seria não tirar nem pôr nada, nenhuma dor, alegria ou tristeza. Cada instante teria que ser revivido ao lado e longe de Bia, para sempre. Aquela vida como a vivi ou outra, sem Beatriz.

E me dei conta, para o meu desespero, que viraria sem pensar a ampulheta outra vez. Prefiro a dor à sua inexistência. Eu reviveria tudo de novo.

— Não acredito que mentiu durante esse tempo todo! — ela grita, e meus olhos ardem sob os dedos.

— Você teria vindo morar comigo se soubesse que sou... — *seu* ex? — ...homem?

— Claro! Qual o problema?

Largo os olhos e olho para o teto. Deus é testemunha de que não quero discutir com ela. Não agora nem nunca mais, são derrotas demais para um ombro só. Tive uma semana horrível, estou de partida, pronto para deixar tudo que amo aqui, nesta sala. Chame de egoísmo, de covardia, de maldade. Não pretendo mais contar verdade nenhuma, não acho que faria a ela qualquer bem.

— Eu tentei, Bia.

Tentei não te amar, te esquecer, te ajudar.

Ela bufa: — Tentou o quê? Se passar pelo amigo gay e fazer com que eu lesse essas drogas de diários para depois se mudar para outro continente?

Levanto do sofá mirando a escada, minha saída dali. Tento chegar até ela, mas Bia se levanta.

— Quem liga se gosta de foder com homens ou mulheres? — ela rosna entre os dentes. — Dane-se, Pedro! É o fato de partir que

está me matando! Você virou meu amigo e agora vai embora!

— Eu tentei te ajudar! — grito de volta. — Eu só quis te ajudar desde que te vi!

Ela se aproxima, mãos em punhos. Estou agoniado demais para me afastar, angustiado demais para me esquivar dela. Tento segurá-la, mas ela espalma as mãos no meu peito e me empurra: — Por que me fez gostar de você, seu babaca?

Ela me lança para trás. Não reajo, eu mereço aquele empurrão.

— Você me enganou! — ela berra como se tivesse descoberto toda verdade. — Você prometeu que me conteria quando eu precisasse! — ela me empurra outra vez, mas dessa vez não se afasta quando eu não me movo. — Disse que ficaria ao meu lado, e por sua causa li esses diários, e agora odeio não só meu ex, mas quem eu fui no passado também!

Balanço a cabeça que não. *Não se odeie, minha vida. Odeie apenas a mim.*

— Eu confiei que você estaria aqui! — seu dedo encosta em meu peito, em seguida tomba sem vida ao seu lado. Ela se encolhe em um choro dolorido. — Eu acreditei quando disse que me daria seus braços!

Seu choro evoca uma estranha mistura de angústia e saudade.

— Sou mais que braços, Bia.

Ela sempre foi tudo para mim: pele, boca, curvas. Jamais me satisfaria sendo só braços.

— Eu nunca entendi você — ela chacoalha a cabeça, as lágrimas molhando o rosto bonito. — Você me abraçava como se eu fosse perfeita, mas insistia em me consertar.

Dou um passo em sua direção. Tento embalá-la, quero dizer que nunca quis consertá-la, mas ela tem razão. Eu queria a Bia antiga, aquela antes do acidente, a que me conhecia de verdade. Por que não deixei esta Bia em paz, se ela é tão melhor que a Bia do passado?

Toco seu cabelo, mas ela empurra meu dedo: — Tire suas mãos de mim! Não preciso de você, não quero mais ver sua cara!

A sensação é de ardência, de que respiro debaixo d'água.

— Não se preocupe, estou indo embora.

Deixo-a para trás. Não sei se sinto alívio ou dor; acho que uma tonelada dos dois. A mentira vai acabar. Estou livre.

Entro no quarto e arrasto a mão pelo cabelo, pegando ar. Olho para as mãos e vejo que veias saltam dos braços, roxas e estufadas; a cabeça gira sem eixo ou referência dentro de um corpo que trava — um mundo colidindo com outro.

Sento na cama e fecho os olhos. Partir é o certo a fazer, sei que é. Ao seu lado eu só conheceria intervalos de êxtase separado por noites de abstinência. Jantares em que eu evitaria assuntos e forçaria outros; noites em que a veria desaparecer com homens que não conheço. Nesse ponto Bruno estava certo, Beatriz é minha heroína. Minha droga pessoal, aquela que não sei usar e que, se tivesse um pingo de sabedoria ou juízo, deveria evitar para sempre.

Vejo minha mala no canto aguardando a hora da partida. Olho ao redor, para o cômodo onde passei tão pouco tempo, achando que ele parece meio morto. Sobre a cama, ao meu lado, está um dos diários. Por que raios tenho que tê-los por perto? Agarro-o e ando até o quarto ao lado. Tenho a intenção de deixá-lo sobre sua cama, mas ao entrar encontro-a ali, de pé. Não tinha percebido que subiu.

— O que quer aqui? — ela dispara.

— Só vim devolver isso.

Estico o diário, mas ela não pega. Coloco-o sobre a cama, mas me recuso a sair.

Bia continua imóvel. Seus olhos me encaram suaves e machucados, em completo desacordo com a raiva de segundos atrás. Eles me lembram esfinges, criaturas míticas que guardam a entrada de locais proibidos. *Por que me olha como se uma parte sua se lembrasse de nós?* Por que lança charadas ao invés de me deixar entrar? *Sem acertos, sem entrada; resposta errada e são devorados.* A mente, assim como esfinges, não tem piedade.

— Não temos mais nada para conversar, Pedro.

— Por que reluta tanto em se lembrar, Bia?

— Saia daqui.

— Por que tem tanto medo de descobrir que ele não era um monstro?

Ela range os dentes, mastigando minhas palavras.

— Saber disso não me libertaria, Pedro. Libertaria apenas a ele — ela responde com um rosnado.

— Saber a verdade daria a você a chance de se perdoar.

— Você fala como se eu fosse a vilã da história.

— Chegue a essa conclusão por meio das memórias, não de relatos. Force sua mente.

Salve-se, eu quero gritar, mas se abrisse a boca gritaria, ao invés: *salve-me*.

— Saia daqui, já falei! — sua voz sai tremida. Ela olha angustiada para o meu peito: — Você está me dando... *agonia* — diz estranhando o termo.

Sua confusão é minha abertura. Preciso abraçá-la. Sentir seu cheiro, o zunir dos ossos, a vibração da pele. Minha respiração pesa ao senti-la mais perto. Corpos assim, próximos, querem ser tocados. *Resista, se puder*.

Ela passa a respirar pela boca, sem tirar os olhos de mim: — Saia daqui.

— Não — respondo, e ela se irrita. Olho-a nos olhos, dizendo o que preciso dizer para não me afogar em ar: — Não quero te deixar, mas vou. Não quero te amar, mas amo. Não vou sair daqui. Eu quero que você se lembre. De tudo, e de vez.

Eu mereço sua punição.

— Como ousa dizer que me *ama*? — suas feições são de pura dor.

— Eu amo.

Não vejo o momento em que sua unha crava na pele do rosto. O rosto vira, a pele arde. Coloco a mão na ferida e sinto-a pegajosa. Ao olhar para o dedo ele está manchado de sangue.

Os olhos de Bia estão febris nos meus, e suas mãos prontas para me atacarem outra vez. *Lembre-se de mim, Beatriz*. Aguardo um tapa ou empurrão, mas nada vem. Ofegamos agora na frente do outro. Há um mundo de raiva e dúvidas em sua expressão, mas há algo mais.

Com uma mão em cada braço seu, puxo-a. Ela colide contra mim sem lutar, e eu a abraço. Ela muda de ideia e tenta me arranhar; não deixo. Tenta me empurrar; não consegue.

— Lembre-se, meu amor — eu a aperto.

— Não! Me solta, seu mentiroso!

Enquanto ela se debate eu agarro a base de sua nuca e firmo seu rosto na frente do meu. Ela tenta reclamar, mas calo-a com um beijo desesperado. Sei do risco de perder os lábios, mas beijo-a assim mesmo. Os dentes batem, e ela espalma meu peito como se quisesse distância. Mas ao invés de uma mordida, ganho sua língua. Ela se põe na ponta dos pés; suas mãos se enroscam na minha camisa e me puxam. Seu beijo é intenso, fervente e possessivo. Passo um braço ao redor de seu pescoço e outro em volta de sua cintura. Trago-a para mim com tanta força que ela estremece.

Ela hesita em me abraçar, mas quando se entrega, entrega tudo. Arranha minhas costas, geme contra minha boca, me empurra para sua cama. Caio de costas sobre a colcha rosa, que nos recebe de volta anos depois. Ela deita sobre mim, aflita e decidida. Seus olhos são puro desejo. Afundo o rosto em seu pescoço, querendo fugir da verdade. Beijo-a ali, e o medo passa ao sentir o cheiro do passado.

Largo-a para olhá-la. Afasto o cabelo do seu rosto, procuro em seus traços o reconhecimento. *O que vê em mim, Bia?* Ela acaricia meu cabelo e me puxa de volta. Suas pernas envolvem meu quadril e me prendem, enquanto deslizo as mãos pela superfície quente de sua barriga.

Ela cola o peito ao meu. Atrita o corpo, ondula, se contrai. Minhas mãos continuam a correr suas costelas, sob o arame do sutiã. Acaricio seu seio, beijo-o por cima da blusa. Bia se contorce e me ajuda a tirar a camiseta. Com a camiseta no chão, volto a beijá-la. Suas mãos trabalham nos botões da minha camisa, e logo ela está ao lado da dela no chão.

Seus olhos correm meu rosto, sem respostas. É cruel que eu tenha todas ao olhá-la.

— Eu giraria a ampulheta para sempre — confesso.

Eu não faço o menor sentido para ela.

— O que estamos fazendo, Pedro? — ela sussurra.

Dizendo adeus, quero dizer mas não consigo, porque sete anos de vida estão entalados na garganta. Sete anos de vida em preto e branco. De dias cinzentos e sem sol.

E uma vida inteira que precisarei aprender a viver sem você.

Ela beija meu peito disparando estrelas sob a pele.

— Você é linda — faço-a olhar para mim, segurando seu rosto na frente do meu. — Sempre foi.

Não há mais nada que eu possa dizer ou não tenha dito, com exceção de quem eu sou. Já disse tantos eu-te-amo quanto são possíveis um homem dizer para uma mulher. Já pedi tantas vezes perdão. A única frase que repito mais do que essas é como a acho linda. Por isso digo uma última vez.

Em seus lábios há o fantasma de um sorriso.

— O que quer que aconteça depois dessa noite, quero que se lembre que importa pra mim. Você sempre importou, Bia.

Ela faz que sim, que me ouve.

A iniciativa do beijo e tudo que vem depois é dela. Ela me beija mansa, um beijo profundo e molhado. Mãos paradas sobre meu peito, sentindo a batida louca do meu coração. Sei que o sexo vai nos fazer mal, mas o que não nos fez mal? Tudo que fiz foi com o intuito de fazer o bem, e nada funcionou. Embrenho os dedos entre o seu cabelo, lambo seu suor, estremeço até os ossos ao reconhecer seu gosto. Quando me afasto ela me olha, desolada.

— Este era meu último muro — ela sussurra na minha boca. — Se eu me apaixonar por você, quem vai me ajudar?

— Você nunca precisou de ajuda — digo virando-a na cama e deitando sobre ela, encaixando-a entre as minhas pernas. *Você é dura na queda, você mesma me disse uma vez.* Arrasto seu corpo junto do meu para o centro da cama, tiro sua calça, tiro a minha, preciso estar dentro dela. — Você sempre soube se defender — olho para seu corpo nu, me sentindo indigno de tanta perfeição.

Desço com a língua pela pele suada, chego aos seios. Envolver a pele sensível com a boca, e ela se contorce. Sugo-a, e ela se acalma. Beijo-a, inalo seu cheiro, e desapareço entre sensações tão reais que são praticamente sólidas.

Ela diz meu nome. Não o nome que quero ouvir, mas ainda assim meu nome. Joga a cabeça para trás, acariciando minhas costas. Desço com um rastro de beijos em direção às pernas. Ela se arqueia, minha musa. Mergulho a língua entre sua carne e ela estremece.

Seu cheiro me lança de volta a um tempo que não vai mais voltar. Um cheiro mais poderoso que palavras, que a tristeza e que o ódio. Que entra nos ouvidos como sons de risadas altas e gemidos delicados, ou pelos olhos por meio de sorrisos dengosos. Um cheiro associado à maciez, que faz a língua se perguntar se não está tocando vapor. Tão distante e tão indevidamente familiar. Tão devastadoramente marcante que mal parece real.

Quando retorno, cheirando a ela, beijo-a de novo, e tudo se repete. Como sempre se repetiu, como me lembro que ela gostava. Como *eu* gostava.

E quando redescubro suas formas ela está olhando para mim. A pele atrita contra a outra, como encaixes que perderam, com o tempo, a capacidade de se ajustar. Mas ela é uma cavidade úmida e mole, e eu saliência dura e forte. O encaixe vem, e com ele uma falsa sensação de união.

— Está doendo? — pergunto por puro reflexo.

— De maneiras que eu não sei dizer o quanto — ela confessa.

A sensação de deslizamento dá lugar à angústia. Mordo os lábios tentando esconder o quanto queria nunca ter perdido um dia ao seu lado. Ela chama meu nome, mas sua voz agora é um martelar surdo. Ela escapole entre os dedos, e não posso fazer nada.

Enquanto movo o quadril mais lembranças retornam, dessa vez uma profusão delas. Ela vê que algo em mim está errado e me envolve em um abraço querendo consertar as coisas. Afunda o rosto em meu pescoço e me beija ali, como se ali estivessem meus controles e ela soubesse. Ela sempre soube e ainda sabe, confirmando a suspeita de que a essência persiste quando as memórias somem.

Algun tempo depois, tombo sobre ela. Ela se contorce, e porque sorri, sei que a noite não trouxe as memórias de volta. Deixo-a na cama e me sento, afundando a cabeça nas mãos.

Ser perfeita para mim é a sua desforra.

Não se lembrar de nós, sua vingança final.

O RETORNO

“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.” — Carl Jung

Tirou fotos dela pelada?
O livro voa a centímetros de sua orelha. Bruno se encolhe com olhos arregalados. Joguei o livro para acertar, para pegar no meio da testa. Amo livros, mas tinha a intenção de causar estragos.

— Pirou? — ele volta a ficar reto.

— Eu conto o que aconteceu e esse é seu comentário?

— Você fala como se o cruel da história fosse eu — ele estala o pescoço, ofendido. — Foi você quem fingiu ser outra pessoa, disse que era gay, trepou com a menina e agora empacota as coisas para viver do outro lado do Atlântico. Não acho que possa insinuar que estou sendo cruel. Se quiser saber, acho que você foi, na verdade, genial.

Desta vez o livro acerta sua cabeça, e ele grita.

— Porra, João, por que não contou tudo de vez? — ele pergunta massageando a testa.

Volto a empacotar minhas coisas, sem saber o que dizer. Eu queria que ela se lembrasse, mas sabia que se isso acontecesse eu a perderia. Em algum momento parei de querer bem a ela e passei a querê-la de novo, e esse foi meu erro.

— Eu me apaixonei por ela outra vez.

A frase paralisa Bruno.

— Por isso estou indo embora — digo antes que ele se recupere, colocando algumas pastas pessoais na caixa de papelão. — Ela me fez mal e ainda me faz. E depois de tudo, não consegui ajudá-la.

— Quando ela descobrir tudo, vai te odiar.

— Eu sei.

Neide bate à porta, fazendo uma careta feia para Bruno. Ela entra e me entrega a agenda do dia, e no meio dos papéis, as passagens para Lisboa. O frio na barriga retorna.

— Pedro, seu texto de despedida está pronto na pasta compartilhada — diz minha futura ex-secretária. — É só enviar.

Agradeço a gentileza e ela deixa a sala.

— Uau, você foi rápido — Bruno diz. — Parece até que está fugindo.

Olho-o, sem dizer nada.

— Preciso fazer uma ligação — murmuro. Uma última pendência. Abro a gaveta e pego uma agenda antiga. Tiro o fone do gancho, repassando a mentira que mais uma vez vou ter que contar. O telefone toca algumas vezes antes que a pessoa do outro lado atenda. Mesmo depois de tanto tempo a voz que responde “alô” soa vagamente familiar.

— Poderia falar com Isabel Medina, por favor?

Bruno arregala os olhos.

Do outro lado da linha a mãe de Bia fala: — É ela.

— Bom dia, D. Isabel — forço a voz para soar profissional. — Meu nome é Pedro Lima, sou o colega de apartamento da Bia — pausa. — Sim, sim, ela está bem. É só que estou de mudança, e... — abaixo a cabeça, correndo os dedos pelo documento sobre a mesa. — Bem, estou saindo da casa... e da vida dela... — *por favor, facilite esse telefonema e entenda as entrelinhas.* — Sim, sim. Não quero que ela fique sozinha. Entendo. Fico feliz que consiga vir amanhã. Obrigado.

Desligo o telefone com as mãos frias. Olho para Bruno, que me olha de volta com olhos esbugalhados.

— A mãe dela está vindo. Ela vai ficar bem.

Bruno ainda não se recuperou do susto por me ver falando com a mãe de Beatriz. Sento com o coração apertado na frente do computador, parando os dedos sobre o teclado.

Senha?

Digito a senha.

Bong. Senha incorreta.

Pedro123?

Bong. senha incorreta.

— Que droga —reclamo para a tela. — Esse sistema novo é a coisa mais idiota. Ele pede toda semana uma senha nova.

— É, eu sei. A minha dessa semana é *bundasuja*.

Rolo os olhos, imaginando tudo que meu irmão não deve inventar como senha. Eu sempre escolho senhas que posso me lembrar: Pedro 123, Pedro321, Pedro2017, etc. O problema é que elas logo viram uma coisa só, e eu nunca me lembro delas.

— Tentou JoãoPedro123? — Bruno pergunta.

— Sim — respondo tombando a cabeça.

— E invertido?

— Claro.

— Suas senhas são sempre essas — ele ri. — Você é um cara de rotina.

— Sim, eu sou — falo tentando *Pedro312*. Senha aceita.

— Era Pedro312 — digo olhando para ele.

— Sim, essa você costumava usar muito.

Ergo a cabeça, estranhando todo aquele conhecimento sobre minhas senhas.

— Isso explica por que meus jogos sempre marcavam escores diferentes na segunda feira — soluciono, subitamente, um dos enigmas da minha adolescência. — Você jogava na minha ausência.

— De nada — ele diz fazendo uma reverência e se levantando. — Bem, é melhor eu ir. Só queria dar adeus.

Apertamos as mãos, despedindo-nos sem drama.

— Se te consola — Bruno completa —, pense da seguinte maneira: o que você poderia colocar no lugar da amnésia de Bia? Não tiramos a muleta de alguém se não pudermos oferecer nada melhor, certo?

— ...diz o homem que estaciona o carro nas vagas de idosos — falo.

— Na de deficientes físicos — ele me corrige enquanto eu balanço a cabeça.

Assim que Bruno dá o primeiro passo em direção à porta, vejo uma cabeça cruzar as baias em nossa direção.

O coração explode no peito, e um suor frio começa a brotar por todos os poros.

Bia.

Linda como a própria vida, vindo como um meteoro em rota de colisão contra a terra.

Engulo em seco. Olho para Bruno, um pedaço de passado de que Bia pode se lembrar. Imediatamente sei que alguma coisa vai quebrar: o seu coração, ou o meu. Alguma coisa vai ruir.

Meus olhos estão nos dela, e os dela nos meus. Este é o único motivo pelo qual ela ainda não viu Bruno ali. Eu não a vi depois da noite passada, e sua atenção está toda em mim.

Ela desacelera ao ver que estou com visita. Quando enxerga Bruno, seus olhos se apertam e ela diminui a marcha. *Não, não, não.*

Bruno olha para mim com lábios sumidos sob os dentes da frente. Sim, é tarde demais.

Bia ignora Neide, que se levanta e diz que ela não pode entrar sem ser anunciada. Um a um, os pontos vão se unindo. Formando figuras, imagens, devolvendo anos, rostos e palavras.

— Bruno? — Bia diz como se aquele nome lhe causasse nojo.

Em seguida ela olha para mim e seus olhos se arregalam. Se aquele é Bruno...

Posso ver pela mudança em seu rosto que ela está se lembrando. Sua pele perde a cor e seus ombros colapsam. Ela invade a sala e a sala deixa de existir: voltamos à festa em que ela me empurra contra uma parede e bate na garota ao meu lado. Ao exato momento em que crava a unha no meu braço cuja marca, se eu procurar, ainda hoje posso achar.

Também ganhei naquela noite uma bofetada. Dada por ela, na minha face direita. Um empurrão entre gritos e um choro desconsolado.

— *Acabou, Bia* — eu disse sete anos atrás, sem entender por que ela não aceitava.

Sim, fui eu quem pus fim à loucura, e até esse ponto ela está certa. É sobre o que aconteceu *antes* e *depois* que ela está errada.

Seus olhos vão ficando menores, menos vivos à medida que a charada vai se resolvendo. Seu rosto franze como seda, tão dolorido, tão profundamente marcado pela dor. Cogito se não devo chamá-la em particular e contar tudo, mas seria como tentar

dialogar com um tornado. Pedir moderação a uma tempestade prestes a destruir a cidade.

Bruno dá um passo para o lado, uma película de suor se forma sobre a face pálida. Ele olha para mim. *Corra*, sei que pensa. *Fuja*.

Lágrimas começam a escorrer pelo rosto dela. Pesadas, grossas, um fio de gel interminável. Ela gira o rosto, começando a soluçar: — João?

Há tanto descrédito em sua voz que acho que, se negasse, ela acreditaria.

Não, ela não acreditaria, João. Suas memórias voltaram.

Ela se apoia na parede de vidro, e Neide olha estarrecida a cena sem entender nada. Odeio que o andar inteiro esteja virado para cá, para nós, e que o momento daquela dor esteja exposto.

Ela tampa a boca e olha ao redor. A olhos nus sua dor profunda se transforma em raiva:

— Seu desgraçado.

— Bia, me escute — estendo a mão à frente. — Eu só quis te ajudar.

Ela não me ouve.

— Seu desgraçado filho da puta — ela sussurra.

Bruno quer sair, mas Bia está na porta.

— Seu filho da puta — ela continua, baixo. — Você me enganou todo esse tempo, seu miserável. Eu deixei você se aproximar, eu... — suas pernas falham. Ela procura apoio, o corpo inteiro trêmulo. É a raiva que a mantém de pé, senão ela já teria tombado.

Tudo em mim parece minúsculo. Fraco, desbotado, diminuído. Era aquela a dor que eu queria evitar. Era aquela raiva.

Olho com a vista embaçada para o janelão, onde ao longe prédios se erguem como obeliscos altos. Aperto a nuca endurecida e fecho brevemente os olhos. O dia chegou.

— Bia, quando você apareceu, eu... Eu não soube dispensar você. Não depois de tudo que aconteceu, não depois do que eu causei a você.

Ela olha ao redor, talvez relembrando as últimas semanas. Os jantares, os abraços, a insistência para que lesse os diários. E a noite de ontem, tão fresca na memória, que jamais deveria ter acontecido, mas aconteceu.

Ela leva as mãos à cabeça, em seguida me olha com olhos injetados. Sua feição muda como uma película de filme; cada instante um novo fotograma, um novo vinco, uma piscada, o brilho de uma lágrima. E então, o estouro: — Seu filho da puta!!!

A plateia ao redor se sobressalta.

Indico com um aceno que Neide feche a porta. Bruno tenta escapar, mas a secretária é mais rápida. Com a porta fechada somos três dentro da sala de vidro.

— Seu filho da puta!!! — ela dá um passo à frente, os punhos querendo me atingir.

Bruno se afasta, vendo o dedo dela apontar para minha cara como uma arma: — Você se aproveitou de mim! — ela mostra os dentes, e começa a soluçar. Meu coração trinca ali, mas continuo a balançar a cabeça que não.

— Eu jamais faria isso, Bia — minha voz sai embargada. Eu mereço sua ira, hoje sim. — Não me aproveitei de você. Eu jamais faria isso.

— Você acabou com a minha vida duas vezes, sua cobra!

O andar aos poucos vai se enchendo, os funcionários se aglomerando ao redor. Somos dois peixes brigando dentro de um aquário.

— Eu estava grávida!!! — o berro é tão alto que salto no lugar. Sua voz carrega uma angústia que nem eu, em todos os anos de sofrimento, poderia mensurar.

Somos sugados por um vórtice no tempo e aterrissamos sete anos atrás. Ao momento em que a notícia roubou meu chão e minha felicidade.

— Eu estava grávida e você estava com outra... — ela chacoalha os ombros, derrotada. — ...eu ia ter um bebê...

Dou um passo em sua direção, mas ela é mais rápida. Pega um grampeador sobre minha mesa e lança contra mim. Desvio da rota do objeto, mas ele bate na parede de vidro atrás de mim com tanta força que ela trinca. Olho a rachadura correr como a rota de uma lágrima para baixo, seguido de um estalo. Então a parede se estilhaça.

Em uma reação em cadeia, parede após parede — quatro ao todo — vira uma enxurrada de cacos caindo em uma torrente

cristalina aos nossos pés. Neide sai correndo, gritando pelos seguranças; a plateia se afasta.

A quebra metafórica deflagra outro desmoronamento.

— Você espalhou nossas fotos, seu miserável! Seu cretino filho da puta! — ela procura coisas ao redor para quebrar. Bate com a bolsa na minha mesa, derruba tudo que tenho no chão. Ela está possuída de ódio, os olhos parecem sangrar.

Meu peito se comprime com o modo como fala *nossas*. *Nossas* fotos. *Por que era você nelas, mas eram todas minhas. Você era meu tesouro mais precioso, minha joia*. Eu jamais as mostraria para alguém, muito menos as espalharia na rede.

— Eu nunca espalhei nada, Bia.

— Você espalhou — ela soluça de cabeça baixa.

Quero andar até ela e abraçá-la, como fiz ontem. Quero senti-la amolecer em meus braços e reconhecer sua entrega cega entre lençóis. Ela sempre confiou em mim, mas nunca mais confiará em mim de novo.

— Por que não se lembra de tudo? Da história toda, e não só do que convém lembrar? — eu imploro.

— Pedrinho, tô indo — Bruno se vira, o som das solas moendo os cacos pelo chão.

— Você espalhou minhas fotos porque queria me machucar! — ela grita.

— Bia, eu disse mil vezes, eu nunca enviei aquelas fotos. Não fui eu quem...

E então o *flash*. Não mais que um retesar no estômago, uma sensação de alerta. Olho para Bruno, com pressa para sair dali. A única pessoa que poderia saber a minha senha na época era ele. Quando meus olhos encontram os seus, tenho a resposta.

Eu liguei para ele depois da festa. Estava sangrando, um olho roxo. Enchi a cara e não pude mais dirigir, então pedi que me buscasse. Disse que tinha apanhado de Bia, que a piranha tinha me batido. Que tínhamos terminado.

Eu estava com tanta raiva dela.

Bruno me buscou uma hora depois. No dia seguinte, a notícia do acidente de Bia suplantou a briga. Só fomos descobrir o vazamento das imagens dias depois, quando suas fotos já circulavam por e-

mail de amigos e sites pornôis do mundo. Eu sempre achei que foi um hacker. Que meu sistema foi invadido. Acontece todos os dias, certo?

— Foi você — digo para o meu irmão.

Bruno abaixa a cabeça. Sobe os olhos, me olha pela última vez e murmura: — Eu sinto muito.

Em seguida parte com a certeza de que nunca mais vou perdô-lo.

Somos só eu e Bia agora. Ela em pé, ombros caídos. Olha para mim, mas não me vê. Mira algum ponto da cidade atrás de mim, leva a mão à boca e faz não.

Agora sim, suas memórias estão completas. Em algum lugar escuro da mente ela se reencontra.

Seu rosto franze e os ombros chacoalham. As lágrimas agora caem no chão. Não é mais um choro tingido de raiva, mas de reconhecimento. Ela reconhece quem foi e o que fez no passado.

— O bebê não era meu, Bia.

Ela sabe disso agora.

A saliva desce como espinho, mas eu continuo: — Você veio atrás de mim aquele dia por desespero. Não estávamos mais juntos, há meses não nos tocávamos.

Minha voz sai oca, sem recheio ou substância, como se viesse de dentro de uma caverna: — Demorei três meses para ter coragem de dizer que tinha acabado. Eu não sabia como abrir mão de você. Você não me queria mais, já estava com *e/e*.

Não tenho coragem de falar seu nome, mesmo tendo se passado sete anos. Mencioná-lo é machucar o próprio corpo.

— Rubens — o nome salta à sua boca. Fecho os olhos, odiando o sentimento que aquele nome me causa. Ela olha para algum lugar distante. — Meu chefe.

Sim, seu ex-chefe. O homem que povoa seus pesadelos, que se move sobre ela entre lençóis vermelhos de algum motel.

— Todos os dias eu esperava que você me contasse — continuo. — Soube da traição muito antes do fim, mas não pela sua boca. Era humilhante para você admitir que ganhou uma coluna enquanto estava dormindo com o chefe.

Bia procura amparo no braço do sofá, em choque com a revelação. Foram sete anos acreditando que eu a dispensei grávida do meu filho. Deus, eu teria pedido sua mão em casamento, ali, sem hesitar. Eu jamais a abandonaria.

— Então eu finalmente achei a coragem — falo. — Cancelei nossa quitinete, que foi pouco usada naquele ano. Lembro até hoje que você se recusou a me devolver a chave, e tive que pagar por outra. Você não conseguia abrir mão de mim.

Ela toca a chave tatuada perto da cintura.

— Chamei você para um parque, um ou dois dias antes da festa. Sentei ao seu lado em um banco não muito distante do lugar onde meu anel se enroscou no seu cabelo, anos antes. Achei que nossa história merecia um final assim. Não comigo vendo você saindo do motel com seu chefe, mas de outra maneira.

Ela seca os olhos. Eu continuo: — Segurei sua mão e disse que teria amado você para sempre. Eu ainda tinha esperanças de que você me contasse da traição, mas você não contou.

Ela ergue os olhos, o azul ainda mais intenso pelas lágrimas.

— ...você na verdade me acusou de desistir de nós. Você ainda não sabia que estava grávida de Rubens.

Suas feições estão torcidas, e ela balança a cabeça que não. Mas eu sei que ela se lembra.

— Você veio à festa me pedir ajuda e não me confrontar. Mas quando viu que segui com a vida, você surtou.

Bia continua olhando para algum ponto do chão, negando tudo que eu falo.

— Eu amava você — ela sussurra. — Como pude fazer isso? Arrisco dar um passo em sua direção.

— Você achava que eu estava atrasando você e era verdade, eu te atrasava. Eu nunca desisti de nós, eu só não conseguir correr tão rápido quanto você.

Ela me olha, mas não sustenta o olhar.

— Eu bati em você — admito. É constrangedor dizer aquilo para a multidão que nos circunda, mas sai assim mesmo. — Depois que me arranhou e me bateu, você me chamou de fraco. De babaca. Então jogou na minha cara que perdeu os sete anos mais importantes da vida com alguém que não valia nada.

Seus olhos se apertam e sua boca vinca para baixo.

— Às vezes, em algumas noites, eu ainda sinto sua pele na palma da mão. Aquela foi a única vez que encostei em uma mulher. Hoje sei que não foram os adjetivos, nem o substantivo “nada” que me fizeram perder a cabeça. Eu enlouqueci ao ver que você selou seu destino com alguém que jamais te amaria um milésimo do que eu te amava.

Noto no canto da vista uma movimentação; Neide está voltando com dois seguranças.

A voz de Bia sai fraca, como se ela perdesse aos poucos a bateria: — Eu fui atrás de você quando descobri que estava grávida de outro...

— Se algo tão enorme tivesse acontecido comigo, seria atrás de você que eu iria também.

Ela exala, esgotada. Eu continuo a catarse, incapaz de frear o fluxo de palavras:

— Quando você pisou na Alpina, eu quis punir você. Por ter acabado comigo naquela noite, por ter acreditado que eu espalharia suas fotos. Você sabe o quanto eu te amava, você era tudo para mim.

Ela fecha os olhos.

— Mas as fotos vazaram — ela tampa o rosto. — Eu fui demitida, eu acordei no inferno!

— Eu sei. Eu sinto muito por não ter estado ao seu lado.

Ela não diz nada. Não exala, não reage. Olha como morta para algum lugar da mesa de vidro, aguardando ser levada.

— Eu não planejava morar com você, eu só queria te dar a chance de recomeçar. Morar com você foi uma dessas coisas que acontecem e não entendemos o porquê. Você sabe o que eu sinto, o que eu sempre senti por você.

Aquilo mexe com ela e ela balança a cabeça que não.

— Você é um mentiroso, Pedro. Você foi cruel e se aproveitou de mim.

— Não, Bia, eu jamais faria isso.

— É sua vez, agora — diz andando em direção aos seguranças que a esperam.

— Por favor, me esqueça.



Um ano depois

BIA E AS PALAVRAS

“Há quem diga que são os sonhos dos homens que sustentam o mundo na sua órbita.” — Carl Jung

Tiro o pastel da sacola marrom e coloco-o sobre a bancada. A cozinha do *loft* é miúda, feita pra um, mas há três meses moramos a dois ali. Coloco o salgado em um prato e o ponho no micro-ondas. Quarenta segundos, *início*. Enquanto o prato gira no aparelho que zumbe baixo, toco na tela do tablet para checar os e-mails. No canto da tela desliza uma mensagem. Clico no botão e a música do Skype ecoa pelas paredes sombreadas pela luz do fim de tarde.

O rosto da minha mãe aparece do outro lado do Atlântico.

— Oi, meu filho.

Ela costuma me ligar à noite, quase nunca me liga nesse horário.

— Tudo bem? Acabei de chegar em casa.

O apito estridente avisa que o pastel está pronto. Minha mãe estica o pescoço, como se pudesse ver minha cozinha de sua sala em Cachoeiro.

— Comida de micro-ondas de novo? — pergunta.

— Maíra vai trazer o jantar — respondo tirando o pastel fumegante do aparelho, lançando-o para cima a fim de não queimar os dedos.

— Hum... As coisas com a menina estão indo de vento em popa, não?

— Sim, estão — mordo a massa amanteigada. Os pastéis de Lisboa são divinos, não importa se doces ou salgados, comprados em casas tradicionais ou lanchonetes de esquina. Sento no chão da cozinha e cruço as pernas, apoiando o tablet no armário. — Tudo bem com a senhora?

— Comigo, tudo.

— Aconteceu alguma coisa com papai?

— Não, estamos bem. Quer dizer, seu pai tá ficando surdo, mas, fora isso, estamos bem.

— E Bruno? — pergunto olhando para o recheio, como quem não quer nada.

Minha mãe suspira, dramática: — Ah, você sabe, fazendo *Brunisses*, como você fala. Ele pergunta às vezes sobre você.

A fumaça sobe do recheio fumegante e por um instante não a enxergo do outro lado. Desde que denunciei Bruno como autor do vazamento das fotos, não nos falamos mais. A última vez que soube dele, seus advogados haviam chegado a um acordo com a família de... *dela*. Não foi pouco dinheiro.

Como não respondo, ela conclui: — Seu irmão teve o que merecia.

— Isso é passado — encerro o assunto. Falar de Bruno me lança de volta à época negra de um ano atrás. A depressão passou, a vida é outra, e a estratégia de não pensar no passado tem feito milagres. Correção: tem feito bem. Milagres a estratégia ainda não fez.

— Você soube dela? — minha mãe quebra o pacto de não mencioná-la.

À simples menção do seu nome — na verdade, de seu pronome — o coração perde uma batida. Não respondo, concentrado em mastigar o naco de pastel que enfiei na boca.

Bia, cheguei à conclusão, é uma erva daninha. Você corta, ela cresce de novo. Rápido, esgotando fontes de água, adaptando-se de maneira imbatível ao solo. Demorou para eu entender que Bia era isso, uma praga.

— Não ouvi nem quero falar sobre isso. Mas fale, por que ligou?

Minha mãe dá uma fungada. Largo o pastel e olho para a tela: — Você acabou de fungar?

— Meu filho — diz fungando de novo. — Você ama a Maíra?

Franzo o cenho. Não gosto do modo como ela pergunta aquilo.

— Ela me faz bem — respondo vago, e minha mãe resmunga alguma coisa do outro lado. — O que está acontecendo, mãe?

— Eu esperava outra resposta — ela reclama, como se minha resposta acabasse por justificar o que ela tem a dizer. Ele se endireita na frente do computador.

— Não chamo de *amor* o que sinto por ela, mas um dia vai ser.

Ela tosse algo que se assemelha vagamente a “quanta bobagem”. Imediatamente quero falar sobre aquilo, mas ela me interrompe:

— João, meu amor, preste atenção nas minhas palavras. Você sabe que tudo que uma mãe quer da vida é o bem dos seus filhos, não sabe?

Franzo a testa, colocando o resto do pastel na boca.

— Hum-hum.

— Pois é. Hoje vou abrir uma exceção.

O pastel entala na garganta.

Ela continua: — Não deveria dizer isso, mas também acho que deveria, entende?

— Não — digo com a boca cheia, tentando evitar que ela me conte algo que eu, por uma questão de sobrevivência, não posso ouvir.

— João, aqui em Cachoeiro está uma comoção geral. Quero que você pegue esse *tablete* seu e procure uma coisa.

— O que quer que eu procure? — eu estranho, abrindo ainda assim uma nova aba no Google.

— A sua ex.

Meus dedos param em cima da tela.

— Digite assim: Beatriz Medina, *A última peça*.

Não respondo, muito menos digito seu nome.

— Por favor — ela pede vendo que minha imagem congelou na tela.

— Por que está fazendo isso comigo, mãe? — pergunto sentindo os dedos se moverem. Eles digitam o *B* depois o *E*, em sequência A,T,R,I,Z, como se fossem programados desde nascença para digitar aquelas letras, e sempre nessa ordem. Antes que o termine seu sobrenome, *A última peça* aparece ao lado.

Uma capa cor-de-rosa toma a tela. Textura de couro como nos diários de antigamente, trancada por um cadeado prateado. Engulo em seco ao ler seu nome na capa.

— O que é isso? — pergunto apertando o *link*.

— Ela escreveu um livro, amor.

— Bia escreveu um livro? — passo o dedo sobre a tela, sem conseguir sorrir ou estranhar o fato. O coração retoma a batida há tempos esquecida; acordado como se depois de hibernar por um longo inverno.

Minha mãe recomeça o choramingo: — É lindo.

— Mãe, por que está chorando?

— Porque o livro é sobre você, meu filho. Todinho sobre você. Da primeira à última página.

O tablet cai no meu colo. As mãos vão parar no chão, procurando suporte. É injusto que um fósforo corra uma lixa dentro do coração e uma chama se acenda, iluminando tudo que esconde em mim.

— Está vendo essa peça na capa? — ela pergunta enquanto massageio o peito, que começa a queimar. — Essa peça é você.

Fecho os olhos. Um calor vermelho irradia do centro do peito. Lembro da última vez em que nos vimos, de sua voz pedindo que eu a esquecesse.

Deus é novamente testemunha que tentei.

— Cachoeiro inteira está lendo o livro — minha mãe continua, sem perceber que eu estou longe. — Você virou o comentário da cidade. Aliás, quem é Dudu?

— Dá pra comprar online? — pergunto acessando o site da Amazon, mas nada aparece. Não consigo comprar o livro online? Como vou respirar ou dormir sabendo que existe um livro escrito por Beatriz sobre mim?

A ideia é louca, mas sugiro-a assim mesmo: — Mãe, leia o livro para mim.

Ela não discute, ela tenta. Infelizmente depois de alguns parágrafos começa a arfar, então sugiro algo ainda mais idiota: — Papai tem um fax no escritório. Faça-o se lembrar como se usa aquele trambolho e peça para ele mandar folha por folha para o telefone que vou te dar.

E enquanto minha mãe rasga o livro e meu pai envia cada uma das 200 folhas — frente e verso — para o fax do escritório, eu dirijo como um louco para lá.

Uma cascata de papel me aguarda no chão da editora às escuras. Junto as folhas, deito no sofá da sala de espera e nas

próximas horas, no completo silêncio, ouço sua história ganhar palavras.

30

PRÓLOGO (OU EPÍLOGO, SE PREFERIR)

Foi assim que aconteceu, como uma trilha de sons: *screech, bam, clic*.

Correntes apertando-se ao redor da caixa torácica como uma jiboia ao redor de ossos.

Pedro estilhaçado como o vidro da sala; caído aos meus pés, cacos ao lado de cacos.

Sem chances de conserto com abraços.

Por dias sua imagem pairou ao redor como moléculas. Grãos de poeira, efeitos de luz: vivo em qualquer sentido que não o tátil.

Rodopiou na naftalina quando abri os diários, evaporou-se no ar quando os fechei. Uma certeza ruim e um sentimento bom; um e outro em rota de colisão.

Saudade e raiva se chocaram tantas vezes que não haveria linhas nesse livro para separá-las. Continuei amnésica, desta vez de fome e sono também.

O sol se punha e o barulho dos carros diminuía, e eu continuava a existir contra o tecido do sofá. Um sofá com cheiro de febre e declarações de amor delirantes. Macio e mole, que me dava pouca sensação de amparo.

Quando o estômago ousou roncar, disse para ele esquecer também. Cozinhar havia virado uma declaração, e eu não tinha mais para quem me declarar.

Eu cozinho você. Muito. Tanto que dói.

Tic tac.

O relógio solta um suspiro quando encontra o seis. A penumbra deixa o azul marinho e se transforma em cobalto. O laranja chega com os motores dos carros. Pessoas voltam para o trabalho, mas eu não. O despertador acorda como uma criança esfomeada.

Diferente do estômago, o despertador é um detalhe que não consigo ignorar.

Como uma mancha de molho na camisa; como a falta de um útero, como um violino desafinado.

Pego o despertador nas mãos, e a criança se estilhaça contra a parede.

Crash.

Foi assim o nosso final.”

DESTINO?

Capítulo 1.

Definitivamente, Destino.

Não sei por quê, mas naquela manhã pensei em destino. Talvez porque tenha assistido a um filme que questionava isso e a pergunta tenha ficado na cabeça: nossos caminhos estão escritos nas estrelas ou somos apenas corpos flutuando sem rumo no espaço? E tragédias, quando estas acontecem? São fruto do acaso ou acontecimentos muito antes planejados?

Lembro, e lá se vai um ano, que naquela manhã perdi o ônibus para a entrevista na Alpina. Também errei o andar e acabei chegando atrasada. Se eu tivesse pisado ali um minuto mais cedo ou mais tarde, teria sido vista por João? E se ele não tivesse me visto, teríamos um dia nos reencontrado?

Enquanto caminhava em direção à sala do editor, lembro de ter achado a falta de contornos do andar, inteiramente de vidro, afluente. Eu não sabia o que era aflição ainda; eu saberia em breve, quando pusesse os olhos no homem sentado dentro da caixa de vidro.

Claro que o noto, ele faz meu tipo. O tipo de beleza que demora algum tempo para assentar, mas quando assenta, rouba o chão. É estranho, mas ao vê-lo o peito aperta de saudades. Não é estranho ter saudades de alguém que nunca vimos?

E enquanto tagarelo sozinha na entrevista, penso também em acasos. Questiono se o tempo e o espaço, entediados com a mesmice das retas, não decidiram me pregar uma peça aquela manhã. Talvez tenham tentado me confundir, sem saber que confusão é meu nome do meio: “Vamos inverter as coisas; a gente apresenta primeiro o futuro e depois o presente”.

Mas ali, na minha frente, estava uma pessoa do passado. Um ex-amor que eu, de tanto amar e querer odiar, acabei apagando por inteiro da memória.

Para que você entenda o que aconteceu, peço que tenha paciência. Não fique com raiva de João — ou Pedro, se preferir —, porque eu mesma não sinto mais raiva. Sinto um único sentimento, e tenho certeza que antes do fim do livro saberá que nome dar a ele.”

“João Pedro cruzou meu caminho em um dia de sol. Conseguiu enroscar seu anel de caveira no meu cabelo, e por um capricho dos astros, nem seu anel saía do dedo, nem meu cabelo de seu anel. Quando um tempo depois o anel saiu, mandei ele nunca mais chegar perto de mim. O que ingenuamente não sabia é que o amor só precisa de proximidade para acontecer. Não dizem que os catorze não têm cura? No meu caso, não teve.”

“Ficamos juntos por seis anos bons e um ano ruim. O ano ruim culminou em um acidente em que perdi, além do futuro, o meu João. Por anos eu o odiei e me convenci de que todas as desgraças haviam sido causadas por ele. Passei a existir e só, sem saber que a mente de uma amnésica está longe de ser um lugar confiável. Eu vivia um tipo de pensamento de guerrilha: todo dia uma luta, sem linha de defesa fixa. Talvez por isso, por não saber o que era verdade ou não, tenha dado por anos as costas para a parede e lutado contra a vida como um animal arredo. Tenho certeza de que continuaria a viver em guerra comigo mesma se naquele dia, por um desses eventos fortuitos da vida, não tivesse parado na frente do inimigo.

Lá estávamos nós, lados opostos da trincheira. Ele um coração um dia perfeito, hoje trincado. Eu, uma garota sem futuro fugindo da ofensiva de um mundo adversário. Sob o mesmo teto, depois de anos, aconteceu o que já havia acontecido antes: a aproximação e o amor fizeram sua mágica, e eu me apaixonei pelo inimigo.

Foi como passar a morar com um ímã, com a pessoa que te apresentou a forma que o amor tem. Voltei à idade em que sentíamos urgência em orbitar ao redor do outro, e um olhar bastava para acender o dia. Era exaustivo resistir à tração de seu campo magnético. Seu sorriso tinha o efeito de anos de terapia; sua voz era a versão sonora do Prozac.

Não sei dizer o que Pedro planejava quando se aproximou. Não sei se intendia me contar tudo, ou apenas ver como eu estava. Hoje sei que nada disso importa. Ser João era tudo que ele precisava ser, o único remédio com o poder de me curar.

Lembro de uma canção antiga, que falava sobre essa crença de que há para duas pessoas que se amam um destino. E por muito tempo achei que isso não existia, que somos uma coisa depois da outra, nada maior nem especial. O que ninguém me avisou é que, se pensar assim, você não pode olhar para trás. E se olhar para trás, não demore a se virar de volta. Não há crença no acaso quando, ao olhar para o passado, você enxerga quem um dia amou acenando com saudades.”

“Um pouco antes da briga que culminou na volta das memórias, cometi um erro. *Tsc, tsc*. Quase trinta anos e ainda cometendo o erro de fazer sexo com amigos. Foi estranho, e foi lindo. No dia em que nos beijamos estava com raiva, porque descobri que ele tinha uma vida e estava seguindo em frente. Eu o confrontei e o arranhei. Queria puni-lo, e em retorno ele fez a única coisa que conseguiria me quebrar: ele disse que me amava. E amou. Como sempre amou, desde o primeiro dia.

Pode ser que nesse momento você questione a índole desse homem. Ele mentiu para mim, e dormiu comigo sem dizer quem era. Eu sei, tive ódio dele também. Não se engane, no entanto, ele não é o vilão dessa história. A vilã tem nome, e se ainda não sabe como ela se chama, feche o livro. O nome dela está estampado na capa.”

“O homem que partiu logo depois para outro país foi o homem que traí anos atrás. Que sofreu sozinho em uma quitinete alugada, onde achou que iríamos morar. Que me viu engravidar de outro. Que mesmo assim continuou a me querer bem.

Não sei dizer ao certo por que me afastei dele naquela época. Acho que o amor tem dessas coisas, alguns anos amamos mais, outros menos. Eu era uma garota ambiciosa que achava poder tudo. João era o garoto simples que nunca teve vergonha de querer pouco: ele só queria estar comigo. Essa era a sua fraqueza, e eu me achava fraca por amá-lo.

Acreditei piamente que voaria mais alto se o soltasse. Que meu destino era o céu, que era ele quem me puxava para baixo. Jamais esperei, ao tentar voar solo, despencar tão vertiginosamente. Só quando o soltei e caí é que entendi que era ele quem me fazia voar.”

“A vida não foi fácil depois do acidente, mas comparada à dor do último ano, não foi nada. Achei seriamente que desapareceria; que um dia acordaria ao redor, partículas flutuando como pó, sem contorno ou memória. Quanto engano, a vida não facilita as coisas tampouco aceita atalhos: ela exige que a gente ande. E eu fiz isso, eu andei. É engraçado que perdoar é como peregrinar. É uma jornada que fazemos com bolhas nos pés, mas que limpa a nossa alma. Hoje sei que João era nossa melhor metade. O ser humano perfeito ensinando o imperfeito a viver, e é com a sua ausência que eu preciso, hoje, andar.”

“Depois que fui despedida da Alpina, voltei para casa e segui o mapa que os diários indicavam. Encontrei vaga a quitinete que João alugou anos antes no centro da cidade, pedi a chave para visitá-la. Não é preciso dizer com o que a velha chave da quitinete se parece, preciso?

Arrumei um emprego e me mudei no mês seguinte para o apartamento minúsculo. Entre folhas perdidas do

diário decifrei outros enigmas. Finalmente entendi por quê, nos anos em que me recuperei do acidente, tatuei penas, flores, frases, desenhos e objetos sem saber explicar o motivo, além de uma vontade irrefreável de tê-los na pele. Era João ali, trapaceando o guardião de minhas memórias. Ele se fez presente durante todos os anos em que não estive ao meu lado. Os lírios, por exemplo. Entregues durante uma festa surpresa de aniversário, cujo perfume ficou marcado mais tarde, quando, entre lençóis, trocamos juras de amor. Ou minha necessidade de cantos e paredes. João me espremia até que eu ria, pedindo ar. Ele gostava de abraços apertados, sem ter ideia de que era assim que me colocava no lugar. Procurei paredes e cantos por anos, e na falta de braços, a dureza que me lembrava seu peito me bastava.

Ao lembrar disso, mais uma peça deslizou para o lugar.

Também fui atrás de pessoas do meu passado. Liguei para amigos que presenciaram a briga na festa. Procurei meu antigo chefe e pai do bebê que perdi. Também liguei para o irmão de João, e pedi que me contasse o que aconteceu aquela noite. Não o perdoei, mas vi seu arrependimento, e de alguma maneira aquilo me aquietou.

Devagarinho e sozinha, coleí a vida quebrada. Então um dia resolvi escrever.

Exigiu de mim um empenho titânico fazer João caber no papel. Ele é grande, e bom demais para minhas capacidades. Doeu, e eu chorei. Mas também ri, e quando escrevi o fim, achei a paz.”

Interrompo a leitura e aperto os olhos, travando os dentes para segurar as lágrimas. Eu me recuso a continuar lendo se decidir, ali,

seguir com a vida como fiz no último ano. Por que saber o final, se ela acabou de dizer que achou a paz?

Estou finalmente bem, mas não sei se ficarei bem se continuar. Estou com outra mulher, realizado no trabalho, estável. Não quero mais o vórtice que a vida virou quando a reencontrei.

Fecho o livro, vendo da janela Lisboa iluminada por faróis.

Ler ou não ler? Saber ou não saber o final?

Levanto do sofá, firmemente decidido a parar de ler.

A ÚLTIMA PEÇA

“O fim de toda nossa busca será chegarmos onde começamos e ver o lugar pela primeira vez.” — T. S. Eliot

Desejo a você, João, uma vida longa e plena, e o triplo da bondade e amor que me presenteou. Errei porque não vi, na hora certa, que você era tanto minha asa quanto meu chão. Quero que você tenha momentos de paz e conquistas, abraços que consertem a vida e amores que roubem seu ar. Você é um alquimista, o dono da fórmula que transformou minha dor em redenção.

Desejo a você filhos. Filhos que, ao conversar com a sua ex, soube que se recusou a ter. Ela disse que você se sentia culpado pela perda de uma criança, e que achava que, com essa matemática, faria justiça a mim.

Até isso descobri mais tarde sobre você. Você negou uma família porque eu nunca teria a minha. E apenas por isso, só por causa disso, poderia amar você para sempre. Por isso falo outra vez: desejo a você muitos filhos. Por favor desfaça a matemática; desiguale nossos números. O mundo será um lugar melhor se houver nele mais gente como você.

Sei que um dia você vai ler este livro, por isso quero que saiba que não importa onde ou com quem esteja, quero que seja feliz. Como sei que se importa, digo sincera: estou feliz também. A tormenta correu seu curso. Durante sua arruaça sofri, mas aprendi a viver nos meus próprios termos; hoje vivo em paz. Ainda tenho pesadelos, mas quem não tem? Não preciso mais de paredes, aprendi a me acalmar. Sua ausência é sentida,

claro, mas inteira, e não só braços. Sua memória foi completa e justamente restaurada.

Mas se alguém me perguntar como anda o coração, digo que ele é um paradoxo: está ocupado, mas vago. Falta você, mas no momento sua memória me basta.

João, você foi e continuará sendo meu sonho de menina, meu amor mais sincero, meu herói em um cavalo branco. Você é a última peça, só você poderia ter aberto este cadeado.

Por tudo isso, este livro é dedicado a você.”

Releio a última página tantas vezes que não noto quando aterrissamos no Rio. Pego um táxi em direção à livraria na Barra com um rojão encarcerado no peito.

Não sei dizer em que momento da noite decidi continuar a ler. Acho que foi depois que levantei do sofá e comprei a passagem. Não dava tempo de pegar roupa. Não dava tempo de avisar alguém. Terminei o livro dentro do avião.

Foi difícil ligar para Maíra, mas não foi difícil pedir desculpas. Pedirei perdão por anos, se precisar, mas naquele minuto precisava seguir o coração; ele é teimoso e sempre soube o que quer.

Procurei por Bia na internet e por uma conspiração do cosmo encontrei-a a 8.000 quilômetros de mim, para o lançamento do seu livro no Rio.

E aqui estou eu.

Os balões cor-de-rosa batem mansos no teto da livraria. Ao redor há uma aura de romance, embora aquele livro não tenha um final a dois.

Não tenha *ainda* um final a dois. É para isso que servem as segundas edições.

Antes de chegar à fila lotada de garotas, compro uma caixa de quebra-cabeças. Pego uma única peça e largo o resto sobre um banco. Giro a peça na mão, pensando nos próximos passos. Quais serão, não sei; mas sei em que direção eles me levam.

Lá está ela. Um ano mais velha, ainda mais bonita. Ainda mais mítica, se é que posso usar para uma mulher tal palavra. Aguardo na fila olhando-a por entre cabeças. Um ano depois, e eu ainda sinto fogos na barriga. O anuviamento das ideias, os pés sem chão. Penso em Fernando Pessoa, a quem li durante um ano nos fins de tarde passados nos charmosos botequins do Chiado:

Não sou nada.

Nunca serei nada,

não posso querer ser nada.

À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

E meu sonhos nunca foram simples, mas foram bem poucos. Mais precisamente, um.

Olho para a peça na mão. O coração bate forte, mas não bate sem medo: e se a peça que trago hoje for pequena para o espaço que ela guardou? E se elas não tiverem encaixe? Corro o risco de voltar para a caverna que foi o último ano, e os dias cinzentos que foram os anos antes daquele.

A última menina recebe o autógrafo e um sorriso. É minha vez.

Hora de descobrir.

Dou um passo à frente e estendo o livro para que autografe. As mãos tremem, e ela nota. Mão na caneta e braço apoiado na mesa, a mulher da minha vida sobe os olhos:

— Para quem quer que eu autografe...

Um segundo, é o tempo que ela me olha sem reação. Um segundo, e penso naquele vacilo à borda do primeiro beijo. Aquele segundo antes do pulo, o momento em que as mãos se ajustam ao cabo da espada acreditando poder arrancá-la da pedra.

É engraçado comparar aqueles que nos conquistam como saqueadores. Proclamá-los danosos, declará-los falhas. O que a terra acharia da planta que cresce sem rumo por toda a sua extensão? Que usurpa cada centímetro seu, que floresce em você com a força do corpo e da alma? A terra se detestaria por ser tão

fértil? Tão certa? É nesse segundo que me dou conta de que Bia jamais seria uma erva daninha. Que existe diferença entre ervas daninhas e plantas endêmicas, e Bia é uma espécie endêmica no meu coração.

— Autografe para João.

Ela abre a boca, mas não fala. O segundo passa e ela reage. Sei finalmente, pelo jeito com que me olha, que se alegra. Seus olhos sorriem mais azuis que os céus dos dias elétricos.

Deslizo a peça sobre a mesa, devolvendo-a oito anos depois.

Ela larga a caneta e se levanta. Sobe em cima da mesa, e meus braços estão prontos quando ela se joga. Encaixo-a finalmente em um abraço do qual ela nunca mais vai conseguir se soltar.

Nem quer, e nem vai tentar.

EPÍLOGO

Os anos passaram.

Homens pousaram em Marte, e eu continuei a amá-la. O Brasil foi campeão pela sétima vez, e celebrei em seus braços. Calendários perderam as folhas, estações mudaram, os anos levaram pelas mãos meus pais e os dela, e o meu amor continuou intacto.

Filhos vieram. Um de longe, de um país distante, outro de uma vizinhança pobre. Ambos meninos chegaram fracos, desbotados pelo sofrimento, magrinhos como passarinhos. Ambos foram amados com loucura, e acharam em mim um chão e nela asas. Viraram parte de nossas vidas, plantas fortes em nosso jardim, e ali ganharam cores. Cresceram como tudo cresce quando encontra amor.

Foi uma vida cheia. De passeios em parques, quartos coloridos, festas barulhentas de aniversários, choros embalados em abraços. De tarefas de casa, viagens nas férias para expandir o mundo e carinhos quando seus corações foram machucados. Foram filhos, companheiros, amigos. Vestibulares vieram, eles partiram e eu continuei louco por ela.

Ficamos só nós dois na casa vazia, os meninos longe, voando por outras paragens. Eu escrevendo e ela lendo, porque livro escrito, mesmo, ela só se aventurou a escrever um, aquele que me trouxe de volta.

Nas vezes que olhei para o passado, só senti paz. O trabalho sempre foi farto, e só faltou uma vez. Mas não foi meu trabalho o ápice da vida, ou a minha realização mais fantástica. Se eu pudesse resumir a vida, espremer dela uma única gota como se faz com a matéria-prima que se transforma em essência, o que pingaria é ela.

A essência da minha vida, o meu perfume. O motivo de girar a chave da porta de casa no fim do dia e sorrir porque ela está lá. O corpo deitado ao meu lado todas as noites, os dedos entrelaçados de madrugada, a sensação de que fui agraciado pela sorte.

E se pudesse tirar daquela gota algo ainda mais especial, ainda que menor, sairia um segundo. O segundo que resume tudo, que

começou no momento em que apareci anos atrás na livraria com a roupa do corpo, com fome e com sede, e recebi dela um abraço.

Segundos que se prolongaram no táxi a caminho do seu hotel, um trajeto feito com o peito comprimido e olhos úmidos, os dedos agarrados aos dela enquanto ela olhava pela janela contrária.

O som da chave entrando na porta e o *clic* dela se fechando.

Quatro paredes, eu e minha outra metade. Um festejo de fogos no estômago, o que parecia um século de palavras não ditas, entaladas.

Ela remexia tímida a chave nas mãos, sem saber se me reconhecia, me conhecia ou me estranhava. Intervalos demais entre instantes de felicidade. Tragédias que nunca foram conversadas, mentiras nunca explicadas, distâncias que pareciam intransponíveis na época. Tudo por causa de uma declaração feita via livro, e um voo impulsivo sobre o Atlântico.

Será que estávamos preparados para o próximo passo? Viver como apenas tinha sonhado em viver com ela, sem perguntar por que me traiu, sem ouvir de mim por que tanta mentira, e o ano em que só ouvi silêncio, sem saber o que a impediu de dizer que tinha me perdoado. Será que estávamos mesmo preparados para o próximo passo? Para a entrega sincera e a aliança que se instala quando duas pessoas confessam se amar?

Minha resposta é: será que estamos algum dia preparados?

Acontece que esse momento não é o mais memorável por acaso. Ele aconteceu tanto tempo atrás, na época em que ainda éramos jovens, sem cabelos brancos nem pele enrugada. Ele aconteceu antes dos meninos, antes da demissão na Alpina, antes dos meses sem trabalho e da falta de dinheiro.

Ainda assim ele foi o momento mais precioso da minha vida.

Foi quando notei (e essa é uma daquelas coisas que você só pode falar por si mesmo, e jamais pelo outro) que o passado só interessa a quem não o resolveu por completo. Meu passado foi perdoado, ela foi perdoada. Nunca tive espaço no peito para sentimentos como o rancor ou a mágoa. Eles tomam lugar, e estava tudo ocupado por ela. Da minha parte só havia um corpo pulsando em sua direção, latejando como um machucado, implorando pela vazão que só seu toque curava.

Ela mexe o sapato no carpete, evita me olhar. Sei que pensa no livro e em tudo que escreveu, mas não consegue dizer em voz alta. Sei que busca forças, que luta para tirar as letras de dentro dela, porque as palavras não vêm.

— Você deve estar se perguntando por que eu escrevi um livro em vez de te procurar — ela diz finalmente.

Seguro o sorriso. Como amo ouvir sua voz.

— É uma boa história.

Ela me olha. Engole em seco, volta a olhar para baixo.

— Não quis lucrar com ela, se é o que está pensando.

Trabalho com livros, dizer aquilo é quase fazer uma piada.

— Tal ideia sequer passou pela minha cabeça.

Ela continua a falar, mas eu me perco em seu cheiro. Seu cheiro é bom e faz bem para a alma.

— ...tudo que eu disse é verdade.

— Eu sei.

— Eu traí você. Eu nunca dei a você a chance de se explicar.

Seus olhos se enchem de lágrimas. — Mas você mentiu para mim, e eu estava tão frágil! Eu odiei tanto você, João! — ela encosta os punhos nos olhos. — E odiar você me fez mal. Era como odiar a mim mesma, que tinha a cada três centímetros no corpo uma imagem que me lembrava você. Mas minha mente é teimosa, insistia em te querer, parecia aguardar comandos seus, e o coração...— ela abaixa as mãos e balança a cabeça, como fazemos quando nos deparamos com coisas sem conserto: — Esse miserável é um rendido. Sempre foi.

— Eu sei.

— Você só vai dizer isso? Que sabe?

Quando ela ergue os olhos vê que estou mais perto. Meus olhos estão nela, na boca que passei tempo demais sem beijar, no rosto que nunca mais pude segurar entre as mãos.

Ela dá um passo para trás, acuada.

— Como pode me perdoar?

— Por que não te perdoaria?

Seus braços tombam, e ela exala.

— Deus, eu havia me esquecido como você é melhor que eu.

— Não sou melhor. Você também me perdoou. E me perdoou porque gosta de mim.

Ela bufa: — *Gosto?*

E lá está o meu momento.

— Não *gosto* de você, João. Eu amo você. Você é tudo pra mim.

Chego, finalmente, ao fim daquela viagem. Meus dedos traçam uma linha em seu braço, deixando uma trilha de pelos arrepiados.

— Senti tanto a sua falta — diz, e um último suspiro deixa seu corpo antes que ela escore a testa em meu peito.

— Estou aqui.

Minhas mãos acariciam seus ombros, apertam sua pele, e a boca encosta em sua testa. Fecho os olhos, esperando o coração parar de dar coices no peito para continuar.

— Por favor, João, diga que veio para ficar. Que me ama, nem que seja um pouco. Nem que seja o suficiente para a gente começar de novo.

Descolo os lábios da sua testa. Hora de tomar o que é meu. O que sempre foi, sempre será.

Encaixo o corpo em suas curvas, sinto cada centímetro de pele. Meu corpo inteiro gosta dela. Ainda assim ela não para de falar.

— Não faça amor comigo e cruze de novo esse maldito oceano. Eu me lembro, agora.

Entendo seu recado. Dizer que se lembra é sua declaração. Ela se lembra do amor ensandecido, das noites coladas, da troca íntima de sentimentos e fluidos, de projetos que vislumbravam um futuro a longo prazo. Não há mais amnésia que a proteja.

— O que não escrevi no livro é que a vida não tem graça sem você.

Ela sorri. Lança um olhar que envolve mais que olhos e me beija com mais que boca.

E lá está o abismo.

E você, em queda livre mais uma vez.

Não existe nem existirá momento na sua história mais aterrorizante que saltar no vazio na esperança de que algo tão etéreo como o amor vá te segurar. O que acontecerá com você depois do pulo não está exatamente nas suas mãos. Está nas mãos

das estrelas, do acaso, na inevitável sucessão de eventos desencadeados por um arbítrio não-tão-livre-assim.

Nossa queda será lembrada como uma tragédia ou como o dia em que descobrimos ter asas? Foi fruto da nossa inconsequência ou acontecimentos muito antes planejados?

Aqueles que arriscam e são pegos no ar entendem por que dentre todos os momentos esse é e sempre será o mais poderoso. O momento mais intenso e assustador da vida, e ao mesmo tempo, o mais recompensável.

Amor é a razão do por que acreditamos que mares podem ser cruzados e montanhas escaladas. Que voamos até as estrelas para tocá-las, porque apenas sonhar com elas não basta. O universo é sábio. Embora fruto de uma explosão, entende que só deu certo porque uniu seus elementos. Este é um universo que recompensa quem ama muito, e sempre.

Pule, é meu conselho.

Confie que alguém estará de braços abertos e salte.



fim

PEQUENA NOTA SOBRE JOÃO PEDRO E BIA



Para mim, Pedro e Bia são arquétipos. Para quem não sabe o que é um arquétipo, eles são figuras que nos ajudam a dar forma a um conjunto de ideias e emoções difíceis de serem explicadas. Pedro é o arquétipo do amor perfeito. Aquele que todos desejamos que exista, escrito nas linhas invisíveis de estrelas distantes. Bia é a nossa essência falha, a que acerta por tentativa e erro e mais erra que acerta (e que quando erra, se pune).

A Bia é a nossa imperfeição, ela existe. Na minha cabeça, nos consultórios dos analistas ou na amiga que viveu algo ruim. Foi da psicanálise que ela saiu, do mundo que a gente guarda escondido e do qual não temos quase nenhum vislumbre. Cada ato dela foi, ao mesmo tempo, um gesto de proteção e a prova de que não nos esquecemos de nada. A mente consciente tentou protegê-la com a amnésia, mas a inconsciente não estava disposta a deixá-la. Desse embate saíram os seus sintomas, e Bia era um poço deles.

Sobre Pedro, duvido que ele exista. Não em sua totalidade, pelo menos. A perfeição de seu amor está por aí, mas em partes, espalhado por corredores de colégios, distribuído em ex-namorados diferentes. Não espere encontrá-lo inteiro em alguém; não deseje o impossível, festeje o possível e o realizável. Amor é troca e imperfeição, e, embora não venda livros, é lindo de se viver. Espero de coração que encontre grande parte dele naquele por quem arriscou saltar. Se ele não estava lá embaixo de braços abertos e você quebrou a cara, junte-se à enorme multidão que também se estatelou, mas continua a procurar. Sempre haverá penhascos e amores, e por sorte, mais braços abertos que machucados.

OUTRAS OBRAS

Um livro ganha o mundo através do mais simples dos gestos: **a sua recomendação**. Se você gostou de A Última Peça, recomende-o para um amigo! Deixem também sua opinião na [Amazon](#), [Skoob](#) ou [Goodreads](#) para que outros também o conheçam!



Se quiserem ler mais sobre o que escrevo (e tem 18+), conheça:

Fantasia

[A Jornada das Bruxas](#)

Romance Adulto

[Sessenta Noites em Trindade](#)

[Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2](#)

[Sexo, Amor & Outros Estragos](#)

[Selvagens](#)

[Mascarado](#)

[A Morte e a Donzela — Parte I](#)

A Luz e a Escuridão — Parte II

(Continuação de *A Morte e a Donzela*)

As Leis do Amor

O Lado Bom do Inferno

Contos e Antologias

[Spin-off de Selvagens: a história de June e João](#)

[Homens de Farda: “O Lado Bom do Inferno”](#)

[Doze por Doze: “Janeiro”](#)



Quer se curar através da escrita? www.ocaminhointerior.com

Quer me conhecer? Clique aqui!

www.karinaheid.com.br

Ah, e A Última peça está no Spotify! Clique [aqui](#) e ouça as canções que inspiraram o livro!

Se quiserem saber o que faço além de escrever, dá uma olhadinha aqui:

www.ocaminhointerior.com



SOBRE A AUTORA



Karina Heid é psicóloga, mestre em Aconselhamento Clínico pela Universidade de Valparaíso, nos EUA, mas antes disso foi um monte de outras coisas. Em 2005 casou com um aventureiro de pés no chão e juntos moraram cinco anos nos EUA e dois na Romênia. Lá escreveu seu primeiro livro, **A Jornada das Bruxas**, e desde então nunca mais parou de escrever. Desde que retornou ao Brasil teve um conto publicado em uma antologia juvenil, lançou livros e ganhou um prêmio literário pelo livro *A Última Peça*. Para ela, escrever é fazer magia. É fazer mágica que transforma linhas em parágrafos e sonhos em universos. É em um desses universos que ela anda vivendo ultimamente.

www.ocaminhointerior.com.br
karinaheidr@gmail.com

